

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**

Lovania Roehrig Teixeira

**INDEXICAIS E OPERADORES-MONSTROS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Florianópolis

2012

Lovania Roehrig Teixeira

**INDEXICAIS E OPERADORES-MONSTROS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-graduação em Linguística como
requisito parcial para a obtenção do
Grau de Mestre em Linguística.
Orientador: Prof. Dr. Renato Miguel
Basso

Florianópolis

2012

Lovania Roehrig Teixeira

**INDEXICAIS E OPERADORES-MONSTROS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Esta Dissertação foi julgada aprovada para a obtenção do Título de “Mestre em Linguística”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística.

Florianópolis, 15 de Março 2012.

Prof. Dr. Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenador do Curso

Prof. Dr. Renato Miguel Basso
Orientador

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Arthur Pagani

Prof. Dr. Roberta Pires de Oliveira

Prof. Dr. Rodolfo Ilari

Aos que eu amo e aos que me amam.

We are like dwarfs sitting on the shoulders of giants. We see more, and things that are more distant, than they did, not because our sight is superior or because we are taller than they, but because they raise us up, and by their great stature add to ours.

John of Salisbury, *Metalogicon*, 1159.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo abordar as principais ideias sobre a indexicalidade e sobre as questões que ainda são motivo de desacordo em relação ao fenômeno.

Para dar conta disso, no Capítulo 1 apresentamos a principal teoria semântica para os indexicais, proposta por Kaplan (1989). Essa teoria tem as seguintes linhas gerais: define os indexicais como termos diretamente referenciais e como designadores rígidos; classifica-os em indexicais puros e demonstrativos; caracteriza-os como termos que são sempre dependentes do contexto de proferimento *hic et nunc*; e trata o significado desses itens como sendo composto por duas funções, o caráter e o conteúdo. Se, por um lado, essa distinção representa um dos méritos da teoria de Kaplan (1989), por outro lado, a teoria dos indexicais proposta pelo autor é muito criticada por causa da proibição contra operadores-monstros e indexicais monstruosos em língua natural.

O segundo capítulo apresenta as refutações de Schlenker (1999, 2003, 2010) em relação à Kaplan (1989), principalmente no que diz respeito à proibição da existência de operadores-monstros e indexicais monstruosos. Apoiado em línguas como o amárico e o inglês, Schlenker argumenta que o operador de atitude pode ser um operador-monstro em alguns casos. Na verdade, sempre que houver uma indexical com o comportamento monstruoso na sentença, há um operador de atitude atuando. No entanto, também podem ser encontrados indexicais kaplanianos no escopo do operador de atitude. Apresentamos, também, os critérios estabelecidos pela teoria de Schlenker (1999, 2003, 2010) para encontrar operadores-monstros e indexicais monstruosos nas línguas naturais. Com base neles, analisamos alguns indexicais do domínio temporal do PB; as expressões ‘em dois dias’ e ‘dois dias atrás’ se adequaram aos critérios de Schlenker. Assim sendo, essas expressões podem ser avaliadas num contexto diferente do contexto de proferimento (c^*). Além disso, foram feitas algumas especulações em relação ao indexical ‘aqui’, que pode ser considerado um indexical monstruoso se for aceita a ideia de que apesar do termo não estar expresso em algumas sentenças, ele tem papel fundamental na interpretação dessas sentenças.

No terceiro capítulo, lidamos com os problemas decorrentes da relação entre o discurso metaficcional (sentenças sobre ficção) e as expressões

indexicais. Isso foi feito pelas suspeitas de que a interpretação de certas sentenças metaficcionalis pode exigir mudanças nos contextos de avaliação dos indexicais. Essa suspeita foi fundamentada pela abordagem de Predelli (2008), em que é proposto um operador-monstro-modal. Verificamos que, de fato, afirmar a existência de indexicais monstruosos no discurso metaficcional e utilizar uma teoria baseada em operadores-monstros explica os casos em tela de maneira adequada e econômica. Para dar conta da sentença metaficcional ‘*Eu acho que eu poderia morar mais perto dela*’, para qual o operador-monstro-modal de Predelli (2008) é insuficiente, propomos, no Capítulo 3, o operador metaficcional (BASSO; TEIXEIRA, 2011)(ampliação do operador de Predelli). Esse operador tem por incumbência modelar que o agente do contexto do segundo ‘eu’ e o indivíduo apontado, representado pelo indexical ‘dela’, devem ser fixados no contexto ficcional.

Por fim, verificamos que para dar conta dos indexicais monstruosos encontrados no PB, analisados nos Capítulos 2 e 3, é necessário que as concepções de operadores-monstros e de indexicais monstruosos de Kaplan (1989) sejam assumidas, visto que as de Schlenker (1999, 2003, 2010) são muito estreitas e não permitem que os indexicais monstruosos do discurso metaficcional sejam avaliados de maneira satisfatória.

Palavras-chave: Semântica. Operadores-monstros. Indexicais monstruosos. Sentenças metaficcionalis. Mudança nos contextos.

ABSTRACT

This dissertation aims to investigate indexicals, highlighting the main related issues that have causing divergences in the literature.

The first chapter presents the main semantics approach for indexicals, proposed by Kaplan (1989). Basically, this theory exploits indexicals according to the following lines: it defines them as directly referential terms and rigid designators; it classifies them as pure and demonstratives; it characterizes them as terms that are always dependent on the utterance context *hic et nunc*; and, finally, it deals with their meaning as being composed by two functions: the character and the content. If on one hand this distinction represents one of the most important merit of the Kaplan's theory, on the other hand, it is criticized by prohibiting operators and indexicals monsters in natural language.

The second chapter presents the refutations of Schlenker (1999, 2003, 2010) to Kaplan, with respect to the prohibition against operators and indexicals monsters. Supported by languages such as Amharic and English, Schlenker has argued that the attitude operator can be a monster operator, in some cases. In fact, whenever there is an indexical with monstrous behavior in the sentence, there is an attitude operator acting. However, it may also exist kaplanian indexicals under the scope of the attitude operator. We also present the criteria established by Schlenker to find operators and indexicals monsters in natural languages. Based on that, we have analyzed some indexicals in the Brazilian Portuguese temporal domain, which have shown that expressions like 'em dois dias' and 'dois dias atrás' are monsters indexicals. Hence, they can be evaluated in a different context than the utterance context (c^*). Finally, we also have speculated the indexical 'aqui', which can be considered a monster indexical, since we accept that, although the word 'aqui' is not expressed in some sentences, it plays a fundamental role in their interpretation.

In the third chapter, we deal with the problems arising from the relationship between the metafictional discourse (sentences about fiction) and the indexicals expressions. The interpretation of some sentences related with the fiction, may require shiftings in the contexts. It has been supported by the Predelli's approach, which proposes a monster-modal-operator for these cases. In fact, we verify that to claim the existence of the indexicals monsters in metafictional discourse and to use the operators monsters theory to describe the cases in question is

a elegant and a economic explanation.

In addition, to take into account sentences like '*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*', in which the operator-monster-modal of Predelli (2008) is insufficient, we propose the metafictional operator (BASSO; TEIXEIRA, 2011) (extending operator Predelli (2008)). This operator focus on modeling that the agent of the context of the second 'eu' and the appointed person, represented by the indexical 'ela', both must be set in the fictional context, unlike the first 'eu', that has its value set in the context of utterance.

Finally, it worth to notice that explaining the indexicals monsters found in Brazilian Portuguese (Chapters 2 and 3) requires to assume as correct the Kaplan's conceptions about operators and indexicals monsters, since the conceptions of Schlenker are narrow and do not allow to account the metafictional indexicals monsters.

Keywords: Semantics. Operators monsters. Indexical monsters. Metafictional sentences. Context shifting.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Classificação dos indexicais por autor.	29
Figura 2	Terminologia de Kaplan para contextos e mundos possíveis.	32
Figura 3	Restrições sobre as coordenadas do contexto bem-formado	35
Figura 4	Kaplan: caráter e conteúdo dos indexicais.	43
Figura 5	Schlenker: caráter e conteúdo dos indexicais.	43
Figura 6	Indexicais, nomes próprios e descrições.	48
Figura 7	Expressões indexicais e não-indexicais.	49
Figura 8	Correspondências das teorias do significado de acordo com Kaplan.	49
Figura 9	Relação operador de atitude <i>versus</i> indexicais.	83
Figura 10	Comportamento dos indexicais sob o escopo do operador de atitude.	84
Figura 11	Expressões dependentes do contexto investigadas por Schlenker.	86
Figura 12	Critérios para indexicais modificados.	91
Figura 13	Orientação temporal dos indexicais sob análise.	94
Figura 14	Critérios para indexicais modificados no PB.	102
Figura 15	Tipologia dos indexicais de Schlenker (1999).	107
Figura 16	Quadro sinótico das propostas apresentadas para a sentença (102).	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 DAVID KAPLAN E AS EXPRESSÕES INDEXICAIS	23
1.1 PRINCÍPIOS DA TEORIA DE KAPLAN	29
1.2 A RELAÇÃO DO CONTEXTO COM OS TERMOS DIRE- TAMENTE REFERENCIAIS	33
1.2.1 Contextos próprios e contextos impróprios	35
1.2.2 Esclarecimentos sobre os interesses de Kaplan	37
1.3 O SIGNIFICADO DOS INDEXICAIS	41
1.3.1 Caráter	41
1.3.2 Conteúdo	42
1.3.3 Condições de verdade para os indexicais	44
1.4 EXPRESSÕES NÃO-INDEXICAIS E INDEXICAIS	44
1.4.1 Expressões não-indexicais	44
1.4.2 Expressões indexicais	45
1.4.3 Significado - Kaplan <i>versus</i> Frege	49
1.5 PREVISÃO DE KAPLAN PARA O DISCURSO INDIRETO	52
1.6 OPERADORES-MONSTROS NÃO EXISTEM	53
1.7 OS PONTOS DE TENSÃO DA TEORIA DE KAPLAN ...	56
1.7.1 As leituras <i>de se</i> contra a previsão para o discurso indireto	58
1.7.2 Existem operadores-monstros? Talvez nos próxi- mos capítulos	59
1.7.2.1 Domínios e operadores-monstros: características gerais ..	60
1.8 SUMÁRIO	62
1.9 APÊNDICE: COMO TRABALHA A TEORIA DE INDE- XICAIS DE KAPLAN	64
2 MONSTRO: OPERADOR DE ATITUDE	67
2.1 AS DIFERENÇAS CONCEPTUAIS ENTRE KAPLAN E SCHLENKER E OS ARGUMENTOS PARA OPERADORES- MONSTROS	67
2.2 REFUTAÇÃO SEMÂNTICA DA TEORIA KAPLANIANA DO DISCURSO INDIRETO	71
2.2.1 Pronomes logofóricos	73
2.2.2 PRO	77
2.2.3 O operador de atitude e sua relação com o caráter e o conteúdo	79

2.3	REFUTAÇÃO SEMÂNTICA DE SCHLENKER A KAPLAN QUANTO AOS INDEXICAIS MODIFICADOS	82
2.3.1	Schlenker e o comportamento monstruoso no domínio temporal	85
2.4	PB E O COMPORTAMENTO MONSTRUOSO DOS INDEXICAIS NO DOMÍNIO TEMPORAL	91
2.4.1	Dependência do contexto	93
2.4.2	Indexical estrito	94
2.4.3	Não estar sendo citado após o operador de atitude .	96
2.4.4	Interpretação <i>de se</i> após um operador de atitude ..	97
2.5	PB E AS SUSPEITAS SOBRE A EXISTÊNCIA DE INDEXICAIS MONSTRUOSOS DE LUGAR	102
2.6	OS ELEMENTOS DA TEORIA DE SCHLENKER	105
2.7	COMENTÁRIOS IMPORTANTES SOBRE AS CONCEPÇÕES DE SCHLENKER E DE KAPLAN	108
2.8	SUMÁRIO	110
3	MONSTRO: OPERADOR MODAL	113
3.1	SENTENÇAS LIGADAS À FICÇÃO	114
3.2	SENTENÇAS FIC E FAT: ALGUNS COMENTÁRIOS	116
3.3	SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM TRADICIONAL (AT)	117
3.4	SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM DE MUDANÇA DE CONTEXTO (AMC)	122
3.5	SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM MONSTRO (AM)	126
3.6	ENCONTRANDO MAIS INDEXICAIS MONSTRUOSOS EM SENTENÇAS METAFICCIONAIS	130
3.6.1	Exaurindo alternativas de análise	133
3.6.2	Operador-monstro-metaficcional: ampliação do operador-monstro-modal	135
3.7	OPERADORES-MONSTROS E INDEXICAIS MONSTRUOSOS: DIFERENÇAS NOS CONCEITOS APRESENTADOS	139
3.7.1	A concepção de operador-monstro e indexical monstruoso mais adequada para as línguas naturais	140
3.8	SUMÁRIO	141
	CONCLUSÃO	143
	REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar e discutir algumas das questões semânticas e filosóficas que cercam os indexicais através da apresentação de algumas das teorias sobre esses termos linguísticos. Procuramos contemplar os aspectos mais gerais e importantes que envolvem o assunto, já que abordar todas as discussões, se isso é possível, é trabalho para mais do que uma dissertação. Com isso, já pedimos desculpas por, possivelmente, não serem tratados alguns dos tópicos que o leitor esperava encontrar neste texto.

As questões linguísticas que cercam as expressões indexicais parecem simples a partir de uma observação superficial, tão simples e presentes no cotidiano de uma língua natural quanto a sentença em (a).

(a) *Eu* estou¹ feliz.

Essa sentença é proferida e interpretada por qualquer falante do português brasileiro (PB). No entanto, sabemos que para uma teoria linguística, mais especificamente semântica, não é correto dizer que a sentença em (a) envolve questões menos complexas do que a sentença em (b).

(b) *Julia* está feliz.

Em (b) observamos um item linguístico, um nome próprio, que possui um referente fixo e único (deixando de lado a vasta discussão sobre como um nome próprio se refere a seu referente) e que está por um indivíduo; em (a), por sua vez, também há um termo que está por um indivíduo, no entanto esse termo, o indexical, veste-se com um novo referente toda vez que uma pessoa profere ‘eu’. Como explicar com uma teoria semântica a dinâmica troca de referentes que ocorre nos diferentes usos dos termos indexicais? Como explicar formalmente a atribuição de significado de um termo como esse, feita pelo falante? Essas questões e tantas outras serão tratadas nesta dissertação e as suas respostas serão trazidas, ao longo do texto, a partir de autores como Kaplan (1989), Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) e Predelli (2008), entre outros. Através do percurso teórico proporcionado pela avaliação de algumas das ideias

¹Os morfemas temporais também são considerados indexicais, no entanto não serão tratados nesta dissertação.

norteadoras de cada uma dessas teorias, esperamos apontar algumas respostas possíveis para as principais questões que cercam os indexicais. No entanto, não se pode fugir da possibilidade de que nenhuma delas satisfaça todas as expectativas.

Em linhas gerais, esta dissertação é composta por três capítulos que apresentam uma das principais teorias semânticas acerca dos termos indexicais, a teoria de Kaplan (1989), uma das mais abrangentes refutações e contra-propostas em relação a essa teoria, de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), e uma proposta para o discurso metaficcional, de Predelli (2008), que se alia à segunda para validar as refutações feitas à primeira, já que as sentenças metafissionais relacionam os contextos não-ficcional e ficcional e, por isso, podem ter operadores-monstros e indexicais monstruosos, o que vai contra a proibição da existência de monstros de Kaplan (1989). Vamos explicitar o conteúdo dos capítulos de maneira mais detalhada na sequência.

No Capítulo 1 é apresentada a mais importante, e ainda hoje, a mais discutida teoria sobre indexicais - a teoria de David Kaplan (1989). Desenham-se em linhas gerais as suas bases, a teoria da referência direta e os indexicais como designadores rígidos, herança da teoria de Kripke (1980). Em seguida, expõe-se como lidar com o significado dos indexicais, como, por exemplo, o valor semântico de ‘eu’ na sentença em (a), que recebe uma interpretação em relação a cada diferente proferimento da sentença. Em relação a esse aspecto, são apresentadas as duas funções que são propostas pela teoria kaplaniana para que seja atribuído valor semântico aos indexicais e/ou às sentenças contendo expressões indexicais, que são o caráter e o conteúdo. O caráter dos indexicais é uma função que associa a cada indexical um conteúdo a partir de um dado contexto, ou seja, é uma função de contexto para conteúdo e o conteúdo é uma função de mundos possíveis (circunstâncias de avaliação) para valores de verdade, no caso de uma sentença. Ainda em relação à teoria kaplaniana, no Capítulo 1 são discutidas as previsões para o discurso indireto e a negação da existência de operadores capazes de modificar o contexto em que são avaliados os indexicais; tais operadores são chamados de ‘monstros’ por Kaplan, nomenclatura que é assumida nesta dissertação.

No Capítulo 2 são apresentadas as refutações em relação à teoria kaplaniana apontadas em Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) e outros. Essas contestações se concentram na previsão para o discurso indireto, apresentada em Kaplan (1989), que afirma que em um relato de proferimento como em (c), que reporta o que Julia disse em (a), a natureza indexical do discurso direto (o proferimento do indexical ‘eu’

por Julia em (a)) é perdida no relato, o que vemos que é o caso para o PB, no mínimo para a situação em questão.

(c) Julia disse que *ela* é feliz.

No entanto, há línguas como o amárico em que isso não ocorre, ou seja, o indexical usado no proferimento, *e.g.*, em (a), é conservado no relato desse proferimento, *i.e.*, o mesmo item lexical permanece se referindo a Julia no proferimento (discurso direto) e no relato do proferimento (discurso indireto).

Além da previsão para o comportamento dos indexicais no discurso indireto, outra crítica que recai sobre a teoria de Kaplan (1989), debatida em Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), é a negação feita pelo primeiro de que possam existir, em língua natural, operadores que modificam o contexto de fixação das expressões indexicais. Esses são os operadores-monstros, que de acordo com Schlenker são os verbos de atitude e os verbos *dicendi*, que foram encontrados modificando o contexto de avaliação de alguns indexicais no amárico, no inglês e no francês. No PB também encontramos indexicais com comportamento monstruoso após verbos de dizer, especificamente, ou seja, expressões indexicais sendo avaliadas em outro contexto que não o contexto de proferimento, como ‘em dois dias’ e ‘dois dias atrás’. Conforme pode-se notar as expressões indexicais monstruosas encontradas no PB se ligam à coordenada de tempo do contexto, ou seja, pertencem ao domínio temporal, e por serem monstruosas são avaliadas/fixadas no contexto reportado (c') e não no contexto de proferimento (c^*). Por conta de dados como esses, pode-se afirmar que existem operadores-monstros e indexicais monstruosos em línguas naturais e que a negação de Kaplan está equivocada.

O Capítulo 3, por sua vez, tem como tema principal o operador-monstro-modal, proposto por Predelli (2008), que atua no discurso metaficcional e, especificamente, no domínio modal; ele se relaciona aos indexicais ligados à coordenada de mundo e de tempo do contexto, como o indexical ‘na realidade’. O operador-monstro de Predelli pode modificar o mundo e o tempo em que os indexicais ligados a essas coordenadas e presentes em sentenças metafissionais são avaliados. A abordagem desse operador é importante, nesse momento, para que sejam reunidos mais argumentos em favor da existência de operadores-monstros e indexicais monstruosos em línguas naturais (avaliados em outro contexto c que não o contexto de proferimento). Assim, o operador-monstro-modal tem como papel fundamental dar mais corpo

à concepção de que operadores-monstros são deveras importantes para dar conta dos fenômenos indexicais em línguas naturais, especialmente, no discurso metaficcional. O operador de Predelli (2008) é um operador que por vezes está oculto na estrutura sentencial e por vezes, está explícito. Esse último caso se dá quando observamos nas sentenças locuções da forma ‘de acordo com a ficção x’, ‘na peça de teatro x’ e ‘no filme x’, etc.

Após a exposição do funcionamento e da importância do operador-monstro-modal, ainda no Capítulo 3, apresentamos e analisamos um caso do PB, para o qual propõe-se um operador mais amplo que o operador de Predelli (2008), o operador metaficcional, que, para dar conta do caso do PB, deve atuar sobre o domínio pronominal, além do domínio modal e temporal.

Na conclusão afirmamos que os estudos sobre a indexicalidade, em específico no PB, ainda têm um longo caminho a trilhar, principalmente no que diz respeito à semântica do fenômeno e dos elementos que o circundam como os operadores-monstros e o contexto. No entanto, pode-se concretamente dizer que esta dissertação deu os primeiros passos com o esclarecimento da teoria clássica e seus pontos fracos e, principalmente, com alguns dados do PB de que o operador de atitude é um monstro e que pode modificar o contexto em que são avaliados os indexicais. Mas ficam, ainda, as tarefas de serem encontrados mais exemplares de indexicais monstruosos e, talvez, novos operadores que desencadeiem esse comportamento, negado por Kaplan (1989) e reestabelecido por Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) e Predelli (2008), entre outros.

1 DAVID KAPLAN E AS EXPRESSÕES INDEXICAIS

David Kaplan, filósofo americano, foi um dos pesquisadores que mais profundamente estudou as expressões indexicais¹, contemplando seu comportamento semântico, lógico e epistemológico. Deve-se a Kaplan toda a base teórica sobre a qual se debruçam semanticistas e filósofos da atualidade no estudo dos indexicais². O artigo sobre expressões indexicais mais conhecido do autor é *Demonstratives*, que foi lido em 1977 em um simpósio sobre demonstrativos e teve sua primeira impressão mais de dez anos depois, em 1989.

As expressões indexicais, segundo Kaplan, são um grupo de palavras que incluem pronomes como ‘eu’, ‘meu’, ‘você’, ‘ele’ e ‘dele’, pronomes demonstrativos como ‘aquele’ e ‘aquela’, advérbios como ‘aqui’, ‘agora’, ‘amanhã’ e ‘ontem’, e adjetivos como ‘real’ e ‘atual’, além dos morfemas temporais dos verbos. De acordo com o filósofo, “What is common to the words [...] is that the referent is dependent on the context of use and that the meaning of the word provides a rule which determines the referent in terms of certain aspects of the context.”(KAPLAN, 1989, p. 490, grifo nosso). Essa concepção de indexicais de Kaplan (1989) tem um tanto de verdade, mas é bastante frouxa. A fim de avaliarmos isso considere as seguintes sentenças:

- (a) João foi *ao banco*, sentar-se sob uma árvore.
- (b) João foi *ao banco* fazer um saque.
- (c) *Eu* estou *aqui!*

¹Usaremos o termo “indexical”, que segundo Chierchia e McConnell-Ginet (1990, p. 265) está etimologicamente ligado ao vocábulo grego que significa indicação ou apontamento, ao invés de “indicial” ou “dêitico”. Reservaremos o termo “dêitico” para certos usos que fazemos de alguns itens linguísticos, por exemplo, podemos ter usos dêiticos de descrições definidas como em ‘o atual presidente do Brasil’; o termo “indicial” remete a qualquer item que deve ser interpretado em relação a algum índice ou parâmetro (mundo possível, tempo, etc.), por exemplo, ‘possivelmente’ e ‘sempre’; e, finalmente, “indexical” isola os termos e as expressões que recebem valor semântico em função de um contexto, conforme definiremos ao longo deste texto.

²O termo “indexical” foi utilizado pela primeira vez em Pierce (1902), em cujo estudo só os demonstrativos eram tratados como signos indexicais. Em Bar Hillel (1954), o uso do termo foi ampliado para os pronomes de primeira e segunda pessoa, o tempo e os demonstrativos. Segundo Chierchia e McConnell-Ginet (1990), Bar Hillel foi o primeiro a propor que os indexicais fossem estudados por meio de métodos lógicos e incorporados a sistemas formais.

As palavras em *itálico* nas sentenças (a) e (b) recebem uma interpretação diferenciada a depender do que as cerca na sentença e do contexto amplo em que foram produzidas; os elementos em *itálico* na sentença (c), por sua vez, também necessitam de informações contextuais para receberem uma interpretação, pois não é possível saber a que se referem os termos ‘eu’ e ‘aqui’ de (c) sem saber quem é o falante e onde ele se encontra no momento em que a sentença é proferida. Por conta de fatos como esses, dizer que termos indexicais são dependentes do contexto não é dizer muito, pois, provavelmente, a interpretação de qualquer palavra, de uma forma ou de outra, também depende em alguma medida do contexto. Como nota, entre outros, Perry (1997), a diferença entre o que acontece com (a) e (b), por um lado, e em (c), por outro, consiste no modo como o contexto é mobilizado e utilizado enquanto fonte de informação. Segundo Perry, para o caso de (a) e (b), o que temos é que

[...] the context, the environment of the utterance, the larger situation in which it occurs, help us to determine what is said. But these cases differ from indexicals [*i.e.*, os itens em *itálico* em (c)]. In these cases it is a sort of accident, external to the utterance, that context is needed. We need the context to identify which name, syntactic structure, or meaning is used because the very same shapes and sounds happen to be shared by other words, structures, or meaning. In the case of indexicals we still need context after we determine which words, syntactic structures, and meanings are being used. The meaning exploits the context to perform their function, in order to fix the designation. (PERRY, 1997, p. 594).

Os termos indexicais trazem como informação, como instrução ou ainda como parte integrante de seu sentido lexical, a necessidade de recuperar informações do contexto. Nesse sentido, o contexto não muda a informação de um indexical: ‘eu’ significará na maioria das vezes algo como “a pessoa que está falando”, mas ao mudarmos o contexto podemos mudar o valor semântico de um indexical.

Kaplan divide as expressões indexicais em dois grupos: demonstrativos e indexicais puros. Os *demonstrativos* são expressões indexicais que “[...] require, in order to determine their referents, an associated

demonstration: typically, though not invariably, a (visual) presentation of a local object discriminated by a pointing”(1989, p. 490). Em vista disso, a regra semântica que Kaplan associa aos indexicais, quando aplicada aos demonstrativos, é insuficiente para a determinação de seu referente, ou seja, para identificar um objeto como referente do indexical demonstrativo, em relação a um contexto, é necessário uma ocorrência acessória, que pode ser um gesto de apontar para o objeto ou até um aceno com a cabeça.

Para as expressões demonstrativas, Kaplan (1989) define a seguinte terminologia:

- *demonstrativo*: a expressão linguística;
- *demonstração*: gesto, apontamento, aceno de cabeça;
- *demonstratum*: objeto demonstrado, referente.

Em relação aos demonstrativos, observamos que ao proferir uma descrição demonstrativa como ‘esse limão’, quando há uma cesta cheia dessas frutas, há a necessidade de ser feito um apontamento para que se identifique e se determine o referente exato de tal expressão, ou seja, o limão que queremos salientar dentre os demais. Percebe-se, dessa forma, que uma regra semântica de referência sem auxílio de gestos de demonstração é insuficiente para identificar um objeto específico como o objeto referido pela expressão, pois o proferimento de ‘esse limão’ por um falante *a* em um tempo *t* em um local *l* refere-se ao limão *i* situado em *l*, demonstrado por *a* em *t*. Em consequência, a regra de referência deve ser completada pelo gesto de apontamento para a cesta em que o limão está, por exemplo, a fim de que se identifique o objeto ao qual a expressão demonstrativa se refere no contexto. Em vista desses aspectos, Kaplan distingue entre um demonstrativo com uma demonstração que não tem um *demonstratum* (referente), no caso de alucinações, por exemplo, que ele denomina *demonstrativo vazio*, e o demonstrativo que não possui uma demonstração (apontamento) associada, que o autor chama *demonstrativo incompleto*. Os demonstrativos incluem palavras como ‘esse’, ‘aquele’, ‘este’ e seus respectivos paradigmas, além de certos usos de ‘ele’, ‘ela’ e ‘aqui’, como veremos na sequência.

Para os *indexicais puros*, segundo grupo de expressões indexicais estabelecido por Kaplan e para o qual esta dissertação dá ênfase, em contraste com os demonstrativos, “[...] no associated demonstration is required, and any demonstration supplied is either for emphasis or is irrelevant”(KAPLAN, 1989, p. 491). Por exemplo, se João profere ‘Eu

ajudo *meus* amigos’ e usa, ao mesmo tempo, o gesto de apontar para si mesmo, tal gesto de apontamento é irrelevante para a determinação do referente dos termos ‘eu’ e ‘meus’; nesse caso, não há dúvidas de que se trata do falante da sentença, *i.e.*, do João. Dessa forma, a determinação do referente do indexical puro, para cada contexto, se dá pelas regras linguísticas que governam seu uso e nenhuma ação ou intenção complementar são necessárias para a identificação do referente. No grupo de indexicais puros³ incluem-se palavras como ‘eu’, ‘agora’, ‘amanhã’, ‘ontem’, ‘aqui’ (não demonstrativo, nesse caso).

Todavia, é necessário ter cuidado, pois há indexicais como ‘aqui’ que são indexicais puros em alguns casos, e indexicais demonstrativos em outros. Considere a sentença em (1), nela o item ‘aqui’ é um indexical puro, ou seja, não precisa de nenhum apontamento (físico) para a determinação de seu referente.

(1) Eu estou *aqui*.

Na sentença em (1), o termo ‘aqui’ pode ser parafraseado como ‘o lugar onde o falante está quando enuncia a sentença que contém ‘aqui’”.

Por sua vez, na sentença em (2), o indexical ‘aqui’ está no papel de um demonstrativo, pois necessita de um apontamento para a identificação de seu referente, e sem esse ato físico associado é considerado incompleto.

(2) No próximo Natal eu estarei *aqui* (apontando para uma cidade no mapa)⁴.

Note que não podemos substituir o demonstrativo ‘aqui’, da sentença em (2), pela paráfrase dada ao indexical puro da sentença em (1), *i.e.*, ‘o lugar onde o falante está quando enuncia a sentença que contém ‘aqui’”. Podemos verificar isso, se considerarmos que o falante da sentença em (2) está em Florianópolis e aponta para Porto Alegre no mapa (o

³Mount (2008) critica a assunção de Kaplan (1989) de que a demonstração no caso dos indexicais puros é totalmente irrelevante. Ela imagina um cenário no qual um grupo de pessoas está usando máscaras que não deixam ver nenhum movimento do rosto (inclusive da boca). Numa situação como essa, o indexical ‘eu’, da sentença ‘*Eu* estou com fome’, pode não fornecer referente algum para os participantes da conversa. Contudo, se quem proferir a sentença apontar para si, todos saberão quem é o referente de ‘eu’. Assim, temos aqui um caso de um indexical puro que recebeu um valor semântico com o auxílio de um apontamento.

⁴Exemplo adaptado de Kaplan (1989, p. 491). É importante notar, que em (2), apesar deste aspecto não ser apontado por Kaplan (1989), há marcações como o tempo futuro do verbo e o adjunto adverbial de tempo que podem estar influenciando na interpretação do indexical ‘aqui’.

referente de ‘aqui’, nesse caso, é Porto Alegre); se interpretarmos o indexical ‘aqui’ como em (1), *i.e.*, como um indexical puro, o resultado pode ser parafraseado como a sentença em (2’).

(2’) No próximo Natal eu estarei *em Florianópolis*.

No entanto, a sentença resultante em (2’) não condiz com a nossa intuição. Assim sendo, uma análise adequada para o indexical ‘aqui’, em (2), deve levar em conta o apontamento do falante, em outras palavras, ‘aqui’ deve ser tratado como um demonstrativo. Por conta disso, seu referente será justamente o lugar apontado no mapa e terá como parafrase adequada à nossa intuição a sentença em (2’)⁵.

(2’’) No próximo Natal eu estarei *em Porto Alegre*.

A distinção proposta por Kaplan entre indexicais puros e demonstrativos não é a única possível, e encontramos na literatura alguns autores, como Schlenker (1999, 2003, 2010) e Perry (1997), que propuseram diferentes sistematizações para os itens indexicais.

Philippe Schlenker (2003, p. 31), por exemplo, nomeia os indexicais puros como *indexicais estritos*, que são expressões lexicalmente especificadas como indexicais, ou seja, somente podem ser interpretadas indexicalmente (mediante informações específicas do contexto), em contraste com expressões que têm *usos indexicais*, como a palavra ‘ele’ (um demonstrativo kaplaniano) - mas é importante notar que as classes não coincidem totalmente, ou seja, os indexicais puros de Kaplan são apenas em (grande) parte os indexicais estritos de Schlenker. Considere as sentenças em (3) e em (4): em (3), observamos um indexical estrito, e em (4) há uma expressão com uso indexical, ou seja, um demonstrativo.

(3) *Eu* estou cansado.

(4) *Ele* (apontando) está portando uma arma.

John Perry (1997), por sua vez, classifica os indexicais com base

⁵Uma questão que se coloca é se o item ‘aqui’ é, na verdade, um indexical puro ou se é um indexical demonstrativo, e assim a distinção entre indexicais puros e demonstrativos passaria a ser não uma distinção lexical, mas sim uma distinção de uso, que tem a ver com o papel do apontamento. Isso é relevante pela observação dos exemplos em que o termo ‘aqui’ em alguns usos (como em (1)) comporta-se como um indexical puro e em outros (como em (2)) comporta-se como um demonstrativo. De fato, nas várias teorias sobre indexicais, o apontamento, ou demonstração, e seu papel ainda são temas de intenso debate e qualquer resposta já significa um comprometimento teórico que não queremos fazer aqui.

em outro critério: a intenção do falante. Desse modo, há os *indexicais automáticos* e os *indexicais intencionais*. Para os *indexicais automáticos* “Given the meaning and context, the designation is automatic. No further intention than that of using the words with their ordinary meaning is relevant.”(PERRY, 1997, p. 595). Considere a sentença em (5),

(5) *Eu estava com febre ontem.*

no uso do indexical ‘eu’, a designação depende do agente do contexto e nada mais (tempo, localização) e não há necessidade de apelar para as intenções do falante para interpretá-lo, basta a codificação das palavras com o seu significado comum. Além disso, o proferimento da expressão indexical ‘ontem’ designa o dia antes do proferimento, ou seja, novamente não importa a intenção do falante. Assim, dado o significado e tendo determinado o contexto do proferimento a designação das expressões indexicais na sentença em (5) é automática.

Se, por seu turno, os indexicais automáticos se caracterizam pela não necessidade de apelo à intenção do falante, para os *indexicais intencionais* “The speaker’s intention is relevant.”(PERRY, 1997, p. 596). Observe a sentença em (6),

(6) *Aquele rapaz rouba carros no centro da cidade.*

no uso da expressão indexical ‘aquele rapaz’ é importante a intenção demonstrativa do falante, pois se houver um grupo de rapazes em frente a um bar, por exemplo, a referência a um deles dependerá do gesto do falante, uma vez que a designação do proferimento de ‘aquele rapaz’ não é automática. Em suma, a intenção do falante, manifesta por um gesto (entendido em sentido amplo), é o que guiará seu interlocutor até o referente.

As concepções de Schlenker e algumas de suas reelaborações da teoria sobre indexicais de Kaplan (1989) serão tratadas, em detalhes, no Capítulo 2; para o momento basta que se mencione que diferentes autores classificam os indexicais de diferentes maneiras e com diferentes nomenclaturas. Na Figura 1 apresentamos um quadro sinótico das nomenclaturas dos indexicais e como os autores as utilizam⁶.

⁶É importante notar que não há estudos que comprovem que o grupo dos indexicais classificados como “puros” por Kaplan (1989) coincide totalmente com o grupo dos indexicais classificados como “estritos” por Schlenker (1999, 2003, 2010) e com os indexicais “automáticos” de Perry (1997) e o mesmo vale para os outros tipos de indexicais (demonstrativos, expressões com usos indexicais e intencionais); certamente, essa é uma questão importante e que ainda precisa ser investigada.

Indexicais	Kaplan	Perry	Schlenker
<i>eu, ontem, tu, meu, hoje</i>	Puros	Automáticos	Estritos
<i>esse, aquele, isto, este</i>	Demonstrativos	Intencionais	Expressões com usos indexicais
<i>ele, aqui</i>	Puros e/ou demonstrativos	Automáticos e/ou intencionais	Expressões com usos indexicais

Figura 1: Classificação dos indexicais por autor.

1.1 PRINCÍPIOS DA TEORIA DE KAPLAN

Kaplan (1989) formula dois princípios gerais que caracterizam sua teoria sobre os indexicais, que são:

Principle 1 The referent of a pure indexical depends on the context, and the referent of a demonstrative depends on the associated demonstration. [...]

Principle 2 Indexicals, pure and demonstrative alike, are directly referential. (p. 492).

Esses dois princípios constituem a base da teoria de Kaplan. No Princípio 1, o autor reafirma que para a identificação do referente dos indexicais puros somente o contexto é necessário e para identificar o referente dos demonstrativos é necessário, além do contexto, um gesto de demonstração associado. E, no Princípio 2, Kaplan declara que indexicais, tanto demonstrativos quanto puros, são *diretamente referenciais*. É importante atentar que Kaplan utiliza essa denominação baseado na teoria de Saul Kripke (1980) e na ideia de *designador rígido* conforme proposta por esse filósofo.

O termo “designador rígido” foi introduzido por Kripke (1980) quando de suas críticas às teorias do *significado* de Frege (1892) e Russell (1905), e caracteriza-se como um termo de uma linguagem que designa o mesmo objeto x em todos os mundos possíveis em que x existe e não designa nada em mundos em que x não existe. Assim, para Kripke nomes próprios como ‘Lula’ são designadores rígidos, e se distinguem

das descrições definidas como ‘o presidente do Brasil no ano de 2010’, que são descrições chamadas *flácidas*, pois seu referente pode variar a depender do mundo possível considerado.

No entanto, Kaplan (1989) não utiliza o termo “designador rígido”, e sim o termo “diretamente referencial” para os indexicais, já que designadores rígidos (Kripke, 1980) como, por exemplo, nomes próprios, designam sempre o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis em que o indivíduo, designado pelo nome próprio, existe⁷, já os *termos diretamente referenciais* (Kaplan, 1989) designam o mesmo objeto em todos os mundos possíveis somente após seu referente ter sido fixado em um contexto. Em consequência, em sua abordagem, e mais especificamente no Princípio 2, Kaplan utiliza o termo *diretamente referencial* para “[...] an expression whose referent, once determined, is taken as fixed for all possible circumstances, i.e., is taken as *being* the propositional component.” (1989, p. 493, grifo do autor). Por conta disso, para os termos que são diretamente referenciais é o referente que determina o componente proposicional e não o contrário, ou seja, não é o componente proposicional, juntamente com o mundo possível, que determina o referente.

Considere a sentença em (7):

(7) *Eu poderia estar no Caribe agora.*

Com base no conceito de termos diretamente referenciais podemos dizer que, dado um contexto c , a sentença em (7) é verdadeira em um mundo w , se e somente se há pelo menos um mundo w' , acessível de w , tal que o agente⁸ de c está no Caribe no tempo t do contexto. Assim, a partir do momento em que fixamos o tempo e o agente do contexto c , em qualquer que seja o mundo possível w' acessível de w , o referente de ‘eu’ será o agente do contexto e o referente de ‘agora’ será o tempo do contexto, os quais foram fixados anteriormente.

Assim sendo, os indexicais são considerados termos cujas regras semânticas, atualizadas em um contexto, fornecem diretamente (sem mediação de algo como o sentido fregeano, como será visto melhor adiante) um referente, que se manterá em todas as circunstâncias de avaliação. É importante salientar que para a teoria de Kaplan (1989) a diferença entre *contextos de proferimento* e *circunstâncias de avaliação* é crucial: contextos e possíveis ocasiões de uso são equivalentes, já as

⁷Sócrates seria o mesmo indivíduo nos mundos em que ele fosse carpinteiro, e não filósofo?

⁸Note que o termo ‘agente’ na teoria kaplaniana não é empregado como ‘o agente da ação descrita na sentença’, e sim como ‘o agente do proferimento’ ou ‘o falante’.

circunstâncias de avaliação são os mundos possíveis, e ambos (contextos e mundos possíveis) fornecem o valor semântico de uma expressão indexical. Assim pode-se dizer que para chegarmos ao valor semântico de uma sentença, precisamos primeiramente passar por informações contextuais e depois avaliar se o que está sendo expresso é verdadeiro nos mundos possíveis relevantes; as circunstâncias de avaliação são, justamente, os mundos possíveis em que verificamos se uma proposição é verdadeira ou falsa. Por exemplo, considere a sentença em (8), proferida por Marcelo e por Maria, em momentos distintos,

(8) *Eu sou homem.*

Marcelo e Maria utilizam a mesma sentença, *i.e.*, (8), mas realizam proferimentos diferentes⁹. Assim sendo, podemos considerar que os dois fazem uso da mesma sentença (sem levar em conta os elementos de um contexto) representada pelo caráter ⟨agente do contexto, ser-homem⟩. No entanto, os proferimentos (considerando os elementos de um contexto) são diferentes, pois o proferimento de Marcelo é equivalente à proposição ⟨Marcelo, ser-homem⟩ e o proferimento de Maria é equivalente à proposição ⟨Maria, ser-homem⟩.

Desse modo, se considerarmos o contexto c' , em que Marcelo profere a sentença em (8), o indexical ‘eu’ terá como agente do contexto o indivíduo Marcelo e a proposição expressa é algo como ⟨Marcelo, ser-homem⟩. Essa proposição, em relação ao contexto c' , é verdadeira no mundo possível w' , se e somente se Marcelo for homem em w' , que é o caso. Assim, a proposição ⟨Marcelo, ser-homem⟩ é verdadeira em w' , já que w' é uma das circunstâncias de avaliação do proferimento feito em c' . No entanto, ao considerarmos o mundo possível w'' em que Marcelo é uma árvore, a proposição ⟨Marcelo, ser-homem⟩ recebe um valor semântico diferente, ou seja, é considerada falsa na circunstância de avaliação w'' . Por conta desses aspectos, notamos que o proferimento que contém o indexical ‘eu’, feito por Marcelo, pode ter múltiplas circunstâncias de avaliação (w' e w'') e, por isso, a proposição que esse proferimento veicula pode ter valores semânticos diferentes em mundos possíveis diferentes.

Considere, a partir de agora, a situação em que Maria realiza o proferimento em (8) no contexto c'' , *i.e.*, o indexical ‘eu’ tem como agente a Maria; a proposição expressa em c'' é ⟨Maria, ser-homem⟩. Assim, o proferimento em (8) em relação a c'' e em relação, por exemplo,

⁹É preciso considerar, nesse caso, que uma sentença é uma sequência de palavras desvinculadas do contexto (falante, ouvinte, tempo e local) e um proferimento é uma sentença em relação a um contexto, *i.e.*, é um par sentença-contexto.

ao mundo w' será verdadeiro se e somente Maria é homem no mundo w' . No entanto, Maria é mulher no mundo w' . Assim sendo, a proposição terá como valor semântico a falsidade em w' . Considere agora o mundo possível w'' , do contexto c'' , em que Maria fez uma cirurgia para tornar-se homem, mas a justiça não lhe permitiu modificar o nome. Nessa situação, ou seja, em relação ao mundo possível w'' do contexto c'' , a proposição $\langle \text{Maria, ser-homem} \rangle$ tem valor semântico diferente do que em relação ao mundo w' , *i.e.*, a proposição é verdadeira nessa circunstância de avaliação, o que está de acordo com a afirmação de Kaplan (1989) de que um contexto pode ter múltiplas circunstâncias de avaliação e, por isso, pode ter valores semânticos diferentes.

Um aspecto importante a ser notado é que, nas situações descritas anteriormente, os contextos c' e c'' têm como agentes, respectivamente, Marcelo e Maria, que foram determinados a partir do contexto de proferimento da sentença em (8). Por conta disso, também as proposições expressas pelos proferimentos são diferentes, pois são geradas a partir de contextos diferentes, como exemplificado pelas ênuplas $\langle \text{Marcelo, } c'_h, c'_l, c'_t, c'_w \rangle$ e $\langle \text{Maria, } c''_h, c''_l, c''_t, c''_w \rangle$.

Em sua abordagem, Kaplan (1989) utiliza diferentes termos como ‘possíveis circunstâncias de avaliação’, ‘situações contrafactuais’ e ‘circunstâncias’ para se referir a mundos possíveis e o mesmo ocorre com relação ao contexto, o que pode dificultar o entendimento da teoria; por isso, na Figura 2 apresentamos um quadro-resumo da terminologia que Kaplan utiliza para contextos e mundos possíveis.

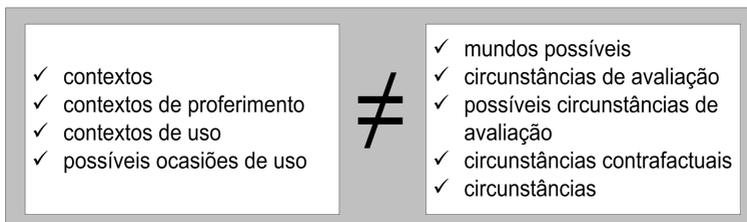


Figura 2: Terminologia de Kaplan para contextos e mundos possíveis.

Por conta das diferentes situações geradas a partir da sentença em (8), quando esta é avaliada em diferentes contextos, vemos que os indexicais, como termos diretamente referenciais, podem designar diferentes objetos quando usados em diferentes contextos. No entanto, ao se avaliar o que foi dito em um contexto dado e único, também um único objeto será relevante para a avaliação em todas as circunstâncias

possíveis ou mundos possíveis.

Para reforçar o entendimento do comportamento das expressões indexicais como termos diretamente referenciais considere a sentença (9) que exemplifica o uso do indexical ‘eu’ que designa diferentes referentes quando proferido por diferentes indivíduos em contextos diferentes, mas quando o contexto é fixado, o indexical ‘eu’ terá o mesmo referente (agente do contexto) para todas as circunstâncias ou mundos possíveis.

(9) *Eu* estou cansado.

Se o João proferir a sentença em (9), o referente do indexical ‘eu’ será o João; nesse caso teremos o contexto c' em que o agente do contexto é o João. Se o Pedro proferir a sentença em (9), o referente do indexical ‘eu’ será o Pedro; nessa situação teremos o contexto c'' em que o agente do contexto é o Pedro. A partir disso, temos dois referentes para o indexical ‘eu’, determinados pelo proferimento de tal indexical, também temos dois contextos sendo apresentados: o contexto c' em que o agente do contexto é o João e o contexto c'' em que o agente do contexto é o Pedro. Note, contudo, que o único aspecto ligado ao indexical ‘eu’ que permanece, mesmo ao considerarmos vários contextos, como c' e c'' , é o fato de que o termo sempre representa o agente do contexto, enquanto que o referente do indexical se modifica a cada vez que uma pessoa diferente profere ‘eu’.

O caso é diferente se determinarmos um contexto, *e.g.*, c' , em que o João é o agente do contexto, ou seja, em que o João profere ‘eu’. A partir daí, em relação ao contexto c' e ao conjunto de mundos possíveis desse contexto, o único indivíduo relevante é o João, já que ele foi fixado como agente pelo contexto de proferimento. Em suma, se o João foi fixado como sendo o referente de ‘eu’ em c' , então o João será o agente para todos os mundos possíveis do contexto c' .

Portanto, reforça-se que ao se mudar o contexto pode-se mudar o referente, mas ao se manter o contexto fixo, o mesmo referente deve ser avaliado nos variados mundos possíveis.

1.2 A RELAÇÃO DO CONTEXTO COM OS TERMOS DIRETAMENTE REFERENCIAIS

Conforme vimos na seção 1.1, o contexto fornece os referentes dos indexicais e assume papel crucial para o estabelecimento do significado dessas expressões. Também verificamos que um indexical pode designar

diferentes objetos quando usado em diferentes contextos, no entanto, quando se avalia o que foi dito em um dado contexto, um único objeto será relevante para avaliação em todas as circunstâncias ou mundos possíveis. Nesta seção, veremos quais as implicações desse comportamento para o valor de verdade das sentenças com indexicais e qual é o contexto relevante para a avaliação das expressões indexicais segundo a teoria kaplaniana.

Para Kaplan (1989) o contexto de avaliação dos indexicais, ou seja, o contexto relevante para atribuição de significado, é o contexto de proferimento *hic et nunc* (c^*), momento em que as sentenças são produzidas. Tal contexto é concebido como um construto formal e é composto por coordenadas que indicam um indivíduo, um tempo, uma localização e um mundo possível. Note, contudo, que por conveniência pode haver dois indivíduos na ênupla contextual para que sejam representados tanto o falante quanto o ouvinte do proferimento. Assim sendo, o contexto c de um proferimento é concebido como uma ênupla como a que segue: $\langle c_a, c_t, c_l, c_w \rangle$, onde c_a é o agente (também chamado autor ou falante), c_t é o tempo do proferimento, c_l é a localização, e c_w indica o mundo de c (no caso da adição de uma coordenada de ouvinte, usa-se c_h).

Tendo definido qual é o contexto relevante para a avaliação dos indexicais, segundo Kaplan (1989), passemos agora para as questões sobre a verdade *a priori* e *a posteriori* de sentenças com indexicais. Para isso, considere a sentença em (10), proferida pela presidente Dilma no Palácio do Planalto em 1^o de Janeiro de 2011,

(10) *Eu estou aqui agora*

e, na seqüência, considere essa sentença como um par com a sentença em (11),

(11) *Dilma está no Palácio do Planalto em 1^o de Janeiro de 2011.*

Uma sentença como a dada em (10) é *a priori* verdadeira, conforme Kaplan, pois “One need only understand the meaning [...] to know that it cannot be uttered falsely” (1989, p. 509). Esse tipo de comportamento, *i.e.*, a verdade *a priori*, se deve à presença das expressões indexicais ‘eu’, ‘aqui’ e ‘agora’ na sentença em (10), pois é dispensável que se verifique no mundo se o falante de ‘eu’, ou seja, o agente do contexto está, de fato, no local, no tempo e no mundo possível do contexto de proferimento.

No entanto, na sentença em (11) a verdade *a priori* não pode ser garantida, já que devemos verificar a verdade da afirmação no mundo,

pois os indexicais foram substituídos pelo seus valores semânticos, que por sua vez, foram determinados pelo contexto de proferimento. Por conta disso, a sentença pode ser considerada falsa se imaginarmos um mundo possível que não se conforma com (11), em que as coordenadas¹⁰ do contexto, $\langle c_a, c_t, c_l, c_w \rangle$, não sejam preenchidas por (*Dilma*, 1^o de Janeiro de 2011, *Palácio do Planalto*, w^*).

Portanto, apesar da sentença em (10) com indexicais ser considerada verdadeira *a priori* com respeito a qualquer coordenada de qualquer contexto, a sentença em (11) com os valores semânticos desses indexicais preenchidos de acordo com o contexto de proferimento é caracterizada como verdadeira *a posteriori*, pois seu valor de verdade depende do mundo possível que está sendo considerado.

1.2.1 Contextos próprios e contextos impróprios

Visto que na seção anterior verificamos que o contexto relevante para a avaliação dos indexicais é o contexto de proferimento *hic et nunc* e que as sentenças com indexicais são verdadeiras *a priori*, é necessário que seja apresentada uma espécie de restrição sobre os contextos, feita por Kaplan (1989), para que se garanta que as sentenças com indexicais sejam verdadeiras *a priori*, mas não sejam verdades necessárias. Essa estipulação restringe o comportamento dos elementos constitutivos dos contextos e estabelece os requisitos para que contextos sejam considerados adequados para avaliação de expressões indexicais.

Segundo Kaplan (1989) um contexto adequado para a fixação dos valores semânticos dos indexicais é um contexto em que as coordenadas devem satisfazer as restrições destacadas na Figura 3 (SCHLENKER, 2010, p. 4).

Para qualquer contexto c , o agente de c existe no mundo de c ; em termos mais gerais, o agente de c está localizado em c no tempo de c no mundo de c .

Figura 3: Restrições sobre as coordenadas do contexto bem-formado

¹⁰Em sua abordagem Kaplan (1989) utiliza o termo ‘índices’ para nomear os elementos constitutivos da ênupla contextual; no entanto, nesta dissertação optamos pelo uso do termo ‘coordenadas’, que foi utilizado em Schlenker (1999). Desse modo, o termo ‘índice’ das citações do texto de Kaplan é equivalente ao termo ‘coordenada’ que estamos utilizando.

A esse tipo de contexto, Kaplan (1989) deu o nome de *contexto próprio*, ou seja, o contexto em que o agente do contexto está na localização do contexto, no tempo do contexto e no mundo do contexto. A partir dessa estipulação, para qualquer contexto próprio uma sentença como a dada em (10), vista na seção 1.2 e repetida abaixo, é sempre verdadeira (já que não precisamos saber nada sobre o mundo para saber que (10) é verdadeira) considerando, obviamente, contextos próprios.

(10) *Eu estou aqui agora.*

É importante, contudo, notar que (10) é verdadeira *a priori* em contextos próprios, diferentemente de uma sentença como (12), que mesmo em um contextos próprios não é verdadeira.

(12) \square^{11} *Eu estou aqui agora.*

Basta imaginar qualquer situação contrafactual (*e.g.*, você, leitor, poderia estar agora no Caribe, e não necessariamente lendo este texto onde quer que você esteja) e veremos que (12) pode ser falsa. O contraste entre os valores de verdade de (10) e (12) demonstra que é necessário que se diferencie contextos de circunstâncias de avaliação (mundos possíveis). Os motivos que levam Kaplan (1989) a realizar essa distinção serão tratados na seção seguinte, por ora vamos abordar os tipos de contexto que contrastam com os contextos próprios e que não respeitam as restrições feitas pelo autor.

Os contextos próprios se contrapõem aos *contextos impróprios*, nos quais, por sua vez, as restrições dadas na Figura 3 não são respeitadas, *i.e.*, neles o agente do contexto pode não estar no tempo, na localização e no mundo do contexto. Uma situação em que uma secretária eletrônica reproduz as sentenças em (13), que foram gravadas por Maria, exemplifica um caso de contexto impróprio.

(13) *Eu não estou aqui agora.* Por favor, deixe seu recado após o bip.

Em (13), o agente do contexto (Maria) não está no local e nem no tempo do contexto da reprodução (da escuta da sentença pelo interlocutor) da sentença, mais especificamente, não está no contexto em que as sentenças são reproduzidas pela secretária eletrônica.

Os casos de sentenças que devem ser avaliadas somente em contexto impróprios, similares aos de mensagens gravadas para secretárias

¹¹Operador modal de necessidade.

eletrônicas, são tópicos interessantes, mas escapam ao escopo desta dissertação. Desse modo, ao leitor que deseja saber mais sobre o assunto, sugerimos a leitura de Predelli (1998) e Corazza (2004).

1.2.2 Esclarecimentos sobre os interesses de Kaplan

Como vimos na seção 1.2.1, os contextos próprios, em que o agente do contexto está no local, no tempo e no mundo do contexto, permitem que sentenças com indexicais sejam verdadeiras *a priori*, como a sentença em (10), apesar de sentenças como a dada em (12) não serem verdades necessárias. Nesta seção, conheceremos em detalhes dois dos principais interesses de Kaplan (1989) e veremos que o comportamento demonstrado pelas sentenças com indexicais em relação aos seus valores de verdade era o almejado por Kaplan para que fosse confirmada sua tese de que os indexicais não estabelecem relações de escopo com operadores intensionais.

Conforme Schlenker (2010), Kaplan estava interessado em dois casos específicos, os quais levam em consideração sentenças como (14) e (10): “sentences which are in some sense *a priori* true, although one would not want to say that they are necessarily true” e também casos em que

[...] the cognitive significance of a statement does not just encompass information about the world, but also about where in the world the speaker is [...] in wch context the speaker is located [...]
(SCHLENKER, 2010, p. 3).

Para elaborar uma explicação sobre o primeiro interesse de Kaplan (1989) vamos tomar novas sentenças e em seguida apresentar a derivação de cada uma delas baseados na proposta de Schlenker (2010), considere as sentenças em (14) e (15).

(14) *Eu existo.*

(15) *Eu necessariamente existo.*

Uma sentença como em (14) é *a priori* verdadeira porque em todo contexto próprio c , o agente (c_a) existe no mundo do contexto (c_w)¹².No

¹²Nesse ponto é essencial a postulação de Kaplan (1989) de que o contexto de proferimento é fixado como o contexto relevante para a avaliação dos indexicais.

entanto, a sentença em (15) não é uma verdade necessária, de acordo com a lógica de mundos possíveis, pois o agente (c_a) não existe necessariamente em todos os mundos que mantêm relação de acessibilidade com o mundo do contexto (c_w), uma vez que o agente existe, necessariamente, somente no mundo do contexto (contexto e mundo possível estabelecidos pelo proferimento). Isso se dá, porque

[...] the circumstance of evaluation is shifted to other situations in order to determine the extension of the predicate [...] at the same time, the referent determined by [eu] in the context [...] is retained in all these circumstances (LEEZENBERG, 2001, p. 157).

O que ocorre, nesse caso, é que a interpretação do indexical ‘eu’ não é influenciada pela presença do operador modal, pois ‘eu’ é avaliado em relação ao parâmetro contextual e ‘ x existe’ em relação ao parâmetro de mundo. Isso prova que indexicais “[...] always take wide scope over intensional operators: no such operators can shift the referent which is fixed in the context of utterance” (LEEZENBERG, 2001, p. 157). Logo, na sentença (15) somente as circunstâncias de avaliação sofrem variação e a sentença pode ser avaliada em relação a algum mundo possível que pode não ser o mundo do contexto, e assim, ser falsa em relação àquele mundo. Esse era o comportamento que Kaplan (1989) buscava.

Apresentamos em (16) e (17) as derivações dessas duas sentenças para que se visualize que o contexto é responsável por fixar os valores semânticos dos indexicais e pelas verdades *a priori* (nível epistemológico); e as circunstâncias de avaliação são equivalentes aos mundos possíveis de uma semântica intensional e são responsáveis pelas verdades necessárias (nível metafísico).

(16) *Eu existo.*

$\llbracket \text{Eu existo} \rrbracket = V$, sse

$\llbracket \text{existir} \rrbracket^{c \ c_w} (\llbracket \text{eu} \rrbracket^{c \ c_w}) = V$, sse

$\llbracket \text{existir} \rrbracket^{c \ c_w} (c_a) = V$, sse

c_a existe em c_w ; que é sempre o caso para contextos próprios, de acordo com a definição de Kaplan (1989).

Schlenker (2010, p. 3) propõe uma caracterização de conheci-

mento *a priori* que vem complementar o que Kaplan já declarara sobre esse tipo de sentença: “A sentence S is *a priori* true if and only if for each conceivable context c , S is true in c .” Assim, uma sentença é verdadeira *a priori* se, ao mudar o contexto, ou seja, nos muitos contextos possíveis, ela ainda permanece verdadeira; o que sempre é o caso para sentenças com indexicais nos moldes de (16)¹³.

(17) *Eu necessariamente existo.*

\llbracket necessariamente eu existo $\rrbracket^c c_w = V$, sse para todo w' (que mantém uma relação pré-determinada com c_w),

\llbracket eu existo $\rrbracket^c w' = V$, sse para todo w' (que mantém uma relação pré-determinada com c_w),

\llbracket existo $\rrbracket^c w'(c_a) = V$, sse para todo w' (que mantém uma relação pré-determinada com c_w), c_a existe em w' .

E pelo fato de w' não ser necessariamente o mundo de $c(c_w)$, então a sentença em (15)/(17) não é necessariamente verdadeira.

Em prosa: o proferimento ‘Eu necessariamente existo’ em relação ao contexto e ao mundo do contexto é verdadeiro, sse em todos os mundos possíveis w' , que mantêm relação de acessibilidade com o mundo do contexto (c_w), o agente do contexto existe em todos os mundos possíveis w' . No entanto, pode ser o caso que em um dos mundos possíveis w' , que mantêm relação de acessibilidade com c_w , o agente de $c(c_a)$ não exista, o que leva a sentença a ser falsa.

O segundo aspecto constitutivo da abordagem de Kaplan (1989), que o autor procura elucidar, é o que trata da significância cognitiva das sentenças com expressões indexicais. Segundo ele, para que se modele a significância cognitiva de expressões e sentenças com indexicais deve-se considerar, além de informações sobre o mundo possível, também informações sobre o contexto de proferimento. Assim sendo, Schlenker (2010, p. 3) chama a atenção para uma situação em que uma pessoa conhece tudo o que há para conhecer sobre o mundo, mas não sabe onde no mundo está, *i.e.*, em que contexto se encontra. Isso mostra que os contextos são estruturas mais finas que os mundos possíveis e são os responsáveis pela significância cognitiva de sentenças com indexicais.

¹³Para todos os contextos próprios, como vimos na seção 1.2.1.

Schlenker (2010) cita uma situação-exemplo dada por John Perry (1993) e, em seguida, alguns comentários feitos por David Lewis (1983), que seguem:

An amnesic, Rudolf Lingens, is lost in the Stanford library. He reads a number of things in the library, including a biography of himself, and a detailed account of the library in which he is lost... He still won't know who he is, and where he is, no matter how much knowledge he piles up, until that moment when he is ready to say, "This place is aisle five, floor six, of Main Library, Stanford. I am Rudolf Lingens." (PERRY, 1993, p. 21 apud SCHLENKER, 2010, p. 3).

It seems that the Stanford library has plenty of books, but no helpful little maps with a dot marked "location of this map." Book learning will help Lingens locate himself in logical space. [...] But none of this, by itself, can guarantee that he knows where in the world he is. He needs to locate himself not only in logical space but also in ordinary space. (LEWIS, 1983, p. 138 apud SCHLENKER, 2010, p. 3).

Na situação trazida por John Perry (1993), Lingens detém todo o conhecimento sobre o mundo e está em condições de proferir a sentença em (18), que não tem indexicais, ou seja, não traz informações sobre o contexto de proferimento.

(18) Lingens está no tempo t na Biblioteca de Stanford.

No entanto não estaria na posição de proferir a sentença em (19), pois não detém o conhecimento indexical do contexto em que se encontra (não sabe quem ele é, nem onde está),

(19) *Eu estou aqui agora.*

A situação em que Lingens conhece todas as informações da vida de Lingens (inclusive onde ele se encontra no momento do contexto), mas não sabe que ele, de fato, é o próprio Lingens, mostra que para um indivíduo (agente do contexto) proferir uma sentença contendo indexicais, a significância cognitiva desse sujeito precisa incluir informações

sobre contextos, e não somente sobre mundos.

Por ora basta que se entendam esses exemplos como demonstrações de que para se modelar a significância cognitiva dos indexicais, além de se considerar os mundos possíveis, é necessário que se considerem os contextos de proferimento, pois estes têm uma granulação mais fina do que os mundos possíveis.

Esse tópico abrange, além das condições de verdade para sentenças com indexicais, que trataremos nas seções seguintes, uma questão cara à semântica e à filosofia, qual seja, como dar conta do conjunto de crenças do indivíduo sobre si, as crenças *de se*. Os fenômenos *de se* serão vistos de maneira mais detalhada na seção 1.7.1, no final deste capítulo, e serão assunto recorrente ao longo de toda esta dissertação.

1.3 O SIGNIFICADO DOS INDEXICAIS

Na seção anterior foram apresentados superficialmente os diferentes papéis que contextos e mundos possíveis desempenham na atribuição dos valores semânticos das sentenças com expressões indexicais. Foi verificado que os indexicais não mantêm relação de escopo com os operadores intensionais como ‘necessariamente’, e que, por isso, sentenças com indexicais avaliadas em contextos próprios são verdadeiras *a priori* e sentenças contendo indexicais e operadores como ‘necessariamente’ não são necessariamente verdadeiras. Nesta seção abordaremos os aspectos do significado dos indexicais e detalharemos o papel dos contextos e dos mundos possíveis, nas funções de caráter e de conteúdo, para a atribuição dos valores semânticos às expressões e às sentenças com indexicais.

1.3.1 Caráter

O primeiro passo para se determinar o significado dos indexicais é estabelecer o seu caráter. O caráter é uma função cujos argumentos são contextos e que resulta em conteúdos, *i.e.*, o caráter contribui para a determinação do conteúdo da expressão indexical em cada contexto.

Desse modo, por exemplo, o caráter do indexical ‘eu’ é uma função sobre contextos, cujo valor em cada contexto é o agente do contexto, ou c_a ; o caráter do indexical ‘aqui’ é uma função sobre contextos cujo valor em cada contexto c é a localização de c ou c_l ; o caráter de um predicado, como ‘ser inteligente’, é uma função sobre

contextos que resulta na mesma propriedade em cada contexto c , no caso, o caráter resulta na propriedade ‘ser-inteligente’ para cada contexto c . O caráter de uma sentença é uma função de contextos para o conteúdo proposicional estruturado daquela sentença em cada contexto c . Por exemplo, o caráter da sentença ‘*Eu sou inteligente*’ é uma função cujo valor em cada contexto c é a proposição $[\lambda w \langle c_a, \text{ser-inteligente} \rangle](w)$.

1.3.2 Conteúdo

Após ter sido dado o primeiro passo, isto é, ter sido determinado o resultado da função do caráter da expressão/sentença, teremos o conteúdo. A partir do conteúdo é que fixamos o valor semântico da expressão linguística. Por conta dessas duas etapas, podemos pensar o conteúdo como uma função que têm como argumentos o caráter e a circunstância de avaliação (ou mundo possível) e que resulta, por sua vez, em um determinado valor semântico.

Em outras palavras, expressões linguísticas têm conteúdos em, ou com respeito a contextos, pois o conteúdo de uma expressão indexical vem tomando forma desde o caráter; o conteúdo é uma função de uma função.

Por exemplo, o conteúdo de ‘eu’ com respeito ao contexto c é o agente de c , *i.e.*, o indivíduo especificado pelo uso do indexical ‘eu’; o conteúdo de ‘aqui’ é a localização de c , *i.e.*, o local especificado pelo proferimento do agente do contexto; o conteúdo de ‘agora’ é o tempo de c , *i.e.*, o tempo especificado pelo momento do proferimento feito pelo agente do contexto. O conteúdo de um predicado, com respeito a um contexto, é uma propriedade ou relação. O conteúdo de uma sentença, com respeito a um contexto, é uma proposição estruturada, isto é, uma proposição que pode ter indivíduos, propriedades e relações como constituintes. Por exemplo, considere a sentença ‘*Eu estou cansado*’, supondo que o agente do contexto c é o Jeca Tatu. Então, o conteúdo de ‘eu’ em c é o próprio Jeca Tatu, enquanto o conteúdo de ‘estar cansado’ em c é a propriedade estar-cansado. Assim, o conteúdo da sentença ‘*Eu estou cansado*’ em c , é uma proposição cujos constituintes podem ser representados como $\langle \text{Jeca Tatu}, \text{estar-cansado} \rangle$.

A Figura 4 mostra uma adaptação do esquema proposto por Kaplan (1989, p. 506) que sumariza o comportamento e relações mantidas pelo caráter e conteúdo das expressões indexicais. Na Figura 5, por sua vez, temos a versão proposta por Schlenker (2010, p. 7) para

o caráter e conteúdo de Kaplan (1989), na qual podemos observar o caminho que percorremos até chegarmos ao significado das expressões indexicais.

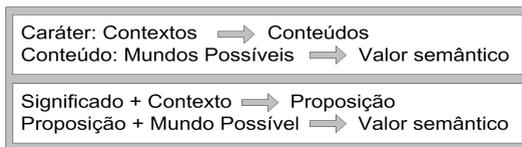


Figura 4: Kaplan: caráter e conteúdo dos indexicais.

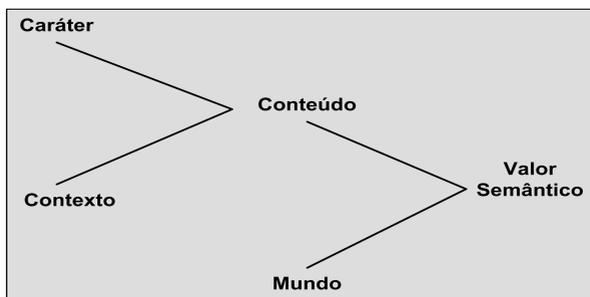


Figura 5: Schlenker: caráter e conteúdo dos indexicais.

1.3.3 Condições de verdade para os indexicais

Visto que na seção anterior foram apresentadas as etapas necessárias, segundo Kaplan (1989), para que sejam determinados os valores semânticos das expressões indexicais, vamos conhecer, nesta seção, as condições de verdade estabelecidas pelo autor para esses elementos linguísticos.

Conforme já discutido, a ocorrência de uma sentença contendo indexicais tem um conteúdo que depende do contexto, e um valor semântico que depende do mundo possível; por consequência, as condições de verdade precisam ser relativizadas a ambos, ao contexto e ao mundo possível. Dessa maneira, Kaplan propõe uma noção de verdade em que são mobilizados mundos possíveis e contextos: “If c is a context, then an occurrence of ϕ in c is true iff the content expressed by ϕ in this context is true when evaluated with respect to the circumstance of the context.” (1989, p. 522). Basicamente, o que a noção de verdade de Kaplan quer dizer é que uma expressão ϕ é verdadeira em um contexto, se o conteúdo de ϕ é verdadeiro no mundo possível de c .

1.4 EXPRESSÕES NÃO-INDEXICAIS E INDEXICAIS

Conforme é de se esperar, expressões indexicais e expressões não-indexicais apresentam comportamentos diferenciados em relação à determinação de seus significados, ou seja, em relação à fixação de seus caracteres e de seus conteúdos. Nas seções 1.4.1 e 1.4.2 buscaremos apontar e discutir algumas dessas diferenças.

1.4.1 Expressões não-indexicais

Expressões não-indexicais são elementos que não dependem de um contexto para determinação de seu valor semântico, *e.g.*, os nomes próprios¹⁴. Além dos termos singulares como os nomes próprios, também sentenças como a dada em (20) (baseada em um exemplo de Kaplan (1989)) são elementos não-indexicais. No entanto, apesar dos nomes próprios e das sentenças eternas (classe a que pertence a sentença

¹⁴Como bem apontou o Prof. Dr. Luis Arthur Pagani, nomes próprios, assim como outros termos linguísticos, possuem um certo grau de dependência do contexto (concebido aqui no sentido amplo) como, por exemplo, “Sócrates”: em alguns contextos denota o filósofo grego; em outros, o jogador brasileiro de futebol.

(20)) terem um caráter fixo, esses dois grupos possuem comportamentos distintos quanto ao valor semântico que resulta da função do conteúdo.

As sentenças como (20) “have a fixed character. The same content is invoked in all contexts.”(KAPLAN, 1989, p. 506). Assim sendo, o caráter desse tipo de sentença não varia de contexto para contexto, mas o conteúdo é sensível às circunstâncias de avaliação, ou seja, o valor semântico varia de mundo possível para mundo possível. Consequentemente, elas não são designadores rígidos típicos¹⁵. Em outras palavras, as sentenças eternas¹⁶ expressam a mesma proposição não importa quem as profira, quando ou sob quais circunstâncias (independentemente do contexto), embora seus valores de verdade possam variar conforme os mundos possíveis (pode haver um mundo possível, diferente do nosso mundo, em que as pessoas vivam 500 anos, nesse mundo a proposição expressa em (20) é falsa):

(20) Todas as pessoas que vivem em 2010 estarão mortas no ano de 2200.

Os nomes próprios, por seu turno, são designadores rígidos, têm caráter fixo e conteúdo fixo e seu valor semântico será sempre o mesmo, *i.e.*, o nome ‘Luiz Inácio Lula da Silva’ designa o mesmo indivíduo em todos os mundos possíveis, seu referente não varia de contexto para contexto e, ainda, o nome próprio contribui sempre com o mesmo valor semântico. Esse último aspecto que diferencia os nomes próprios das sentenças eternas.

Para facilitar a compreensão das diferenças, em relação ao caráter e ao conteúdo, entre as classes de expressões não-indexicais, como descrições definidas não-indexicais e os nomes próprios, apresentamos as esquematizações feitas por Leezenberg (2001) e Abbott (2010) nas Figuras 6 e 7, na seção 1.4.2.

1.4.2 Expressões indexicais

As expressões indexicais, como já ressaltamos, são expressões que dependem do contexto para que seu valor semântico seja determinado. Por conta disso, se comportam de maneira diversa das não-indexicais,

¹⁵Conceito de Kripke (1980), já visto na seção 1.1: um termo de uma linguagem que designa o mesmo objeto x em todos os mundos possíveis em que x existe.

¹⁶O conceito de sentenças eternas foi elaborado inicialmente como “[...] a sentence whose truth value stays fixed through time and from speaker to speaker.”(QUINE, 1960, p. 193).

pois se caracterizam por ter o *caráter* sensível ao contexto, *i.e.*, o seu caráter pode mudar a cada novo contexto, e o *conteúdo* varia conforme o contexto. Isso se dá por que a determinação do caráter e do conteúdo funciona em cadeia: a determinação do valor semântico depende da fixação do conteúdo que depende, por sua vez, da determinação do caráter.

Para exemplificar essa faceta das expressões indexicais considere uma situação em que Lula profere em 3 de outubro de 2011: ‘*Eu* estou feliz *hoje*’, e Serra profere em 4 de outubro de 2011: ‘*Eu* estou feliz *hoje*’. O caráter das duas sentenças pode ser parafraseado como: “o agente do contexto está feliz no tempo do contexto”. No entanto, já que o caráter é sensível aos contextos em que as sentenças foram proferidas, os conteúdos gerados são diferentes, ou seja, os fatores contextuais (agente e tempo do contexto) são os mesmos, no entanto os seus valores é que são diferentes (Lula/Serra e 3/4 de outubro de 2011). Estes últimos são, justamente, os elementos relevantes para determinar o valor de verdade das sentenças. Dessa forma, podemos observar que os proferimentos de ‘*Eu* estou feliz *hoje*’ são tão diferentes em conteúdos quanto são as sentenças em (21) e (22).

(21) *Lula* está feliz no *dia 3 de outubro de 2011*.

(22) *Serra* está feliz no *dia 4 de outubro de 2011*.

A partir dos proferimentos de Serra e de Lula observamos o comportamento mais comum das sentenças com indexicais, qual seja, as sentenças apresentam o mesmo caráter e dois conteúdos diferentes. No entanto, a partir de agora vamos tratar da situação inversa, uma situação em que há dois caracteres diferentes sendo apresentados por duas sentenças, também diferentes, mas que veiculam um mesmo conteúdo. Para isso, considere a seguinte situação trazida de Kaplan (1989) e que muito se repete na literatura sobre indexicais:

If I see, reflected in a window, the image of a man whose pants appear to be on fire, my behavior is sensitive to whether I think, ‘His pants are on fire’ or ‘My pants are on fire’, though the object of thought¹⁷ may be the same. (KAPLAN, 1989, p. 533).

Nesse caso, ‘Minhas calças estão pegando fogo’ e ‘As calças dele estão

¹⁷O *objeto do pensamento* na semântica de mundos possíveis é a proposição.

pegando fogo’ são sentenças que dizem o mesmo sobre o mundo, *i.e.*, o conteúdo das duas é equivalente à ⟨calças-de-Kaplan, estar-pegando-fogo⟩ ou ‘As calças de Kaplan estão pegando fogo’. No entanto, as sentenças têm caracteres diferentes, pois em ‘Minhas calças estão pegando fogo’ o contexto do proferimento gera a informação de que *as calças do falante (c_a) estão pegando fogo*; já em ‘As calças dele estão pegando fogo’ o proferimento e uso do demonstrativo indica que a pessoa, para a qual está se apontando, está na situação descrita, ou seja, o caráter aqui é algo como *as calças do demonstratum estão pegando fogo*.

Além de observarmos, através dessa situação, que duas representações distintas (‘Minhas calças estão pegando fogo’, caráter $\Delta 1$; ‘As calças dele estão pegando fogo’, caráter $\Delta 2$) têm o mesmo conteúdo (As calças de Kaplan estão pegando fogo), também é importante notar que o comportamento de Kaplan quando ele pensa cada uma dessas sentenças é bem diferente, pois ele pode observar calmamente as calças de outra pessoa pegando fogo ($\Delta 2$, sem saber que se trata de si mesmo) e não tomar atitude nenhuma, no entanto, se as calças dele estiverem pegando fogo ($\Delta 1$, não há como não saber que se trata de si mesmo), certamente Kaplan tomará a iniciativa de apagá-lo.

Assim sendo, as diferenças de comportamento de Kaplan só são representadas no nível do caráter das sentenças (‘As calças do falante’; ‘As calças da pessoa apontada’), pois como vimos $\Delta 1$ e $\Delta 2$ têm o mesmo conteúdo, e não seria possível explicar comportamentos diferentes a partir do mesmo conteúdo. Logo, o valor cognitivo de uma sentença deve ser dado pelo caráter que é capaz de fornecer marcas que diferenciam cada representação ou pensamento, e não pelo conteúdo, visto que esse não é capaz de gerar a diferença cognitiva percebida entre as sentenças ‘As calças dele estão pegando fogo’ e ‘Minhas calças estão pegando fogo’.

Nessa seção, através dos proferimentos realizados por Lula e por Serra e da situação em que Kaplan está com as calças pegando fogo, exemplificamos os tipos de relações decorrentes de sentenças com indexicais que têm conteúdos diferentes e o mesmo caráter, e que têm caracteres diferentes e o mesmo conteúdo. Para finalizar, apresentaremos as esquematizações feitas por Leezenberg (2001, p. 153) e Abbott (2010, p. 185) para as expressões indexicais e não-indexicais e como podem ser caracterizados os caracteres e os conteúdos desses elementos.

Na Figura 6, adaptada de Leezenberg (2001)¹⁸, observamos que

¹⁸Para a Figura 6, de Leezenberg (2001), considere instável = variável e estável

os indexicais têm caracteres que variam de acordo com os contextos, mas ao se fixar um contexto o conteúdo é constante. Os indexicais¹⁹, assim, diferem dos nomes próprios e das descrições, pois as *descrições definidas* têm o caráter constante e o conteúdo variável, e os *nomes próprios* têm o caráter e o conteúdo constantes.

	Caráter	Conteúdo
Nomes próprios	estável	estável
Descrições	estável	instável
Indexicais	instável	estável

Figura 6: Indexicais, nomes próprios e descrições.

Na Figura 7²⁰, por sua vez, apresentamos o esquema proposto por Abbott (2010, p. 185), também em relação à teoria do significado de Kaplan para as expressões indexicais e não-indexicais.

= constante.

¹⁹Kaplan afirma que para se encontrar um sinônimo para um indexical é necessário que se procure por um item com o mesmo caráter do anterior, pois se ele possuir o mesmo conteúdo em um contexto particular não será seu sinônimo, já que “Meanings tell us how the content of a word or phrase is determined by the context of use. Thus the meaning of a word or phrase is what I have called its *character*.” (KAPLAN, 1989, p. 521). Por exemplo, o conteúdo de ‘eu’ usado por mim e o conteúdo de ‘tu’ usado por você (se referindo a mim) pode ser o mesmo, os dois remetem ao escritor desse texto, mas não tornam os indexicais ‘eu’ e ‘tu’ sinônimos; para o serem deveriam ter o mesmo caráter.

²⁰As expressões “conceitos individuais”, encontradas na coluna do conteúdo, são funções de mundos possíveis para indivíduos (ABBOTT, 2010, p. 90).

	Caráter é uma função constante	Caráter é uma função variável
Conteúdo é uma função constante (conceito individual constante)	Nomes Próprios: 'Lula', 'Dilma'	Indexicais Puros: 'eu', 'amanhã'
Conteúdo é uma função variável (conceito individual com valores variáveis)	Descrições definidas não-indexicais: 'o inventor dos bifocais'	Descrições definidas indexicais: 'o atual presidente'

Figura 7: Expressões indexicais e não-indexicais.

1.4.3 Significado - Kaplan *versus* Frege

Nesta seção trataremos de algumas das aproximações que Kaplan (1989) tenta elaborar em relação à sua teoria do significado dos indexicais, que inclui o caráter e o conteúdo, e a teoria do significado de Frege (1892) para as descrições definidas, que inclui o sentido e a referência. Kaplan (1989) faz isso, para na verdade, mostrar que a teoria da referência indireta de Frege não é adequada para dar conta dos aspectos do significado dos indexicais enquanto que a teoria da referência direta, que ele defende, é.

Ao tentar esclarecer algumas noções epistemológicas sobre os aspectos fregeanos do significado, *objeto do pensamento* e a *significância cognitiva de um objeto do pensamento*, em relação aos aspectos kaplanianos do significado, *caráter* e *conteúdo*, Kaplan afirma que esses pares podem ser correspondentes, pois “[...] a character may be likened to a manner of presentation of a content. This suggests that we identify objects of thought with contents and the cognitive significance of such objects with characters.”(KAPLAN, 1989, p. 530). A partir disso, ter-se-ia uma correspondência tal qual mostrada na Figura 8.

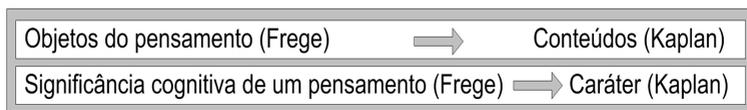


Figura 8: Correspondências das teorias do significado de acordo com Kaplan.

A significância cognitiva, que está correlacionada na Figura 8 ao caráter, já foi abordada rapidamente na seção 1.4.2, na situação em que as calças de Kaplan estavam pegando fogo e a significância cognitiva dele (que representa as atitudes tomadas frente ao episódio) varia dependendo do caráter da sentença pensada por ele, pois segundo Kaplan (1989) “my behavior is sensitive to whether I think, ‘His pants are on fire’ or ‘My pants are on fire’, though the object of thought may be the same.” (KAPLAN, 1989, p. 533). Considere uma outra situação, similar a essa:

- (23) Um passageiro chamado Clóvis entra em um ônibus e faz uma longa viagem, que dura muitos dias. Após chegar ao seu destino e aguardar a sua vez de descer, Clóvis enxerga um homem no espelho do ônibus com um aspecto sujo, barba por fazer e pensa: ‘A barba *dele* está muito feia’, mas em seguida percebe que aquele homem é ele próprio (Clóvis) e então pensa: ‘A *minha* barba está muito feia’.

Nessa situação, consideramos duas sentenças, ‘A barba *dele* está muito feia’ e ‘A *minha* barba está muito feia’, que são detentoras do mesmo conteúdo, ou seja, o mesmo objeto do pensamento, que pode ser parafraseado como ‘A barba *do Clóvis* está muito feia’ ou ser representado como ⟨barba-do-Clóvis, está-muito-feia⟩. Mas os caracteres são diferentes, pois em ‘A barba *dele* está muito feia’ o falante não percebe que é ele o mal-arrumado e aponta outra pessoa como possuidora dessa característica, e por consequência, a significância cognitiva do pensamento é tal que o falante não tomaria atitude para melhorar sua própria aparência.

No entanto, na sentença ‘A *minha* barba está muito feia’ o caráter é tal que o agente do contexto tem a percepção de que está mal-arrumado e, além disso, a significância cognitiva do pensamento também é diferente da anterior, pois certamente Clóvis fará a barba o mais rápido possível. Desse modo, a diferença entre os caracteres das sentenças coincide com a diferença percebida na significância cognitiva, assim como se observa que o conteúdo das sentenças é o mesmo, ou seja, o seu objeto de pensamento/proposição é o mesmo.

Na situação que retrata o engano de Clóvis, as correspondências entre os elementos constitutivos das teorias de Frege (1892) e de Kaplan (1989) funcionam adequadamente, pois o que temos, do ponto de vista de teoria de Kaplan, são dois caracteres diferentes para o mesmo conteúdo, ou, do ponto de vista de teoria de Frege, duas significâncias cognitivas de um pensamento para um objeto do pensamento.

No entanto, não se pode afirmar que o mesmo ocorre na situação (24), trazida de Kaplan (1989, p. 530). Em (24), a teoria de Frege (1892) não mimetiza satisfatoriamente o significado dos indexicais (precisamente a variação no conteúdo de (B)), enquanto que a teoria do caráter e do conteúdo de Kaplan (1989) é adequada para essa função.

- (24) If you and I both say to ourselves,
(B) 'I am getting bored'

Segundo Kaplan (1989, p. 530),

In Frege's theory, a given manner of presentation presents the same object to all mankind. But for us, a given manner of presentation - a character - [...] will, in general, present different objects (of thought) to different persons [...].

Sendo assim, através da teoria de Frege (1892) a sentença em (B), mesmo proferida por pessoas diferentes em contextos diferentes, não vai produzir proposições diferentes, já que temos um mesmo modo de apresentação. Em outras palavras, uma dada significância cognitiva (= caráter) gera o mesmo objeto do pensamento (= conteúdo) para todos os indivíduos que proferem uma mesma sentença, como a dada em (24) (B). Para Kaplan (1989), por seu turno, apesar do caráter da sentença (B) ser o mesmo quando diferentes pessoas proferem-na, o conteúdo vai variar a cada proferimento. Logo, a análise proposta por Frege (1892) não é adequada pois não dá conta da variação do conteúdo de uma sentença com indexicais como 'Eu estou chateado', que se proferida pelo João, pela Maria e pelo Carlos tem o mesmo caráter, *i.e.*, $\langle c_a, \text{estar-chateado} \rangle$, mas apresenta conteúdos diferentes, como pode ser observado pelas proposições estruturadas a seguir $\langle \text{João}, \text{estar-chateado} \rangle$, $\langle \text{Maria}, \text{estar-chateado} \rangle$ e $\langle \text{Carlos}, \text{estar-chateado} \rangle$.

Assim sendo, apesar das teorias de Frege (1892) e Kaplan (1989) terem um certo grau de correspondências, como as que foram apontadas por Kaplan (1989) e esquematizadas na Figura 8, a teoria de Frege da referência indireta não comporta as facetas do significado dos indexicais que só podem ser modelados em uma teoria da referência direta e com o auxílio do caráter e do conteúdo.

1.5 PREVISÃO DE KAPLAN PARA O DISCURSO INDIRETO

No discurso indireto reportamos um proferimento anterior. No entanto, essa tarefa não é fácil quando há indexicais no discurso direto. Isso se dá pois, à primeira vista, alguns aspectos do discurso direto não são retidos durante o ato de reportar a sentença com indexicais. Por conta de observações como essa, Kaplan (1989) faz uma afirmação em relação aos discursos indiretos que reportam proferimentos feitos com indexicais, qual seja, a natureza indexical de um pensamento ou discurso direto é perdida no relato desse pensamento ou discurso. Utilizando os termos do significado dos indexicais conhecidos nas seções 1.3.2 e 1.3.1, a previsão kaplaniana declara que dois pensamentos ou discursos que diferem em caráter, mas não em conteúdo, são reportados da mesma maneira em discurso indireto, pois no discurso indireto considera-se apenas o conteúdo, a proposição, e assim, seu valor cognitivo (caráter) é perdido.

Para verificar as razões que levaram Kaplan (1989) a propor a previsão para o discurso indireto considere novamente uma situação, similar àquela trazida por Kaplan e citada na seção 1.4, em que um sujeito chamado Pelé ao se olhar no espelho de uma loja de departamentos vê que as calças de um homem estão com o zíper aberto. Pelé não percebe que as calças com o zíper aberto são dele próprio, assim se o agente do contexto (Pelé) pensa:

(25) As *minhas* calças estão com o zíper aberto,

ou

(26) As calças *dele* estão com o zíper aberto,

o relato do pensamento do agente do contexto será feito da mesma forma para os dois pensamentos expressos na sentença (25) e na sentença (26), que é equivalente à sentença dada em (27).

(27) *Ele* pensa que as calças *dele* estão com o zíper aberto.

Portanto, através da análise do exemplo em que um sujeito pensa dois caracteres diferentes que representam um único conteúdo, a previsão de Kaplan (1989) para o discurso indireto parece bem fundamentada (ao menos nesse primeiro momento), pois os dois pensamentos com caracteres diferentes ((25) e (26)) podem ser reportados por uma sentença com um conteúdo ((27)), o que mostra que a natureza indexical de um pensamento é realmente perdida no relato

desse pensamento. Um aspecto importante a ser notado a partir da comprovação da previsão de Kaplan (1989) é que o verbo de atitude ou *dicendi* (que sempre está presente no discurso indireto) só pode vir seguido pelo conteúdo da sentença com indexicais e *nunca* pelo seu caráter. No entanto, há estudos que contradizem tal previsão, entre eles, *Indexicality and De Se Reports* (2010) de Schlenker, que será o assunto da seção 1.7.1.

1.6 OPERADORES-MONSTROS NÃO EXISTEM

Por conta da previsão de Kaplan (1989) para o discurso indireto verificamos que após um verbo de atitude ou *dicendi* só pode ser encontrado o conteúdo da sentença com indexicais e nunca o seu caráter. Na verdade, essa previsão serve como base para uma das mais engenhosas, e hoje discutidas, afirmações de Kaplan (1989) sobre a semântica das expressões indexicais, *i.e.*, a afirmação de que não existem operadores em língua natural que atuem sobre o caráter das expressões indexicais.

A partir da validação da previsão de que após verbos de atitude e verbos *dicendi* só há conteúdos, e seguindo o raciocínio do autor quanto à constituição do significado dos indexicais, ou seja, de que a função de caráter tem como argumento contextos, conclui-se que em língua natural não há operadores que modificam o parâmetro contextual dos indexicais (Kaplan (1989) batizou tais operadores de **monstros**).

De acordo com o teórico “Operators [...] treated in intensional logic (modal, temporal, etc.) operate on contents.” (KAPLAN, 1989, p. 502). Kaplan, ao afirmar que esses operadores (verbos de atitude e *dicendi*) são intensionais, pois em seu escopo encontram-se conteúdos, conclui que operadores só podem operar sobre a função de mundos possíveis para valores semânticos.

Assim sendo, para comprovar as virtudes da sua tese o autor se utiliza de um operador similar a ‘em alguns contextos é verdade que’ que, teoricamente, ao ser prefixado a uma sentença, poderia modificar o contexto e afetar o caráter dos indexicais. O exemplo dado pelo filósofo está em (28).

(28) In some contexts it is true that *I* am not tired *now*.

O operador sobre contextos, fornecido por Kaplan, deveria gerar o valor verdadeiro se e somente se em algum contexto a sentença encaixada (‘*I* am not tired *now*’) expressa um conteúdo que é verdadeiro no mundo

do contexto; para a sentença em (28) ser verdadeira no contexto de proferimento c^* , basta que algum agente de algum contexto (mas não o contexto de proferimento c^*) não esteja cansado no tempo do contexto (mas não no contexto de proferimento c^*). Isso é inadequado, pois exclui a leitura do indexical ‘I’ e ‘now’ que se referem, respectivamente, ao falante e ao tempo de c^* , o contexto *hic et nunc*.

Conforme Kaplan (1989, p. 511), “Operators like ‘In some contexts it is true that’, which attempt to meddle with character, I call *monsters*”. Note que a noção de monstros para o autor é ampla, pois são considerados monstros todos os operadores capazes de modificar o caráter dos indexicais, ou seja, realizar mudanças nos contextos de fixação dessas expressões.

No entanto, o tipo de abordagem que permite que contextos sejam modificados viola o Princípio 2, uma das bases da teoria dos indexicais de Kaplan, que afirma que os indexicais são expressões diretamente referenciais (expressões que não têm o sentido como mediador entre o objeto e a expressão linguística, pois sua contribuição é um indivíduo) e que são designadores rígidos (o valor de um dado indexical é fixado com relação ao contexto de proferimento, c^* , e não varia nas circunstâncias de avaliação (mundos possíveis)). Desse modo, se contextos são modificados, na visão de Kaplan (1989), não se determina o agente do contexto do proferimento como o conteúdo do indexical ‘I’, nem o tempo do contexto de proferimento como o conteúdo do indexical ‘now’, e, assim, a sentença (28) que foi proferida por Kaplan em 1989 (Kaplan é o agente do contexto (c_a) e 1989 é tempo do contexto (c_t)) representa uma violação porque a contribuição proposicional do indexical ‘I’ com relação ao contexto c^* deveria ser Kaplan, e a contribuição de ‘now’ em c^* deveria ser 1989.

Segundo Kaplan (1989, p.510),

[...] no operator can control the character of the indexicals within its scope, because they will simply leap out of its scope to the front of the operator. I am not saying we could not construct a language with such operators, just that English is not one. And such operators could not be added to it.

A impossibilidade, afirmada por Kaplan (1989), dos indexicais terem seu caráter controlado por operadores-monstros pode ser expressa, pelo fato dos indexicais sempre apresentarem escopo primário, ou seja,

nenhum operador pode atuar sobre o caráter de um indexical em seu escopo, pois o indexical irá simplesmente mover-se para frente do operador, impedindo a interação (como foi verificado e explorado na seção 1.2.2 em relação às sentenças com o operador de necessidade que são falsas).

Apesar de Kaplan (1989) negar a existência de operadores-monstros, que podem modificar o parâmetro contextual das expressões indexicais em língua natural, e afirmar que as expressões indexicais não mantêm relação de escopo com outros operadores, Kaplan (1989, p. 510-511) aponta a única situação, ao seu ver, em que o parâmetro contextual pode ser modificado e em que os indexicais podem manter relações de escopo:

There is a way to control an indexical, to keep it from taking primary scope, and even to refer it to another context (this amounts to changing its character). Use quotation marks. If we *mention* the indexical rather than use it, we can, of course, operate directly on it.

Kaplan (1989) afirma que o único modo dos operadores modificarem o caráter dos indexicais é através da utilização de aspas, como no discurso direto. Esse tipo de discurso apresenta citações em que se confundem contextos diferentes e em que os indexicais e os outros itens são mencionados e não usados. Considere os exemplos abaixo, em que se pode comparar a sentença (29), em que temos o discurso direto, com (30), em que temos o discurso indireto.

(29) João disse: “*Eu* sou egoísta”.

(30) João disse que *eu* sou egoísta.

Como se sabe, o discurso direto caracteriza-se pela reprodução fiel da fala do outro, como em (29), já o discurso indireto ocorre quando o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala de uma outra pessoa, como em (30). Por conta da diferença no posicionamento do falante frente aos proferimentos reproduzidos em (29) e em (30), percebemos que no primeiro proferimento o indexical está sendo citado como foi usado pelo agente do contexto c' (o João), que é um contexto diferente do contexto de proferimento *hic et nunc*, c^* . Assim, a sentença afirma que o agente do contexto c' , o João, é egoísta. Na sentença em (30), por seu turno, o indexical está sendo usado pelo agente do contexto c^* (e.g, a Maria que profere a sentença), o que mostra que a sentença encaixada afirma que o falante do contexto c^* (a Maria) é egoísta.

Conforme as próprias palavras de Kaplan (1989), o caráter de um indexical pode ser controlado por um operador no discurso direto, como ocorre na sentença em (29). Nessa sentença o indexical ‘eu’ pode ser avaliado em um contexto diferente (c' , o contexto em que o João proferiu a sentença) do contexto de proferimento da sentença (c^* , o contexto em que a Maria está reproduzindo o que o João disse). No entanto, as condições de discurso direto não servem para avaliar o comportamento dos indexicais, já que nelas as palavras são *mencionadas* e não *usadas*; o verbo ‘dizer’, em (29), estabelece uma relação entre um indivíduo e um conjunto de palavras, o que explica porque uma sentença como (31) é aceitável e interpretável por um falante do PB, já que estamos citando as exatas palavras de João.

(31) João disse: “blablablá”

No discurso indireto as relações são de outra natureza. Em (30), o verbo ‘dizer’ estabelece uma relação entre um indivíduo e o significado da oração encaixada, o que impede que no discurso indireto sejam usadas sequências sem sentido, visto que essa atitude gera sentenças agramaticais como (32)²¹.

(32) *João disse que blablablá.

Conforme vimos, os argumentos de Kaplan (1989) corroboram a não-existência de operadores-monstros em línguas naturais, exceto em casos de discurso direto, os quais, na verdade, não servem para análise pois nesses casos os indexicais, assim como os outros itens, estão sendo mencionados. É preciso salientar, contudo, que o filósofo não deixa de aceitar que podemos *construir* uma linguagem com tais operadores, reafirmando que em línguas naturais eles não existem e não podem ser adicionados.

1.7 OS PONTOS DE TENSÃO DA TEORIA DE KAPLAN

O aspecto atualmente mais discutido da teoria kaplaniana é a negação de que existam operadores-monstros capazes de atuar sobre o caráter das expressões indexicais em língua natural. Para que essa

²¹Esta sentença pode ser considerada gramatical se levarmos em conta aspectos pragmáticos como as Máximas Conversacionais, ou ainda, se a sentença estiver sendo empregada metaforicamente e puder ser parafraseada como ‘João falou bobagens’; no entanto, neste momento buscamos discutir somente os aspectos semânticos de uma sentença como (32).

negação tenha fundamento o autor agrega dois argumentos principais:

(i) no discurso indireto o sentido indexical é perdido, por consequência, verbos como ‘achar’ e ‘dizer’ só podem vir seguidos do conteúdo dos indexicais e nunca do caráter desses itens;

(ii) operadores como ‘em alguns contextos é verdade que’ que podem, teoricamente, modificar o contexto em que as expressões indexicais se fixam, e assim, permitir que esses elementos percam o vínculo com o contexto de proferimento não existem em língua natural.

Muito embora a tese de não-existência de operadores-monstros seja bem fundamentada, como vimos nas seções anteriores, ela vem sendo contestada por estudos, principalmente, de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), Predelli (2008), Anand (2006), entre outros. Esses autores atacam os dois argumentos que respaldam a teoria de Kaplan (1989) através das seguintes linhas:

- afirmam, entre outras coisas, que a conclusão de Kaplan quanto ao argumento (ii) foi baseada em um único exemplo, no qual o autor usou o operador ‘em alguns contextos é verdade que’ que é incapaz de mudar o contexto de um indexical; conforme Schlenker “[...] Kaplan picked the wrong example”(2003, p. 40);
- a previsão para o discurso indireto (item (i)) de que a natureza indexical de um pensamento ou discurso é perdida em um relato é contestada com estudos que tratam das leituras *de se*; “[...] Kaplan’s analysis of indirect discourse is falsified by the existence of De Se readings.”(SCHLENKER, 2010, p. 16).

Visto que as leituras *de se* são um dos aspectos levantados por autores como Schlenker (2010) para demonstrar que a previsão para o discurso indireto está equivocada, trataremos delas na seção 1.7.1. Na seção 1.7.2, por sua vez, apontaremos alguns dos pontos que mostram que a proibição contra monstros em língua natural também pode ser inadequada se aplicada generalizadamente, como fez Kaplan (1989).

1.7.1 As leituras *de se* contra a previsão para o discurso indireto

As atribuições *de se*²², juntamente com as atribuições *de re* e *de dicto*, fazem parte das atribuições de *atitudes proposicionais* e por isso, se relacionam com as previsões feitas por Kaplan (1989) para o discurso indireto. No entanto, como veremos brevemente nesta seção, as atribuições *de se* serão utilizadas como argumento para invalidar essa previsão.

Schlenker (2010), opondo-se à afirmação de que no discurso indireto só é possível reportar o conteúdo da sentença com indexicais e não o seu caráter, afirma que no inglês há construções que permitem que se reporte o caráter dos indexicais usados no discurso direto. As estruturas que formam tais construções são as estruturas PRO, “[...] the unpronounced subject of an infinitive embedded under an attitude verb, is always understood to report a first-person (or second-person) thought” (SCHLENKER, 2010, p. 13); a estrutura PRO refuta a previsão de Kaplan (1989) de que é impossível fazer a distinção entre sentenças com caracteres diferentes e mesmo conteúdo no discurso indireto, uma vez que o sentido indexical é perdido no relato.

Para observar como a estrutura PRO permite a diferenciação no discurso indireto entre pensamentos/proferimentos que possuem caracteres diferentes no discurso direto, considere a situação (33), adaptada de Schlenker (2003, p. 61)²³.

- (33) João está tão bêbado que esqueceu que é candidato nas eleições. Ao assistir o horário eleitoral, na televisão, vê um candidato discursando e acha ele muito bom e acha que aquele homem deveria, definitivamente, ser eleito. No entanto, o candidato que João está assistindo na televisão é ele mesmo, ou seja, o próprio João.
- (34) (V) João espera que *ele* seja eleito.

²²O termo *de se* foi cunhado por Lewis (1979). Os autores que mais estudaram e discutiram os problemas advindos desse gênero de atribuições mentais, que constitui um dos tópicos mais desafiadores para linguistas e filósofos, foram David Lewis, John Perry e Hector Neri-Castañeda (BRANQUINHO et al., 2006, p. 228).

²³A distinção que Schlenker (2003) afirma encontrar no inglês também pode ser observada no PB. Podemos afirmar isso, pois ao se realizar a tradução, do inglês para o PB, da situação exemplificada em Schlenker (2003, p. 61) encontramos o mesmo efeito semântico em uma estrutura sintática semelhante. Assim sendo, também no PB quando há a presença de PRO no relato de atitude é possível distinguir sentenças que no discurso direto apresentaram caracteres diferentes, mas o mesmo conteúdo.

(35) (F) João espera PRO ser eleito.

Note que em (33), as duas sentenças em que são relatados os pensamentos do João, (34) e (35), possuem o mesmo conteúdo que, *grosso modo*, pode ser representado como ‘João espera ⟨João, ser-eleito⟩’. No entanto, temos dois caracteres diferentes em jogo, que são os responsáveis pela adequação, ou não, das sentenças à situação: o caráter de uma leitura *de re*: ‘João espera [λw (indivíduo apontado, ser-eleito)(w)]’; e o caráter de uma leitura *de se*, ‘João espera [λw (c_a , ser-eleito)(w)]’.

A situação em (33) implica que a sentença (34) é a sentença verdadeira para o caso do candidato que não se reconhece no programa eleitoral e deseja que aquele candidato (que é ele próprio) seja eleito. Isso se dá, pois João não espera que ele mesmo seja eleito, e sim o candidato da televisão, *i.e.*, em (34) o item ‘ele’ não se refere a João, mas a uma terceira pessoa. A sentença em (35), por sua vez, é falsa para (33), pois o pensamento de João não foi *de se* e a sentença com a presença de PRO, aplica-se somente a leituras/pensamentos *de se*. (35) seria verdadeira se o João tivesse apresentado um pensamento similar a ‘*Eu* deveria ser eleito’. O comportamento de PRO e as suas restrições semânticas, observadas em relação a (33), fornecem argumentos de que essa é uma estrutura que sinaliza no âmbito sintático que o discurso de origem, ou seja, o proferimento ou pensamento que está sendo reportado, foi *de se*. Devido a esse tipo de condição, é correto afirmar que PRO expõe o caráter da sentença com indexicais utilizada no pensamento ou discurso direto, o que contraria a previsão de Kaplan (1989).

Esse tópico não é o objeto principal de nossa pesquisa, apesar de estar diretamente relacionado aos indexicais; no Capítulo 2 nos deteremos mais às leituras *de se* e às diferenças entre leituras *de se* e *de re*; para maiores esclarecimentos sobre leituras *de se*, consultar Schlenker (2003, 2010, 2011) e Anand (2006).

1.7.2 Existem operadores-monstros? Talvez nos próximos capítulos

Conforme adiantamos na seção 1.7, a proibição contra operadores-monstros de Kaplan (1989) vem sendo contestada por argumentos como os de Schlenker (1999, 2003, 2010) e os de Predelli (2008), que mostram, entre outras coisas, que a conclusão de Kaplan (1989) foi baseada em um exemplo único, e por isso insuficiente. Insuficientes, também

foram as buscas e os dados nos quais o filósofo se baseou, já que o Kaplan (1989) analisou, exclusivamente, dados do inglês para fazer a afirmação generalizada sobre a impossibilidade de operadores-monstros existirem em línguas naturais. Nesta seção serão apresentados, de modo breve pois esses são tópicos dos próximos capítulos, os argumentos e os elementos que Schlenker (1999, 2003, 2010) e que Predelli (2008) utilizam para combater a proibição de Kaplan (1989) e o modo como organizamos textualmente esses itens.

As pesquisas e resultados que buscam refutar a afirmação de Kaplan (1989) quanto à não-existência de monstros que serão abordadas nos capítulos seguintes podem ser separadas em três domínios, que são:

- *domínio temporal*;
- *domínio modal*;
- *domínio pronominal*.

Esses domínios estão ligados às coordenadas que formam um contexto de avaliação e sofrem influências de três operadores:

- (i) Monstro: operador de atitude;
- (ii) Monstro: operador modal;
- (iii) Monstro: operador metaficcional.

1.7.2.1 Domínios e operadores-monstros: características gerais

São expostas, na sequência, algumas das características gerais de cada um desses domínios e dos operadores-monstros, elementos esses utilizados contra a teoria kaplaniana dos indexicais.

(i) *Domínio temporal*

Em relação ao domínio temporal, Schlenker (1999, 2003, 2010) é o autor que reúne mais dados que se opõem à proibição contra operadores-monstros de Kaplan (1989). Ele apresenta dados do inglês como as expressões adverbiais temporais ‘in two days’ e ‘two days ago’ que podem ter seus caracteres controlados por operadores-monstros, como os verbos de atitude. Os operadores de atitude, segundo Schlenker (2003, 2010), podem modificar o contexto de avaliação do indexical em

seu escopo. Por consequência, o indexical monstruoso temporal pode se fixar no contexto reportado c' , e não no contexto de proferimento *hic et nunc* c^* , ao contrário do que afirmara Kaplan (1989).

(ii) *Domínio modal*

No que diz respeito ao domínio modal, a abordagem que podemos destacar é a de Predelli (2008). Essa abordagem não é peculiar a uma determinada língua, e sim uma abordagem que pode ser levada em conta para todas as línguas, visto que ela se aplica a espécies de discursos e às relações desses com a ficção. Predelli (2008) trabalha com discursos metafictícios, ou seja, sentenças sobre ficção, e por conta disso, refuta, entre outras coisas, a proposta de Lewis (1978) para o discurso sobre ficção e a abordagem de Kaplan (1989) para os indexicais. O autor demonstra, em sua concepção, que um operador-monstro pode atuar sobre o caráter de um indexical e , ao mimetizar esse fenômeno, ele fornece uma análise adequada à nossa intuição sobre a semântica das sentenças metafictícios com indexicais. O operador-monstro de Predelli (2008) é um operador modal que, pela sua dupla indexação, pode mudar tanto o ponto de avaliação de uma sentença (mundo possível), quanto o contexto em que a sentença é avaliada. Esse último tipo de mudança é o tipo condenado por Kaplan (1989).

(iii) *Domínio pronominal*

No domínio pronominal ou que se relaciona com as coordenadas de pessoa da ênupla contextual, Schlenker (1999, 2003, 2010) refuta a teoria de Kaplan através de dados colhidos de línguas como o amárico²⁴ em que os indexicais após um verbo de atitude apresentam um comportamento monstruoso. Isso se dá, pois os indexicais pronominais se fixam ao contexto reportado (c') e não ao contexto de proferimento *hic et nunc* (c^*). Considere, para observar o comportamento dos indexicais no amárico e no PB, a situação em (36) e as sentenças de (37) a (39) (SCHLENKER, 2003, p. 31):

(36) Situação a ser relatada: João disse: “Eu sou um herói”

²⁴A língua amárica é uma língua semítica e é o idioma oficial da Etiópia, com cerca de 26 milhões de falantes nativos.

- (37) Amárico ²⁵ (literalmente): João_i disse que eu_i sou um herói.
 (38) PB: * João_i disse que eu_i sou um herói.
 (39) PB: João_i disse que ele_i é um herói.

No caso do amárico, (37), o indexical ‘eu’ não se refere ao falante da sentença em (37), do contexto de proferimento *hic et nunc* (c^*), e sim ao João que é o agente do contexto que está sendo reportado (c'). Na sentença (38) do PB, por sua vez, ao indexical ‘eu’ é imposta uma interpretação de agente do contexto reportado (c'_a), o que vai contra a intuição do falante e torna a sentença agramatical. Pode-se afirmar que o PB, nesse exemplo, apresenta um indexical bem-comportado, ou seja, nos moldes da teoria de Kaplan (1989) em que o item ‘eu’ só pode se referir ao agente do contexto de proferimento (c_a^*). Assim sendo, de acordo com a situação (36), como (39) exemplifica, a única maneira de se referir ao agente do contexto relatado (c'_a) no PB é pelo uso do demonstrativo ‘ele’, que nesse caso é um elemento anafórico, e não um indexical.

Com essa esquematização geral posta, salientamos que exploraremos nos capítulos seguintes, com mais detalhes, os domínios em que podem ser encontrados operadores-monstros e os indexicais monstruosos. Além disso, mostraremos que o PB têm operadores desse tipo e, por consequência, indexicais monstruosos. Começaremos, no Capítulo 2, analisando o domínio temporal.

1.8 SUMÁRIO

David Kaplan (1989) desenvolveu uma abordagem elegante para as expressões indexicais. Segundo ele, esses elementos são expressões que recebem seu valor semântico a partir do contexto de proferimento (c^*). O contexto, como um construto formal e responsável por fornecer o valor semântico dos indexicais, é formado por coordenadas que são, pelo menos, as seguintes: um agente do contexto (c_a), um tempo (c_t), um mundo (c_w), um local (c_l) e um ouvinte (c_h) do contexto. Essas diferentes coordenadas servirão, entre outras coisas, para que

²⁵Amárico(SCHLENKER, 2003, p. 68); (ANAND, 2006, p. 76):

- a. João jǝgna nə-nǝn̄ yil-all.
- b. João herói ser_{PRES-1S} dizer-3S
- c. João_i disse que eu_i sou um herói.

se identifique quais parâmetros são responsáveis pela dependência de contexto dos indexicais em questão, por exemplo, o indexical ‘eu’ estabelece dependência contextual com a coordenada de agente do contexto, já o indexical ‘aqui’ estabelece dependência contextual com a coordenada de local, e assim por diante.

O autor dividiu as expressões indexicais em dois grupos: os *indexicais puros*, cuja identificação da referência se dá somente pelas regras semânticas, e os *demonstrativos*, cuja identificação do referente necessita de um apontamento, elemento acessório às regras semânticas.

A abordagem de Kaplan possui duas características importantes: *os indexicais são expressões diretamente referenciais*, não há mediação de algo como o sentido fregeano entre o referente e a expressão linguística, e *a determinação do referente de um indexical depende do contexto*, o referente do indexical é fixado no contexto de proferimento e não sofre variação nas diferentes circunstâncias de avaliação.

Como os indexicais em língua natural são expressões dependentes do contexto de proferimento, a simples distinção entre sentido e referência não basta para capturar a sua semântica. Por isso, Kaplan propõe que para se chegar ao *significado* das expressões indexicais primeiro é necessário determinar o seu caráter e, em seguida, determinar o seu conteúdo. O *conteúdo* é uma função de circunstâncias de avaliação (mundos possíveis) para valores semânticos e o *caráter* é uma função de contextos para conteúdos.

Um ponto da abordagem de Kaplan (1989) que vêm sendo colocado em xeque por linguistas e filósofos é a afirmação de que nenhum operador pode atuar sobre o caráter de um indexical em língua natural. Kaplan chama tal operador de **monstro**. Para Kaplan, a única maneira de se operar sobre o caráter de um indexical é usar o discurso direto, no entanto, nesse caso o indexical entre aspas está sendo mencionado e não usado. Considere as sentenças de (40) a (42), através das quais é possível visualizar os diferentes casos com que estamos lidando.

(40) João disse: “*Eu* estou cansado.”

(41) João_{*i*} disse que *ele_{*i*}* estava cansado.

(42) João disse que *eu* estou cansado.

Em (40) temos o discurso direto, uma citação direta na qual o indexical está sendo mencionado e não usado; na sentença em (41) tem-se o discurso indireto padrão, com um elemento anafórico; e em (42) tem-se o indexical sendo usado e referindo-se ao falante que está relatando

algo sobre o João; (40), (41) e (42) apresentam, respectivamente, um indexical sendo mencionado, um elemento anafórico e, por último, um indexical puro sendo usado.

Kaplan (1989) afirma que nada impede que seja construída uma linguagem na qual tais operadores-monstros atuem modificando o contexto de fixação dos indexicais. Todavia, já foram encontradas línguas naturais em que o contexto de avaliação dos indexicais é modificado, pode-se citar o amárico, e partiram daí propostas de análises que refutam a afirmação de Kaplan de que não existem operadores-monstros em línguas naturais.

Além do ponto sobre operadores-monstros que vem sendo colocado em questão, neste capítulo foi apontada também a previsão de Kaplan para o discurso indireto que afirma que a natureza indexical do discurso direto é perdida em discurso indireto. Essa previsão é refutada pela existência da estrutura PRO, que só ocorre no discurso indireto quando o pensamento ou discurso que deu origem ao relato foi *de se*. Esse tipo de dado colabora na refutação da afirmação de Kaplan de que sentenças com caracteres diferentes e o mesmo conteúdo ao serem relatadas perdem sua natureza indexical.

1.9 APÊNDICE: COMO TRABALHA A TEORIA DE INDEXICAIS DE KAPLAN

Conforme foi visto, para que uma sentença contendo indexicais seja avaliada e receba um valor semântico ela depende de um conjunto de coordenadas, que formam o contexto do proferimento. Segundo Kaplan, uma sentença com indexicais sempre será avaliada em relação ao contexto c^* , ou seja, ao contexto *hic et nunc*. Desse modo, então, diferentes indexicais estarão ligados a diferentes coordenadas do contexto, por exemplo, os indexicais temporais se ligam à coordenada c_t^* , os indexicais que estabelecem dependência contextual com o localização se relacionam à coordenada c_l^* , e assim por diante.

Não se pode esquecer, durante a análise de uma sentença ou expressão indexical, da estipulação feita por Kaplan, na qual o agente do contexto (c_a) sempre está no mundo (c_w), no tempo (c_t) e na localização do contexto (c_l). Além disso, para se chegar ao valor semântico de uma expressão indexical é necessário que se determine o seu caráter e seu conteúdo. O caráter é o aspecto pré-proposicional do significado, é uma função que toma contextos como *input* e retorna os conteúdos daquele contexto. Por sua vez, o conteúdo toma como

input mundos possíveis e produz valores semânticos, *i.e.*, o conteúdo é o valor proposicional.

Nesta seção, serão apresentadas algumas análises²⁶ de sentenças e expressões indexicais a fim de se explicitar a abordagem de Kaplan (1989) para o significado das expressões indexicais.

(43) *Eu estou muito aborrecido.* = S

$$\langle c_a, c_t, c_l, c_w \rangle = \langle \text{Lula, 1998, quarto, } c_w^{27} \rangle = c^*$$

$$\text{Caráter(S)} = [\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar muito aborrecido} \rangle]](c^*)(w^*)$$

$$\text{Conteúdo(S)} = \text{caráter(S)}(c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar muito aborrecido} \rangle]](c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda w \langle \text{Lula, estar muito aborrecido} \rangle](w^*)]$$

(44) *As visitas chegaram agora.* = S

$$\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle = \langle \text{Madonna, Jesus, 22 horas, quarto, } c_w \rangle = c^*$$

$$\text{Caráter(S)} = [\lambda c [\lambda w \langle c_t, \text{visitas chegaram} \rangle]](c^*)(w^*)$$

$$\text{Conteúdo(S)} = \text{caráter(S)}(c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda c [\lambda w \langle c_t, \text{visitas chegaram} \rangle]](c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda w \langle 22 \text{ horas, visitas chegaram} \rangle](w^*)]$$

(45) *Eu estou cantando agora.* = S

$$\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle = \langle \text{Xuxa, empregada, 14 horas, banheiro, } c_w \rangle = c^*$$

²⁶As representações formais de caráter e de conteúdo (KAPLAN, 1989) são baseadas nas apresentadas em Schlenker (2003, 2010).

²⁷Fazemos uma assunção simplificadora de que o mundo do contexto de proferimento (c_w^*) é o mundo em que o falante está; dito de outra forma, assumiremos que o mundo em que a sentença é avaliada (*i.e.*, o mundo possível usado no conteúdo) é o mundo do contexto (*i.e.*, c_w^*). Desse modo, avaliamos uma sentença, em relação a um contexto e em relação ao mundo desse contexto.

$$\text{Caráter}(S) = [\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar cantando}, c_t \rangle]] (c^*)(w^*)$$

$$\text{Conteúdo}(S) = \text{caráter}(S)(c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar cantando}, c_t \rangle]](c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda w \langle \text{Xuxa}, \text{estar cantando em } c_t \rangle (w^*)]$$

$$(46) \quad \text{Está chovendo } \textit{aqui agora}. = S$$

$$\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle =$$

$$\langle \text{Pelé}, \text{Maradona}, 22 \text{ de fevereiro de } 2010, \text{Santos}, c_w \rangle = c^*$$

$$\text{Caráter}(S) = [\lambda c [\lambda w \langle \text{estar chovendo}, c_l, c_t \rangle]](c^*)(w^*)$$

$$\text{Conteúdo}(S) = \text{caráter}(S)(c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda c [\lambda w \langle \text{estar chovendo}, c_l, c_t \rangle]](c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda w \langle \text{estar chovendo}, \text{Santos}, 22 \text{ de fevereiro de } 2010 \rangle (w^*)]$$

$$(47) \quad \text{Eu estou cansado}. = S$$

$$\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle = \langle \text{Osvaldo}, \text{Jokasta}, 24 \text{ horas}, \text{quarto}, c_w \rangle = c^*$$

$$\text{Caráter}(S) = [\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar cansado} \rangle]](c^*)(w^*)$$

$$\text{Conteúdo}(S) = \text{caráter}(S)(c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda c [\lambda w \langle c_a, \text{estar cansado} \rangle]](c^*)(w^*) =$$

$$[\lambda w \langle \text{Osvaldo}, \text{estar cansado} \rangle (w^*)]$$

2 MONSTRO: OPERADOR DE ATITUDE

Neste capítulo, apresentaremos a concepção de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) em relação à abordagem kaplaniana para os indexicais. Na verdade, a maioria das ideias de Schlenker se opõem à teoria de Kaplan (1989), assim sendo, neste capítulo agrupam-se os principais argumentos e os dados de diferentes línguas naturais, reunidos pelo linguista, para combater a previsão para o discurso indireto, e por consequência, a proibição contra operadores-monstros elaborada por Kaplan (1989). Schlenker mostra que em várias línguas naturais, entre elas o amárico, o inglês e o francês, há operadores sobre os contextos de avaliação ou de fixação dos indexicais. Além disso, mostra que um tipo de operador-monstro, que permite que os indexicais tenham seu valor fixado em um contexto que não seja o de proferimento, é o verbo de atitude, presente em relatos de proferimento e de pensamento.

Em suma, este capítulo visa apresentar os argumentos favoráveis aos operadores-monstros e ainda mostrar, através de dados, que os verbos de atitude e os verbos *dicendi* são esses monstros, já que eles modificam o contexto em que os indexicais são avaliados, o que possibilita que o indexical monstruoso fixe sua referência no contexto reportado (c').

De acordo com o que foi visto de modo breve no Capítulo 1, seção 1.7.2, os indexicais podem ser modificados em vários domínios, que se ligam às coordenadas do contexto; neste capítulo trataremos dos indexicais monstruosos/modificados no domínio temporal e mostraremos que o PB têm operadores-monstros e indexicais monstruosos nesse domínio, e, possivelmente, no domínio de localização (indexicais que se referem à coordenada de local (c_l) da ênupla contextual).

2.1 AS DIFERENÇAS CONCEPTUAIS ENTRE KAPLAN E SCHLENKER E OS ARGUMENTOS PARA OPERADORES-MONSTROS

Conforme Schlenker “[...] an expression qualifies as indexical if its semantic value is determined by some feature *of a context of utterance*” (2003, p. 31). Pode-se notar que o conceito de expressões indexicais de Schlenker (2003) é mais amplo do que o conceito de Kaplan (1989), dado no Capítulo 1; para o primeiro, o termo indexical é uma expressão que adquire valor semântico a partir de alguma característica de *algum contexto de proferimento* (c' ou c^*), já para o segundo autor, o termo

indexical adquire valor semântico a partir do contexto de proferimento *hic et nunc* ou c^* , e nenhum outro.

Através da concepção de indexical de Schlenker (2003), que acabamos de apresentar, é possível notar uma frouxidão na denominação dada pelo autor aos contextos envolvidos na avaliação dos indexicais, problema que perpassa a maioria dos textos sobre indexicais do linguista. Esses usos soltos, permitem, então, que se tenha mais de um contexto de proferimento numa teoria sobre indexicais, já que o contexto em que o proferimento ocorre (c^*) e o contexto que está sendo relatado (c'), para o autor, são igualmente contextos de proferimento. Para evitar mal-entendidos, nesta dissertação, utilizamos as denominações de modo pontual: o contexto de proferimento é representado como c^* , é o contexto em que o proferimento ocorre; e o contexto reportado/relatado é representado como c' e é um contexto temporalmente anterior à c^{*1} .

Além da desigualdade de conceituação para os indexicais observada entre as teorias de Schlenker (2003) e de Kaplan (1989), como já foi exposto no Capítulo 1, Schlenker propõe uma classificação diferente para os indexicais: os indexicais puros de Kaplan são chamados de ‘indexicais estritos’ por Schlenker (2003, 2010), *e.g.*, ‘eu’; os demonstrativos de Kaplan, *e.g.*, ‘ele’, são chamados de ‘termos com usos indexicais’ por Schlenker².

Uma diferença que tem maior peso conceitual, e por isso será tratada ao longo deste capítulo, é o modo como os verbos de atitude e *dicendi*, como operadores semânticos, são encarados por Schlenker e por Kaplan. Na argumentação contra a teoria de Kaplan (1989), Schlenker (2003, 2010) propõe que o verbo de atitude, presente num relato de proferimento ou de pensamento, controla uma variável de contexto e, por isso, pode fixar a referência dos indexicais que aparecem sob seu escopo. Assim sendo, um indexical pode depender do contexto de proferimento *hic et nunc*, c^* , ou do contexto reportado, c' ; esse tipo de comportamento caracteriza os verbos de atitude e os verbos de dizer como operadores-monstros, o que vai de encontro à *Fixity Thesis*

¹Note que até no caso de um relato de um pensamento preditivo como ‘Maria pensa que Julia vai ganhar na loteria’ = c^* , o pensamento (ou a “pré-visão”: ‘Julia vai ganhar na loteria’ = c') deve se dar num tempo t anterior ao contexto em que o proferimento é feito.

²Relembrando, o que já afirmamos no início do Capítulo 1: não se sabe se as classes de indexicais determinadas por cada autor coincidem totalmente e isso depende de mais investigações sobre o tópico. O que se pode dizer é que os indexicais puros de Kaplan (1989) são apenas em (grande) parte os indexicais estritos de Schlenker (1999, 2003, 2010).

de Kaplan (1989): “The semantic value of an indexical is fixed solely by the context of the actual speech act, and cannot be affected by any logical operators.”(SCHLENKER, 2003, p. 29), ou seja, nenhum operador pode modificar o contexto em que os indexicais são avaliados.

Ao assumir que os verbos de atitude e de dizer são operadores-monstros muda-se, por consequência, a semântica dispensada a esse tipo de expressão. Na abordagem da semântica de mundos possíveis, os verbos de atitude são considerados quantificadores sobre mundos possíveis. Considere a sentença em (48), segundo o modelo teórico da semântica intensional.

(48) Marcelo *acredita* que está chovendo.

(48) é verdadeira, *grosso modo*, se e somente se, estar chovendo é o caso em todos os mundos possíveis compatíveis com as crenças de Marcelo.

Uma vez que Schlenker propõe que os verbos de atitude e os verbos *dicendi* são operadores-monstros, esses itens devem ser abordados como quantificadores sobre *contextos de pensamento ou de proferimento*. A reformulação lógica em relação aos operadores de atitude gera uma teoria mais fina do que a de Kaplan (1989)³, já que um contexto de proferimento ou de pensamento só pode determinar um único mundo possível (o mundo daquele contexto) juntamente com outras coordenadas adicionais, enquanto o inverso não é verdadeiro.

Considere a sentença em (49) a partir da reelaboração de Schlenker (2003), *i.e.*, com os verbos de atitude⁴ e de dizer como quantificadores sobre contextos.

³A teoria de Kaplan para os indexicais é baseada na lógica modal padrão e herda inadequações desse quadro teórico, principalmente, por dois aspectos: (i) o operador modal muda o ponto de avaliação de todo elemento que aparece em seu escopo. No entanto, em língua natural, há casos em que um elemento que está no escopo modal não é semanticamente dependente dele; (ii) “[...] a standard modal system is strictly less expressive than a logic with full quantification over times and worlds.”(SCHLENKER, 2003, p. 45). Por conta dessas inadequações, concordamos com Schlenker que é mais adequado o uso de um sistema extensional.

⁴A partir da análise dos textos de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), observamos que o autor inclui na classe dos verbos de atitude todos os verbos cuja relação se dá entre um indivíduo e um objeto abstrato, a proposição (ao menos até apresentarmos as concepções mais aprofundadas sobre os operadores-monstros de Schlenker, que propõe que operadores de atitude estabelecem uma relação entre indivíduos e caracteres (seção 2.2.3)). Por conta disso, ele insere no grupo dos verbos de atitude os verbos *dicendi*. Para evitar esse tipo de comprometimento teórico, preferimos discriminar nesta dissertação, de acordo com a situação, os dois grupos de verbos (de atitude e *dicendi*) sem assumir a posição de Schlenker.

(49) Marcelo *disse* que está chovendo.

(49) é verdadeira se e somente se, Marcelo dizer que está chovendo é o caso em cada contexto compatível com (49).

As diferenças presentes no conceito de expressões indexicais, na classificação atribuída a essas expressões e no modo como cada teoria encara o verbo de atitude são algumas das discrepâncias superficiais que podem ser encontradas entre a teoria de Kaplan (1989) e de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011). Na sequência, no item (i) e no item (ii), destacamos os dois pontos da teoria de Kaplan (1989) sobre os quais Schlenker levanta argumentos e para os quais propõe maiores reelaborações:

- (i) a previsão para o discurso indireto;
- (ii) a negação de que existam operadores sobre o contexto de avaliação dos indexicais em línguas naturais.

Nos itens (iii) e (iv), por sua vez, citamos os argumentos de Schlenker (1999, 2003, 2010) para comprovar que a teoria kaplaniana é teoricamente insuficiente para tratar da indexicalidade nas línguas naturais:

(iii) prova que a teoria do discurso indireto de Kaplan (1989) não é tão fina quanto o discurso indireto na língua natural exige. O autor busca demonstrar que a quantificação sobre contextos e não somente sobre mundos possíveis é necessária, pois dado que cada contexto determina um único mundo possível, *i.e.*, o mundo daquele contexto, e que um mundo possível pode participar de vários contextos, a quantificação sobre contextos se mostra mais fina do que a quantificação sobre mundos possíveis.

(iv) lança mão de dados que, morfossintaticamente, mostram a necessidade de quantificação sobre contextos, pois alguns indexicais parecem ser avaliados com respeito ao contexto que está sendo reportado (*c'*) e não em relação ao contexto *hic et nunc* do proferimento (*c**).

A previsão de Kaplan (1989) sobre o discurso indireto, item (i), deve ser refutada porque ela se relaciona diretamente com o item (ii), ou seja, a negação da existência de operadores-monstros, já que é no discurso indireto que encontram-se os operadores de atitudes, que são os operadores-monstros apontados por Schlenker (1999, 2003). Nas seções seguintes trataremos desses quatro itens e como eles se relacionam

numa teoria semântica para indexicais. Assim sendo, as seções 2.2 e 2.3 apresentam o embate teórico e empírico entre a teoria kaplaniana para os indexicais e as concepções de Schlenker.

2.2 REFUTAÇÃO SEMÂNTICA DA TEORIA KAPLANIANA DO DISCURSO INDIRETO

A previsão de Kaplan (item (i)) afirma que a natureza indexical de um discurso direto é perdida em um relato desse discurso. Para lembrar o tipo de exemplo que Kaplan (1989) utilizou para comprovar a sua previsão para o discurso indireto, imagine uma situação em que uma moça chamada Daiane, olha para a vitrine de uma loja e observa que uma mulher está com as meias-calças desfiadas. Daiane, num primeiro momento, não se reconhece e pensa algo como (51); em seguida, ao perceber que a mulher com as meias-calças desfiadas é ela mesma, pensa (52). Nessa situação, podemos relatar com uma única sentença, com um único conteúdo, como em (50), os dois pensamentos descritos em (51) e (52), que possuem caracteres diferentes. Novamente, isso se dá, porque no discurso indireto não é retida a natureza indexical do discurso direto, segundo Kaplan (1989).

(50) *Ela* pensou que as meias-calças *dela* estavam desfiadas.

(51) As meias-calças *dela* estão desfiadas.

(52) As *minhas* meias-calças estão desfiadas.

A partir dessa situação, e de outras similares à essa, percebemos que o caráter é o único elemento do significado⁵ capaz de mimetizar a significância cognitiva de uma sentença com indexicais, enquanto o conteúdo não tem essa habilidade. Assim sendo, pode-se caracterizar o caráter como um elemento tão fino quanto a significância cognitiva das expressões indexicais, pois a significância cognitiva é totalmente representável pelo caráter, mas o caráter é um elemento mais fino que o conteúdo do itens indexicais.

Através desses exemplos, Kaplan (1989) confirma sua previsão para o discurso indireto e, também, mostra que o elemento do significado responsável pelo valor de verdade de uma proposição que está no escopo de um operador de atitude é o conteúdo, já que só o conteúdo

⁵Schlenker (1999, 2003, 2010) utiliza tanto a denominação ‘caráter’ e ‘conteúdo’ para as partes que compõem o significado dos indexicais, quanto, respectivamente, ‘sentido indexical’ e ‘sentido objetivo’.

aparece sob o escopo do operador de atitude ‘pensar que’, em (50); o caráter serve, exclusivamente, para dar conta da significância cognitiva das sentenças.

Nas palavras de Kaplan (1989),

[o conteúdo] [...] identified with a set of possible worlds (a proposition), is responsible for the truth-conditional contribution of embedded clauses; [...] [já o caráter], which is strictly more fine-grained, [...] is supposed to account for the significance of unembedded sentences. (SCHLENKER, 2003, p. 35).

Schlenker (2003), por sua vez, afirma que além da significância cognitiva, também o valor de verdade de uma oração encaixada após um operador de atitude é fornecido pelo caráter, o que permite afirmar que “the indexical nature of a thought or discourse can in some cases be retained in a report” (2003, p. 36).

Para confirmar as suas ideias e refutar a previsão de Kaplan (1989), Schlenker buscou por estruturas que ele chamou de ‘quase-indexicais’⁶ que deveriam possuir a característica negada na previsão para o discurso indireto de Kaplan (1989), *i.e.*, deveriam ser expressões que pudessem marcar no discurso indireto, que em discurso direto foi usada, por exemplo, a primeira pessoa, e assim reter a natureza indexical do pensamento. Schlenker (1999, 2003, 2010) encontrou esse tipo de comportamento nos pronomes logofóricos e nas estruturas PRO, que serão vistas nas seções 2.2.1 e 2.2.2.

Antes de conhecermos os pronomes logofóricos e as estruturas PRO vamos nos concentrar, brevemente, nas diferenças entre as atitudes *de se* e os relatos de atitudes *de se*; esses são conceitos necessários para entender o funcionamento dos logofóricos e de PRO.

As “atitudes *de se*” representam os pensamentos ou a significância cognitiva dos discursos diretos. Os “relatos de atitudes”, por sua vez, são os casos de discursos indiretos. Um pensamento e/ou atitude *de se* pode ser observado em (53), que representa um pensamento de Marcos.

(53) *Eu* vou ser famoso.

⁶Esse nomenclatura é dada por Schlenker (2003, p. 36) à classe de termos que podem marcar no relato do proferimento o uso de primeira pessoa no discurso direto e tem origem nos “quasi-indicators”(CASTANEDA, 1967), em cujo conjunto consta o pronome artificial ‘he*’, proposto por razões conceituais.

(53) é uma sentença que descreve um pensamento de Marcos em relação ao próprio Marcos. Nesse caso, observamos um pensamento ou atitude *de se*, uma vez que ele teve o pensamento ‘ser famoso’ de si.

Um relato de atitude *de se*, por sua vez, é encontrado em (54).

(54) O Marcos disse que vai ser famoso.

Em (54) temos um relato de uma atitude que foi *de se* em sua origem, pois estamos reportando o que o Marcos disse sobre si mesmo.

Seguimos até aqui, basicamente, os passos de Kaplan (1989) e de suas previsões e estipulações para os indexicais. No entanto, conforme já indicamos, existem estruturas como PRO e como os logofóricos que são argumentos desfavoráveis à teoria kaplaniana para o discurso indireto. Apresentaremos os dados que embasam a refutação da teoria kaplaniana, proposta por Schlenker, na sequência.

2.2.1 Pronomes logofóricos

Os pronomes logofóricos são estruturas indexicais das línguas naturais que comprovam que é possível que um relato de atitude retenha a natureza indexical de um pensamento/atitude, negando a previsão de Kaplan (1989) para o discurso indireto. Os primeiros dados sobre os logofóricos⁷ foram apontados por Schlenker (2003) a partir de estudos da língua ewe⁸ que foram realizados por Clements (1975). No entanto, com o avanço das pesquisas sobre esse tipo de item indexical foram sendo encontradas mais línguas com pronomes logofóricos; podemos citar o gokana⁹ (HYMAN; COMRIE, 1981), o bafut¹⁰ (KUSOMOTO, 1998) e o iorubá¹¹ (ANAND, 2006), entre outras.

⁷Pronomes logofóricos são, literalmente, pronomes que carregam discurso (SCHLENKER, 2003) e são a realização, em língua natural, dos “quasi-indicators” (CASTANEDA, 1967).

⁸A língua ewé ou ewe é uma das Línguas kwa falada por cerca de três milhões de pessoas, principalmente em Gana, Togo e em Benim. Tanto a língua, quanto os escravos que a falavam, são tradicionalmente conhecidos no Brasil sob os nomes de Jeje, Gegê, ou ainda Jeje-Nagô. O ewe é parte de um grupo de línguas relacionadas comumente chamado Gbe, estendendo-se da Gana oriental à Nigéria ocidental; cf. Wikipédia, a enciclopédia livre.

⁹Gokana (Gòkánà) é uma língua falada por cerca de 130.000 pessoas no estado de Rivers, na Nigéria.

¹⁰Bafut (Babute, bufe, fut) é uma língua falada na região centro-ocidental de Camarões, por aproximadamente 80 mil pessoas, é da família nígero-congolesa.

¹¹O iorubá ou ioruba (Èdè Yorùbá, “idioma iorubá”) é um idioma da família linguística nígero-congolesa, e é falado ao sul do Saara, na África.

As principais características dos pronomes logofóricos são:

- (i) logophoric pronouns are restricted to *reportive contexts* transmitting the words or thought of an individual or individuals other than the speaker or narrator;
- (ii) the antecedent does not occur in the same reportive context as the logophoric pronoun;
- (iii) the antecedent designates the individual or individuals whose words or thoughts are transmitted in the reportive context in which the logophoric pronoun occurs. (CLEMENTS, 1975, p. 171).

Na caracterização de Clements (1975) para os logofóricos, vimos que eles sempre ocorrem em relatos de atitudes, e por isso, permitem que a sentença que reporta a atitude *de se* passe a ter uma construção peculiar. A partir disso, fica indicado no discurso indireto que o discurso direto foi *de se*; os pronomes logofóricos, do ewe e das demais línguas, têm a capacidade de atribuir ao agente da atitude uma referência indexical a ele mesmo.

Tomemos novamente a situação de Daiane que viu a imagem de uma mulher refletida em uma vitrine, cujas meias estavam desfiadas, representada em (55). Nesse primeiro momento focaremos nossa atenção na diferença de interpretação *de se* e *de re* obtida, respectivamente, em sentenças com logofóricos e com elementos não-logofóricos. Simulamos essa relação com sentenças do PB (usamos ‘*’ para marcar quais são as estruturas logofóricas) que, até onde se sabe, é uma língua que não tem pronomes logofóricos.

O pronome logofórico deve ser usado no relato do pensamento como em (a) (em que usamos ‘*’ para marcar que a morfologia dos logofóricos é diferente dos outros pronomes) se o pensamento foi *de se*, já se o pensamento foi *de re*¹² um pronome comum (sem marcação de ‘*’) será utilizado, como em (b).

¹² *De re*, do latim, ‘da coisa’; uma atitude *de re* é exemplificada na sentença ‘Aníbal acredita, acerca de alguém, que ele é um espião português’. Essa sentença atribui ao indivíduo Aníbal a crença sobre uma pessoa particular (*res*) de que, essa pessoa, é um espião, *i.e.*, expressa uma crença *de re* sobre alguém específico (BRANQUINHO et al., 2006, p. 226-227).

- (55) (a) Daiane_i acredita que as meias-calças *dela*_i^{*13} estão desfiadas.
 (b) Daiane_i acredita que as meias-calças *dela*_j estão desfiadas.

No que tange a relação entre as leituras *de se* e *de re*, é preciso atentar que as leituras *de se* são mais finas que as leituras *de re*; assim a leitura *de se* é um subtipo da leitura *de re*, pois “*De Se readings are strictly stronger than De Re readings because any situation compatible with the former [de se] is compatible with the latter [de re], but not vice versa.*”(SCHLENKER, 2010, p. 16). Para representar essa ideia, considere as sentenças em (a) e (b), em (56).

- (56) (a) Daiane acredita estar com as meias-calças desfiadas.
 (b) Daiane acredita que as meias-calças *dela* estão desfiadas.

Na sentença em (a) ocorre somente a leitura *de se*, já que a crença de Daiane foi de si, parafraseada como em (a’).

- (a’) *Eu* estou com as meias-calças desfiadas.

A sentença em (b), por seu turno, é compatível com uma leitura *de re* e *de se*, pois, sem a contextualização exata sobre a crença de Daiane, podemos ter as leituras *de re* ou *de se* de (b). Assim, ambas as parafrases da crença de Daiane dadas em (b’) e (b’’) são aceitáveis para essa situação.

- (b’) *Eu* estou com as meias-calças desfiadas.
 (b’’) *Ela*_i está com as meias-calças *dela*_i desfiadas.

É importante notar a partir dessa discussão que uma sentença com leitura *de re* também é compatível com uma leitura *de se*, já uma sentença com leitura *de se* só é compatível com uma leitura *de se*, como exemplificado em (56)(a) e (a’). A sentença (56) (a) envolve a estrutura sintática PRO, que será considerada, em detalhes, na seção seguinte.

Considere a partir desse momento, as sentenças de (a) à (d), que apresentam as estruturas logofóricas da língua ewe e da língua gokana, retiradas de Schlenker (1999, p. 32) e as sentenças (e) e (f) da língua

¹³O uso do (*) no pronome do PB ilustra como nas línguas em que há pronomes logofóricos o léxico fornece um item diferente para o relato de pensamento que foi *de se* na origem.

bafut de Schlenker (2003, p. 60).

(a) e (b) são sentenças indexicais do ewe, no entanto em (a) o elemento ‘yè’ é o pronome logofórico que “[...] can only appear when the matrix element it ‘corefers’ with is in 2nd or in 3rd person[...]” (SCHLENKER, 1999, p. 32). Desse modo, em (a) o pronome logofórico só pode ser utilizado quando ele está se referindo ao sujeito da oração principal e, por isso, é o “selo” linguístico responsável por atestar, no discurso indireto, que o discurso direto do João foi *de se*. O logofórico do ewe aponta qual foi o caráter do discurso direto, o que mostra que a natureza indexical do discurso direto permanece no relato. O elemento ‘e’ da sentença (b) não é um logofórico, já que há uma leitura *de re* na sentença e, assim, esse item não tem restrições quanto à sua distribuição, ele pode ocorrer em qualquer posição da sentença.

(a) João be yè-dzo. (pronome logofórico do ewe)

João dizer LOG-sair

João disse que ele (João) saiu.

(b) João be e-dzo. (indexical não-logofórico do ewe)

João dizer ele/ela sair

João disse que ele (\neq de João) saiu.

(c) à nyimá kɔ àè dɔ-è. (concordância logofórica do gokana)

Ele sabe que ele cair-LOG

Ele_i sabe que ele_i caiu.

(d) à nyimá kɔ àè dɔ. (concordância não-logofórica do gokana)

Ele sabe que ele cair

Ele_i sabe que ele_k caiu.

(e) João wà?àtd̄ m̄d̄ yu kà khi. (pronome logofórico em bafut)

João pensa que LOG FUT queimar

João_i pensa que ele_i vai queimar.

(f) João wà?àtd̄ m̄d̄ à kà khi. (pronome não-logofórico em bafut)

João pensa que ele FUT queimar

João_i pensa que ele_k vai queimar.

Nas sentenças (c) e (d), por sua vez, que são exemplos da língua gokana, observa-se que o elemento logofórico é, como declara Schlenker (1999), na verdade, um fenômeno de concordância logofórica. Nesses casos, os pronomes em (c) que devem ser interpretados *de se* e em (d) que devem ser interpretados *de re*, têm a mesma estrutura, a diferença recai sobre a concordância verbal: em (c), ‘dɔ-ɛ’ é a estrutura logofórica que sinaliza no discurso indireto o caráter do discurso direto; em (d), ‘dò’ indica que é uma estrutura linguístico não-logofórica, para a qual deve ser atribuída a leitura *de re*.

Os exemplos (e) e (f) da língua bafut também mostram “[...] that a De Re (non-De Se) reading cannot be rendered with a logophoric pronoun.”(SCHLENKER, 2003, p. 60)

2.2.2 PRO

Como já foi discutido brevemente no Capítulo 1, para o inglês, Schlenker (2003) cita exemplos de construções sintáticas que são lidas sempre *de se* quando estão sob o escopo de um verbo de atitude ou de dizer, que são as estruturas PRO: o sujeito não pronunciado de uma oração infinitiva sob uma estrutura de controle (encaixada). Assim, as sentenças que possuem a estrutura PRO devem ser usadas somente para reportar um pensamento ou discurso que foi *de se*.

Os PROs são estruturas importantes para a teoria sobre indexicais pelo mesmo motivo que os pronomes logofóricos, ou seja, provam que a afirmação de Kaplan (1989) sobre o discurso indireto é inadequada¹⁴, já que sinalizam que em discurso indireto (relato de proferimento) pode-se marcar o uso que se fez dos indexicais no discurso direto (proferimento), *i.e.*, a natureza indexical (caráter e/ou significância cognitiva) do discurso direto não é perdida no discurso indireto. Citamos o exemplo de Schlenker (2003, p. 61) em (57).

- (57) *Situation:* John is so drunk that he forgotten that he is a candidate in the election. He watches someone on TV and finds that that person is a terrific candidate, who should definitely be elected. Unbeknownst to John, the candidate he is watching on TV is John himself.

¹⁴Dois pensamentos ou discursos que diferem em caráter, mas não em conteúdo, são reportados da mesma maneira em discurso indireto (Kaplan, 1989).

- (a) (T) John hopes that *he* will be elected.
- (b) (F/#) John hopes PRO to be elected [OK if the thought was: ‘I should be elected’].

Considerando a situação em (57) vemos que, no inglês, a leitura *de re* é a mais adequada, pois John pensa que aquele candidato na televisão é bom e precisa ser eleito, sem se dar conta que aquele candidato é o próprio John. Uma vez que isso ocorre, (57) força a leitura *de se* ser falsa, já que a esperança de John não é que ele próprio seja eleito, o que caracterizaria uma leitura *de se*. Se (57) fosse uma situação *de se*, o pensamento de John seria ‘I should be elected’ que seria reportado com o uso da estrutura PRO no domínio sintático, como em (b).

Conforme Schlenker “[...] PRO in an attitude report can only be interpreted ‘De Se’: roughly, it can be used only in case ‘I’ was used in the original discourse”(SCHLENKER, 2003, p. 61). No entanto, essa afirmação precisa ser menos restritiva, pois, como o próprio autor coloca, podemos encontrar casos no inglês em que PRO é usado também quando o discurso direto foi feito em segunda pessoa.

Podemos verificar se esse tipo de estrutura ocorre no PB e se PRO ocorre somente em casos em que o pensamento foi *de se*, assim como se dá no inglês. Ao utilizar a mesma situação trazida em (57), no PB, podemos afirmar que o mesmo comportamento do inglês é encontrado, pois na situação em (57) a sentença mais adequada para reportar o que o João espera é como a sentença em (58), um relato de pensamento *de re*, e não a (59), que é um relato de pensamento exclusivamente *de se*.

- (58) João espera que *ele* seja eleito.
- (59) João espera PRO ser eleito.

A sentença em (59) exclui a leitura *de re*, já que “PRO only has a *De Se* reading”(SCHLENKER, 2010, p. 19), e na situação em questão o relato de pensamento *de se* é falso. Já uma sentença como em (58) é verdadeira, pois se adapta à situação *de se* e ao relato de pensamento *de re* de João, já que João não se reconhece na televisão. A partir disso, pode-se dizer que a sentença em (58) é compatível com uma leitura *de re* e *de se*, já que podemos ter o demonstrativo ‘ele’ se referindo tanto ao próprio João, quanto a outro indivíduo. No entanto, para a sentença em (59) só é aceita a leitura *de se*. Desse modo, é correto afirmar que

assim como no inglês, no PB a estrutura PRO ocorre somente quando o discurso de origem foi *de se*.

Em relação à afirmação de Schlenker quanto ao uso de PRO não ser restrito ao *de se* de primeira pessoa e se estender ao uso de segunda pessoa no discurso direto, buscamos investigar esse aspecto no PB. Para isso, considere (60).

(60) *Situação*: Em uma festa do escritório, João, que já bebeu muito, está contando a uma convidada que Julia foi muito grosseira com ele e com outros convidados. João diz à mulher com quem conversa: “Julia devia se tratar”. No entanto, a mulher com que João está conversando é a própria Julia.

(a) (V) João disse à *Julia* que *ela* deveria se tratar.

(b) (F/#) João disse à *Julia* para PRO se tratar. [OK se o discurso direto foi: “Se trate!”].

A sentença dada em (a), em (60), é a mais adequada porque é compatível com o relato de proferimento *de re*, de João, em que os referentes de ‘Julia’ e de ‘ela’ são diferentes. No entanto, a sentença em (a) também é compatível com a situação *de se*, em que ‘Julia’ e ela são a mesma pessoa. Embora (b) seja uma sentença que para ser interpretada adequadamente depende de um contexto marcado, por isso usamos o sinal ‘#’, ela só pode ser usada quando há leitura *de se* do pronome de segunda pessoa, após o verbo *dicendi*.

A partir do que foi visto até aqui, o que deve ser salientado é o fato de Schlenker (2003) mostrar que a estrutura PRO consegue marcar ou distinguir em um relato de atitude, ou discurso indireto, se o pensamento de origem ou o discurso direto foi *de se*. Por consequência, é possível afirmar que a natureza indexical de um discurso direto não é perdida em um relato e que, por isso, é possível em relatos de atitudes distinguir pensamentos ou discursos com o mesmo conteúdo e caracteres diferentes, contrariando o que afirmara Kaplan (1989).

2.2.3 O operador de atitude e sua relação com o caráter e o conteúdo

Nesta seção procuraremos explicitar como a teoria de Kaplan (1989) para os indexicais aborda os operadores de atitude. Além disso,

buscaremos esclarecer qual importância do tratamento dado a esses operadores para a previsão para o discurso indireto e quais as suas implicações para a teoria de Schlenker (1999, 2003, 2010) que afirma a existência de operadores-monstros em língua naturais.

A existência de indexicais monstruosos depende do tipo de relação estabelecida entre um verbo de atitude ou *dicendi* e os indexicais que estão na oração encaixada. Logo, podemos afirmar que a existência de indexicais modificados/monstruosos passa necessariamente pelo tratamento dado ao discurso indireto, já que quando há discurso indireto há verbos de atitude e *dicendi* na sentença e, possivelmente, operadores-monstros. Após o operador de atitude encontramos os conteúdos ou os caracteres dos indexicais?

Conforme viemos afirmando, para Schlenker, um operador de atitude pode atuar sobre caracteres. Por conta disso, se em discurso indireto é possível reter o caráter do indexical usado no discurso direto, é possível, também, nesse tipo de discurso, encontrarmos um operador-monstro atuando sobre um indexical monstruoso. Nesse caso, o indexical monstruoso pode receber um valor semântico tanto no contexto de proferimento (c^*), quanto no contexto reportado (c'). Assim, é importante que um operador de atitude seja visto como um “controlador” de caracteres, o que leva Schlenker (2003, 2010, 2011) a propor que *relatos de atitudes sejam relações entre indivíduos e caracteres*.

Para tornar o assunto mais consistente, considere novamente, a situação em que Daiane, ao olhar para a vitrine de uma loja, vê que uma mulher está com as meias-calças desfiadas. Na verdade, as meias-calças são da própria Daiane. Poderíamos dizer que Daiane acredita algo como a sentença em (61), pois não reconhece sua imagem refletida na vitrine, e não como em (63). Assim, um relato da crença de Daiane seria como a sentença dada em (62)¹⁵, e não como a dada em (64)¹⁶.

- (61) As meias *dela* estão desfiadas.
- (62) Daiane_{*i*} acredita que as meias *dela_{*j*}* estão desfiadas.
- (63) *Minhas* meias estão desfiadas.
- (64) Daiane_{*i*} acredita que as meias *dela_{*i*}* estão desfiadas.

Considere também a proibição contra operadores-monstros de Kaplan (1989):

¹⁵Em que se manifesta uma crença *de re*, assunto explicitado na seção 2.2.

¹⁶Em que há uma crença *de se*, assunto discutido na seção 2.2.

Because of the Prohibition Against Monsters, context parameters can never be shifted. As result, attitude reports cannot be construed as relations between individuals and Characters, but only as relations between individuals and Contents. (SCHLENKER, 2003, p. 41)

Podemos ver que a situação de Daiane, exemplificada pelas sentenças de (61) a (64), alia-se à proibição contra operadores-monstros, e por isso, se contrapõe ao desejado para indexicais monstruosos, pois demonstra que um operador de atitude controla conteúdos e não caracteres. Vamos ver isso em passos:

(i) duas sentenças ((61) e (63)) com caracteres diferentes têm o mesmo conteúdo, qual seja, ‘As meias-calças de Daiane estão desfiadas’;

(ii) ao reportar a crença de Daiane, com respeito a qualquer dos dois pensamentos em (61) e (63), devemos fazê-lo com uma única sentença, qual seja, ‘Daiane acredita que as meias-calças dela estão desfiadas’;

(iii) podemos perceber, então, que nesse caso, ao operador de atitude ‘acreditar que’ se segue o conteúdo das sentenças, porque se ao operador de atitude se seguisse o caráter, haveria duas maneiras distintas de reportarmos o pensamento de Daiane.

Seguindo o raciocínio de Kaplan (1989) para esse tipo de exemplo, ao relatar o que Daiane acredita, nas sentenças em (62) e (64) (que são relatos de atitudes), a relação se dá entre Daiane e um conteúdo; já nas sentenças em (61) e (63) (que são atitudes) a relação é entre um indivíduo e um caráter, visto que para Kaplan pensamentos ou atitudes são relações entre indivíduos e caracteres. Por conta de exemplos como o de Daiane e da proibição contra operadores-monstros, Kaplan (1989) nos apresenta a teoria do discurso indireto que faz os operadores de atitude somente sensíveis ao conteúdo, e nunca ao caráter do pensamento que eles relatam.

Não há como negar a importância da teoria de Kaplan (1989), pois ela esclarece a diferença entre atitudes e relatos de atitudes¹⁷. No entanto, como vimos brevemente no Capítulo 1 e estamos vendo neste

¹⁷A abordagem de Kaplan (1989) também garante que o *pensamento/atitude* seja sempre, sem ambiguidade, *de se* ou indexical. No entanto, o *relato da atitude* não recebe tal garantia, o que abre brechas para que um relato tenha, além da

capítulo, esse aparente argumento a favor da abordagem de Kaplan para os operadores de atitude e para previsão do discurso indireto, dado na situação de Daiane, é contradito por situações em que os operadores de atitudes mantêm sob seu escopo caracteres, e apresentam uma estrutura, *grosso modo*, semelhante a dada em (a), diferente da que foi proposta por Kaplan que é dada em (b).

(a) Sujeito - Verbo de atitude ou *dicendi* - caráter.

(b) Sujeito - Verbo de atitude ou *dicendi* - conteúdo.

2.3 REFUTAÇÃO SEMÂNTICA DE SCHLENKER A KAPLAN QUANTO AOS INDEXICAIS MODIFICADOS

A segunda refutação (item (ii)) teórica e empírica em relação a teoria dos indexicais de Kaplan (1989), que está diretamente relacionada com a primeira, se dá a partir de dados que demonstram que “[...] some indexicals can systematically be shifted in attitudes reports” (SCHLENKER, 2003, p. 37). Schlenker (2003, 2010) elenca dados do inglês, do francês e do amárico que permitem afirmar que há operadores-monstros e indexicais monstruosos nessas línguas.

Os operadores-monstros são os verbos de atitude e os verbos *dicendi*, e os indexicais monstruosos, apontados por Schlenker (1999, 2003), se relacionam ao domínio temporal ou à coordenada (c_t), no caso do francês e do inglês, e em relação ao domínio pronominal ou à coordenada de pessoa (c_h ou c_a) no amárico. Segundo o autor, os indexicais monstruosos e os quase-indexicais (PRO e logofóricos) têm uma semelhança semântica, qual seja, eles retêm em discurso indireto a natureza indexical do discurso direto.

O fato de Kaplan (1989) utilizar a lógica modal tradicional em sua teoria, que não manipula contextos, somente mundos possíveis, só poderia levar o autor a concluir que o operador testado por ele e que foi discutido no Capítulo 1, seções 1.6 e 1.7, ‘em alguns contextos é verdade que’, não serviria para verificar a existência de operadores-monstros, pois não há manipulação de contextos nesse cenário. Em

interpretação *de re*, *compatibilidade* com a situação *de se*. Em outras palavras, um pensamento como o de Daiane na sentença em (63) não apresenta ambiguidade nenhuma, é flagrantemente *de se*, afinal é uma atitude. No entanto, o relato desse pensamento, como em (62) e em (64) (sem índices), além de ter uma leitura *de re*, sempre pode ser compatível com uma situação *de se*, pois o relato de uma atitude desperta esse tipo de ambiguidade, basta observarmos os índices do indexical ‘ela’ no caso.

suma, Kaplan (1989) herda a reinterpretação dada por Kripke (1980) da teoria do sentido de Frege (1978)¹⁸, *i.e.*, utiliza a lógica modal tradicional, na qual faz algumas pequenas alterações para que o sistema dê conta da dependência contextual dos indexicais. Essas mudanças não geram grandes inovações na abordagem modal, pois é preciso que seja respeitado o Princípio 2 da teoria de Kaplan (1989) (cf. Seção 1.1, Capítulo 1).

Segundo Kaplan (1989) nenhuma língua natural pode ter um operador-monstro que atue sobre o caráter dos indexicais. No entanto, Schlenker afirma que os operadores de atitude podem fazer isso, embora essa capacidade de gerar a mudança não seja sistemática. O mais adequado, para esse caso, é afirmar que o operador de atitude *pode* modificar o contexto de avaliação dos indexicais que aparecem em seu escopo.

Considere (65); em (65) há um operador de atitude, no entanto a presença do operador de atitude nem sempre indica que o contexto de avaliação do indexical sofre alterações e que o indexical é avaliado em outro contexto que não o contexto de proferimento.

(65) Caroline *disse que eu* vou passar na prova.

O operador de atitude ‘dizer que’ não modifica o contexto de avaliação do indexical ‘eu’, sob seu escopo, já que esse permanece sendo avaliado no contexto de proferimento *hic et nunc*. Nesse caso, a presença do operador de atitude não garante que o indexical receba o valor semântico pelo contexto reportado *c'*.

A partir disso, podemos propor a seguinte máxima para a relação operador de atitude *versus* indexicais, dada na Figura 9.

<p>Indexicais monstruosos sempre encontram-se sob o escopo de um operador de atitude, no entanto, operadores de atitude nem sempre mantêm sob seu escopo só indexicais monstruosos.</p>

Figura 9: Relação operador de atitude *versus* indexicais.

A Figura 10 também ilustra o comportamento dos indexicais que aparecem sob o escopo do operador de atitude, ou seja, que a presença

¹⁸Relembrando, a teoria descritivista afirma que um termo linguístico chega ao seu referente através de sentido, teoria da referência indireta (FREGE, 1978); a teoria causal, por seu turno, afirma que um termo linguístico, como um nome próprio, não necessita do intermédio do sentido para chegar ao referente, pois a referência é direta (KRIPKE, 1980).

de um operador de atitude não obriga os indexicais sob seu escopo a serem indexicais monstruosos, o que foi visto na sentença em (65), *i.e.*, após um operador de atitude pode haver indexicais kaplanianos, que são avaliados no contexto de proferimento, *e.g.*, o indexical ‘eu’ do retângulo indicado em 2, da Figura 10, ou pode haver indexicais modificados/monstruosos quando o operador de atitude é um monstro e assim, os indexicais se fixam em um contexto diferente do contexto de proferimento *hic et nunc*, ou seja, no contexto reportado *c'*, *e.g.*, ‘aqui’ do retângulo 1.

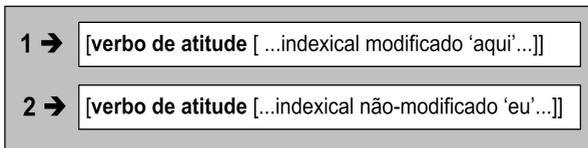


Figura 10: Comportamento dos indexicais sob o escopo do operador de atitude.

Conforme foi apontado nesta seção, a falsificação da previsão para o discurso indireto de Kaplan (1989) e a descoberta de operadores-monstros em línguas naturais são aspectos que mantêm um relacionamento estreito. A partir da descoberta de elementos linguísticos, como os logofóricos, que retêm no relato de proferimento a natureza indexical ou o caráter do discurso direto, fica mais fácil encontrar operadores-monstros. A suspeita recai naturalmente sobre os verbos de atitude ou *dicendi*, que na teoria kaplaniana só podem vir seguidos de conteúdos, mas que na reformulação proposta por Schlenker (1999, 2003, 2010) vêm seguidos de caracteres e assim, podem ser operadores-monstros que modificam contextos.

Conforme Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) há línguas naturais que apresentam indexicais modificados ou indexicais com comportamento monstruoso, entre elas o amárico. Na seção 2.3.1 apresentaremos os dados do autor que comprovam que o operador de atitude é um monstro capaz de modificar o contexto de avaliação dos indexicais sob seu escopo, no domínio temporal.

2.3.1 Schlenker e o comportamento monstruoso no domínio temporal

Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) encontrou indexicais, no inglês e no francês, que têm seu contexto de avaliação modificado quando estão sob o escopo de um operador de atitude. Essas expressões são ‘two days ago’ e ‘in two days’¹⁹, do inglês, e suas contrapartes no francês ‘il y a deux jours’ e ‘dans deux jours’, que se ligam à coordenada de tempo do contexto ou c_t . Por isso, nesta seção, nos restringiremos a apresentar os achados do autor no domínio temporal, ou ligados ao c_t , já que os demais domínios, pronominal e modal, serão objetos do Capítulo 3 e estarão relacionados à abordagem de Predelli (2008) para o discurso metaficcional.

Antes de começar a procura por indexicais monstruosos é preciso certificar-se, de acordo com Schlenker (*op.cit.*), de que as expressões sob investigação são, de fato, indexicais, ou seja, se os valores semânticos dos termos dependem do contexto em que são proferidos.

Uma expressão indexical não pode ser avaliada ou receber um valor semântico quando não tem um contexto para se fixar. Por exemplo, ao se usar a expressão ‘in two days’ no domingo, o seu referente é a terça-feira, que não é o mesmo referente se a expressão for proferida na segunda-feira, que terá como referente a quarta-feira. Do mesmo modo, acontece com a expressão ‘two days ago’, pois ao ser proferida na segunda-feira tem como referente o sábado e ao ser proferida na quinta-feira tem como referente a terça-feira. Assim sendo, já que as expressões do inglês e do francês dependem do contexto para determinar seu referente, elas são indexicais. As expressões ‘two days ago’ e ‘in two days’ são análogas às expressões ‘the day before yesterday’ e ‘the day after tomorrow’, *i.e.*, são indexicais; no entanto, como veremos, estas últimas são indexicais bem-comportados, que respeitam os princípios da teoria kaplaniana, enquanto que o mesmo não pode ser dito em relação às primeiras.

¹⁹É preciso atentar que para a expressão ‘in two days’ deve-se ter em mente a seguinte leitura: ‘no final do período de dois dias’, e não ‘dentro do período de dois dias’ (SCHLENKER, 1999, 2010, 2011, p. 63).



Figura 11: Expressões dependentes do contexto investigadas por Schlenker.

Considere as sentenças em (66) e (67), retiradas de Schlenker (2003, p. 64).

- (66) # John has told me repeatedly over the years that he was sick *the day before yesterday*.
- (67) John has told me repeatedly over the years that he was sick *two days ago*.

Na sentença em (66), a expressão ‘the day before yesterday’, como um indexical kaplaniano, somente pode ser avaliada em relação ao contexto de proferimento *hic et nunc* (c^*). Por conta disso, a sentença em (66) só é considerada natural em um contexto marcado (#), já que ‘repeatedly over the years’ impõe uma interpretação de que foram proferimentos iterativos de John, enquanto que a interpretação da expressão indexical só fornece o contexto de proferimento para determinação da referência do indexical temporal, que consiste em um único proferimento de John.

As coisas ficam mais claras a partir do momento em que preenchemos as coordenadas de agente do contexto de proferimento (c_a^*) e de tempo do contexto de proferimento (c_t^*): se Pedro é o agente do contexto de proferimento e o proferimento da sentença em (66) é feito na segunda-feira, o referente do indexical ‘the day before yesterday’ será o sábado, já que esse indexical só pode ser avaliado no contexto *hic et nunc* do proferimento do Pedro; e Pedro relata que John disse algo como “I was sick *on Saturday*”.

A sentença em (67), por sua vez, com a expressão ‘two days ago’ pode ser avaliada em relação ao contexto da fala do John, c' , que é o contexto reportado pela sentença, além de ser, também, avaliada no contexto c^* , como fora a sentença em (66). No caso do indexical monstruoso, se considerarmos novamente Pedro como agente do contexto de proferimento (c_a^*), Pedro relata os vários proferimentos de John que foram “I was sick *two days ago*”, e o referente do indexical é determinado

a partir do dia (c'_t) do proferimento do John, que é o agente do contexto relatado (c'_a). É importante notar que o indexical monstruoso é mais flexível que o kaplaniano, pois além de ter sua referência fixada em c' (que o torna monstruoso) também pode ter sua referência fixada no contexto de proferimento da sentença, ou seja, no contexto c^* .

Schlenker deixa claro a importância da expressão temporal monstruosa ser um indexical estrito. Por conta disso, busca elementos que provem que a expressão indexical ‘two days ago’ é um indexical lexicalmente especificado como tal, ou seja, um item lexicalmente especificado como dependente do contexto. Tal comprovação é importante porque irá diferenciar os indexicais estritos de expressões como ‘before’, ‘later’, ‘earlier’, que na maioria das vezes são anafóricas, e que podem ser *usadas indexicalmente* e, além disso, também podem ser modificadas. Nesse caso, no entanto, não podemos dizer que essas expressões são indexicais monstruosos legítimos, pois o comportamento monstruoso só deve ser buscado em indexicais estritos (puros, cf. Kaplan (1989)). Para mostrar que expressões como ‘before’ não podem entrar no rol dos indexicais monstruosos o autor usa a seguinte sentença (SCHLENKER, 2003, p. 64):

(68) John has told me repeatedly over the years that he has been sick *before*.

Na sentença em (68), ‘before’, proferido na segunda-feira, não fornece a mesma referência do que a mesma expressão proferida na quinta-feira. Além disso, conforme Schlenker, o exemplo em (68), mostra que ‘before’ pode ter uma leitura modificada quando aparece sob o escopo de um operador de atitude. No entanto, “Still, there is every reason to think that ‘before’ is indexical ‘by accident’”(SCHLENKER, 2003, p. 64). Isso se dá, porque em outros usos da expressão parece haver um argumento temporal não pronunciado, da forma ‘before t ’²⁰, esse argumento nulo se refere a algum momento saliente no discurso, que pode ser o momento do proferimento, o que implica na interpretação indexical do elemento.

Segundo Schlenker, os indexicais temporais por acidente sempre se referem a um momento saliente estando dentro, ou não, do escopo de um operador de atitude. Considere (69),

(69) A week ago I met John. He was sick *two days before*.

A expressão ‘two days before’ não pode falsificar a teoria de Kaplan

²⁰O mesmo argumento é aplicado para as expressões ‘later’, ‘earlier’, ou seja, ‘later than t ’, ‘earlier than t ’.

que afirma que não existem monstros em línguas naturais, porque a expressão não é um indexical estrito, e sim um elemento anafórico que se refere a algum momento que se faz saliente no discurso. Assim, podemos parafrasear a sentença em (69) como em (70), que justamente mostra o comportamento anafórico de ‘two days before’.

(70) A week ago I met John. He was sick *two days before* the meeting.

Por conta disso, Schlenker mostra que ‘two days before’ e ‘two days ago’ tem significados similares mas se comportam diferentemente, já que ‘two days before’ é um anafórico, *i.e.*, refere-se a algum momento feito saliente no discurso, incluindo aí o momento do proferimento, e ‘two days ago’ é um indexical estrito com comportamento monstruoso que pode fazer referência ao contexto reportado *c'* (quando está sob o escopo de um operador de atitude) ou ao contexto de proferimento *c**.

Ainda em relação aos indexicais monstruosos/modificados é fundamental que a oração encaixada após o verbo de atitude ou *dicendi* não esteja sendo citada e sim usada. Isso é importante, segundo Schlenker (2010), pois os indexicais monstruosos devem estar em um ambiente de discurso indireto, em que se estabelece uma relação entre um indivíduo e o significado da oração encaixada como “John says that I like cheese” e não de discurso direto, em que se estabelece uma relação entre um indivíduo e um grupo de palavras como “John says: ‘I like cheese’”. Para que seja excluída a possibilidade da haver citação da oração encaixada, no inglês, após um verbo de atitude, basta que esteja presente o complementizador ‘that’.

Outro aspecto para o qual Schlenker chama atenção no comportamento dos indexicais monstruosos é o fato de que pela sua natureza indexical e monstruosa as expressões ‘two days ago’ e ‘il y a deux jours’ podem ser somente lidas *de se* em relação ao tempo, *i.e.*, “[...] the time with respect to which ‘two days ago’ is evaluated when it is shifted can only be the ‘now’ of the agent.”(SCHLENKER, 2003, p. 66) do contexto *c'*. E esse aspecto contrasta os indexicais estritos com os elementos com usos indexicais como ‘two days before’ “[...]which has the ability to be evaluated with respect to any salient antecedent”(SCHLENKER, 2003, p. 66).

Portanto, segundo a argumentação em Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), ‘two days ago’ é uma expressão que contradiz a proibição dos indexicais serem avaliados em outro contexto que não seja o contexto de proferimento *hic et nunc* (cf. Kaplan, 1989), porque a expressão toma uma variável de contexto como argumento e não apenas

c^* . Assim sendo, os operadores de atitude são analisados como quantificadores sobre contextos, o que permite que o indexical temporal se ligue ao tempo do contexto reportado ou ao tempo do contexto do proferimento para receber um valor semântico. Desse modo, uma sentença como (71), com a expressão indexical monstruosa, pode ter a representação em (a), em que há uma leitura modificada do indexical, e/ou em (b), em que há uma leitura não-modificada do indexical temporal²¹, ou seja, na qual o indexical é avaliado no contexto de proferimento c^* , o contexto do relato do proferimento do John.

(71) John said that it had rained *two days ago*.

(a) Past t_k SAY_(John,t_k,actually) c_i rain(two-days-ago(c_i), world(c_i))²²

(b) Past t_k SAY_(John,t_k,actually) c_i rain(two-days-ago(c^*), world(c_i))²³

Conforme Schlenker (2003, p. 67), na representação (71) (a) o indexical modificado ‘two days ago’ toma o contexto c' como argumento, ou seja, o contexto que está sendo reportado, que produz uma leitura *de se* como mostrada em (72). E isso o caracteriza como um indexical modificado ou monstruoso.

(72) $\llbracket (a) \rrbracket = 1$ iff for some $t \in T$ before c_t , for all c' compatible with John’s claim at t in c_w , $\llbracket \text{rain}(\text{two-days-ago}(c_i), \text{world}(c_i)) \rrbracket_{c,s[c_i \rightarrow c']} = 1$.

Com o exemplo em (71), Schlenker (2003) mostra que a expressão ‘two days ago’ é um indexical modificado ou com comportamento monstruoso sob o escopo de verbos de atitude ou verbos *dicendi*. Além disso, mostra que esses verbos são os operadores-monstros, isto é, os responsáveis pelos indexicais modificados ou modificáveis serem avaliados em contextos que não são os do proferimento. No entanto, os indexicais monstruosos, no inglês, se restringem ao domínio temporal e os indexicais temporais monstruosos só são monstruosos quando podem ser avaliados em relação ao tempo do contexto reportado, c'_t .

Além do mérito de apontar os indexicais com comportamento monstruoso no inglês e francês, e refutar a proibição de Kaplan (1989) para os operadores-monstros, Schlenker desenvolveu, a partir disso,

²¹Há uma terceira interpretação gerada a partir da sentença (71) que pode ser parafraseada adequadamente como ‘Foi há dois dias atrás que o João disse que choveu’. No entanto, essa leitura não foi abordada por Schlenker.

²²Nesse caso, o proferimento de John foi: “It rained two days ago”.

²³Nesse caso, o proferimento de John foi: “It rained on day x”.

uma espécie de receita para encontrar indexicais monstruosos em outras línguas. Essa receita será seguida nesta dissertação a fim de que os indexicais monstruosos do PB sejam descobertos. As características que devemos procurar nos indexicais monstruosos são as seguintes:

- (i) o elemento é semanticamente dependente do contexto;
- (ii) o elemento deve ser um indexical estrito (puro cf. Kaplan), *i.e.*, lexicalmente especificado como dependente do contexto;
- (iii) deve-se excluir a possibilidade de que a oração encaixada esteja sendo citada²⁴;
- (iv) o elemento investigado deve ser interpretado *de se* quando modificado.

Na Figura 12, apresentamos um quadro-resumo com as expressões temporais que foram investigadas por Schlenker, no inglês, e sua relação com os critérios estabelecidos pelo autor para que os indexicais sejam considerados monstruosos. Para que possamos classificar as expressões sob investigação como indexicais monstruosos é necessário que as expressões recebam ‘OK’ em todos os critérios. Assim, uma vez que isso ocorre para as expressões ‘in two days’ e ‘two days ago’, ou seja, as expressões recebem ‘OK’ para os quatro critérios, elas são consideradas indexicais monstruosos, ou com comportamento modificado. As demais expressões, como os anafóricos, se mostraram dependentes do contexto e não estão sendo citados, mas não são indexicais estritos e não possuem a capacidade de serem lidos *de se*. Já os indexicais bem-comportados, que se encontram na coluna central, são dependentes do contexto, são indexicais estritos, não estão sendo citados, mas não podem ser lidos *de se* quanto ao tempo do contexto.

²⁴Os critérios em (i), (ii) e (iv) podem ser encontrados em Schlenker (2003); o critério em (iii) foi acrescentado em Schlenker (2010, p. 20).

Crítérios indexicais modificados	two days ago in two days	the day after yesterday the day before tomorrow	two days before/earlier two days later
a) Dependente do contexto	OK	OK	OK
b) Indexical estrito ou puro	OK	OK	Não
c) Não ser citado	OK	OK	OK
d) De se quando mudado	OK	Não	Não



Indexical Monstruoso



Indexical bem-comportado



Anafórico

Figura 12: Critérios para indexicais modificados.

2.4 PB E O COMPORTAMENTO MONSTRUOSO DOS INDEXICAIS NO DOMÍNIO TEMPORAL

O PB, no domínio temporal, parece ter indexicais com comportamento monstruoso. E isso se dá sempre que os indexicais que se ligam à coordenada de tempo do contexto estão sob o escopo de um operador de atitude, assim como afirmara Schlenker (2003). No entanto, é preciso notar que as expressões indexicais *podem* apresentar um comportamento monstruoso quando estão sob o escopo de um operador de atitude, e a partir disso, podemos abordar os operadores de atitude como quantificadores sobre contextos.

De acordo com as pesquisas de Schlenker, indexicais monstruosos devem preencher quatro critérios, que foram apresentados na seção 2.3.1. Por conta disso, nosso caminho para a comprovação de que o PB possui indexicais monstruosos ou modificados sob o escopo de operadores de atitude segue os passos de Schlenker:

- (a) o elemento sob análise deve ser semanticamente dependente do contexto;
- (b) o elemento deve ser um indexical estrito, *i.e.*, lexicalmente especificado como dependente do contexto;
- (c) deve-se excluir a possibilidade de que a oração encaixada, contendo a expressão indexical, esteja sendo citada;
- (d) o elemento investigado deve ser interpretado *de se* quando

modificado.

Os elementos que serão analisados são as expressões ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’, ‘o dia antes de ontem’, ‘dois dias depois’ e ‘dois dias antes’. Essas expressões temporais são similares, ou mais especificamente, apresentam comportamento semelhante em sentenças que não têm um operador de atitude. Considere as sentenças de (73) a (78).

- (73) Maria encontrou uma nota de 50 *dois dias atrás*.
- (74) Maria encontrou uma nota de 50 *no dia antes de ontem*.
- (75) Maria encontrou uma nota de 50 *dois dias antes* do início das aulas.
- (76) A reunião dos pais acontecerá *em dois dias*.
- (77) A reunião dos pais acontecerá *no dia depois de amanhã*.
- (78) A reunião dos pais acontecerá *dois dias depois* do início das aulas.

As sentenças (73) e (74) quando proferidas, *e.g.*, na terça-feira, se referem ambas ao domingo. As duas têm orientação temporal para o passado. Já a sentença em (75) é uma sentença que tem um comportamento diferente, pois ela necessita de um argumento temporal como ‘dois dias antes de *t*’ para ser interpretada e não se ancora, necessariamente, em um momento de proferimento, e sim, em outro evento temporal.

As sentenças (76) e (77) quando proferidas, *e.g.*, no domingo, se referem ambas à terça-feira, ou seja, possuem uma orientação temporal para o futuro. E (78), assim como (75), não depende, necessariamente, do momento do proferimento da sentença, e sim, de um momento ou evento temporal no qual se ancore.

Nessa primeira aproximação, as expressões ‘dois dias depois’ e ‘dois dias antes’ não demonstraram um comportamento indexical típico. Elas parecem não estar ligadas ao contexto de proferimento das sentenças, mas a um momento saliente no tempo, no qual se apoiam para serem interpretadas e receberem um valor semântico, são portanto anafóricas. Dessa maneira, as expressões que dependem do contexto do proferimento e que se encaixam na classificação como elementos indexicais são ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’.

A partir disso, munidos das expressões indexicais e dos critérios

para que um indexical seja considerado um indexical com comportamento monstruoso, nas seções seguintes analisaremos as expressões passo a passo segundo esses critérios.

2.4.1 Dependência do contexto

Conforme vimos nos exemplos da seção 2.4, as expressões indexicais do PB ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’ dependem do contexto de proferimento da sentença para receberem seu valor semântico e assim serem interpretadas pelos interlocutores. Considere as sentenças (79) e (80) para que se verifique esse aspecto em detalhes.

- (79) O concerto da Orquestra Sinfônica será realizado *em dois dias*.
 (80) O concerto da Orquestra Sinfônica será realizado *no dia depois de amanhã*.

Caso um grupo de amigos encontre essas sentenças escritas em um aviso fixado em uma parede, não saberão quando ir ao concerto, visto que não há como fixar a referência dos indexicais. A situação em questão, seria facilmente resolvida se eles soubessem quando as sentenças foram produzidas. Com isso notamos que sem fixar o momento de produção das sentenças, *i.e.*, sem saber em que dia essas sentenças foram escritas ou os anúncios fixados naquele local, não se sabe atribuir o referente adequado aos indexicais. Por conta desse comportamento, as expressões grifadas nas sentenças em (79) e (80) são indexicais, pois dependem do contexto da produção escrita ou oral da sentença para que lhes sejam atribuídos referentes. No caso das sentenças serem proferidas por alguém na quinta-feira o dia da realização do concerto será preenchido pelo referente ‘sábado’.

Agora considere as sentenças (81) e (82) escritas em um aviso, sem data, na porta de um laboratório.

- (81) As pessoas que realizaram exames *dois dias atrás* devem retornar ao laboratório.
 (82) As pessoas que realizaram exames *no dia antes de ontem* devem retornar ao laboratório.

Do mesmo modo que as sentenças em (79) e (80), as sentenças em (81) e (82), quando escritas em um aviso fixado na porta de um laboratório, não conseguem ter sua coordenada de tempo preenchida

por um dia específico ou adequado à situação, pois no aviso não há identificação do dia da produção das sentenças. No entanto, basta que o aviso esteja datado, por exemplo, com 12 de março de 2011, para que a determinação do referente das expressões indexicais fique claro. Assim, ambas as sentenças passam a se referir ao dia 10 de março de 2011.

Quanto ao critério, dado por Schlenker (2003), que prevê a dependência do contexto de proferimento como a primeira das condições para que os indexicais possam ser considerados monstruosos, as expressões ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’ se mostraram adequadas e são indexicais, *i.e.*, dependentes do contexto de produção (escrita ou oral) da sentença.

Na Figura 13, ilustramos a orientação temporal das expressões indexicais sob análise.



Figura 13: Orientação temporal dos indexicais sob análise.

2.4.2 Indexical estrito

De acordo com Schlenker (2003, 2010), para que um indexical tenha a capacidade de ter seu contexto de avaliação modificado por um operador-monstro, como o operador de atitude, ele precisa ser um indexical estrito, ou lexicalmente especificado como indexical. Por conta disso, não deve ter a capacidade de se referir, por exemplo, a algum momento saliente no discurso, e assim, ter um comportamento parecido com as expressões ‘dois dias depois’ e ‘dois dias antes’ que se ligam a um evento ou momento saliente e não dependem exclusivamente do contexto do proferimento e/ou de produção da sentença.

Quando os anafóricos, como ‘dois dias depois’ e ‘dois dias antes’, apresentam usos indexicais, eles são considerados indexicais por acidente (cf. SCHLENKER, 2003, p. 64). Os usos indexicais dos anafóricos se dão quando eles se referem a um momento saliente no tempo que coincide com o momento do proferimento. Assim como

podemos observar em (83) e (84).

As mesmas expressões temporais anafóricas, agora ligadas a um momento saliente de tempo, diferente do tempo do proferimento, são exemplificadas em (85) e (86). Nesses exemplos elas demonstram o seu comportamento mais frequente, ou seja, anafórico em relação a um momento de tempo, pois apresentam um argumento temporal que pode ser parafraseado como ‘dois dias depois de t ’ e ‘dois dias antes de t ’.

(83) O João disse, no domingo, que me encontraria *dois dias depois*.

(84) O João disse, ontem, que me viu no centro *dois dias antes*.

(85) O João recebeu o dinheiro *dois dias depois* do fim do prazo.

(86) O João recebeu o dinheiro *dois dias antes* do fim do prazo.

Tendo em vista o comportamento dos indexicais acidentais, podemos verificar se as expressões ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’, que passaram pelo primeiro critério estabelecido por Schlenker (2003), mostram-se indexicais estritos. Por isso, essas expressões temporais não podem formar sentenças aceitáveis quando estiverem substituindo os anafóricos legítimos, *i.e.*, nas sentenças em que os indexicais acidentais ocorrem de modo natural, as expressões ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’, quando utilizadas nessas mesmas sentenças, devem torná-las estranhas ou agramaticas; “[...][os indexicais estritos] can never have unambiguously anaphoric readings” (SCHLENKER, 2010, p. 21), ou seja, os indexicais estritos não podem exercer função anafórica.

A análise se deu da seguinte forma: no conjunto de sentenças de (87) a (90) (que são sentenças gramaticais ou naturais com expressões anafóricas) testamos todas as expressões temporais que estão sob investigação, colocando-as no lugar dos anafóricos. Para que os indexicais sejam classificados como estritos, eles devem tornar as sentenças estranhas ou agramaticais, visto que os indexicais estritos estariam exercendo uma função que não lhes é peculiar, qual seja, referirem a um momento saliente.

Considere as sentenças a seguir com base nas sentenças em (85) e (86).

(87) * O João recebeu o dinheiro *em dois dias* do fim do prazo.

- (88) * O João recebeu o dinheiro *no dia depois de amanhã* do fim do prazo.
- (89) * O João recebeu o dinheiro *dois dias atrás* do fim do prazo.
- (90) * O João recebeu o dinheiro *no dia antes de ontem* do fim do prazo.

Conforme vimos, ao substituírmos, nas sentenças de (87) a (90), as expressões anafóricas (que geravam sentenças gramaticais) pelas expressões ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’ produzimos, como resultado, sentenças agramaticais. Por conta desse comportamento, as expressões do PB que estão sob investigação podem ser consideradas indexicais estritos, segundo a classificação de Schlenker (2003), e se adequam ao segundo critério para que possam ser consideradas expressões indexicais monstruosas.

2.4.3 Não estar sendo citado após o operador de atitude

Nesta seção apresentamos o terceiro critério que deve ser cumprido pelas expressões indexicais para que essas sejam classificadas como indexicais monstruosos. Esse critério foi acrescentado por Schlenker (2010) e afirma que para que uma expressão indexical seja avaliada em outro contexto que não seja o contexto de proferimento c^* , sob o escopo de um operador-monstro (verbo de atitude ou *dicendi*), é necessário que a oração encaixada após o verbo de atitude ou de relato não esteja sendo citada, e sim usada.

A partir disso, como já afirmado na seção 2.3.1, é necessário que se estabeleça uma relação, na sentença, entre um indivíduo e uma proposição (na abordagem clássica), aspecto que é característico de um relato de proferimento; e não se firme uma relação entre um indivíduo e um conjunto de palavras, como é permitido no discurso direto. Para maiores detalhes e exemplos sobre a diferenciação entre discurso direto e indireto, ver o Capítulo 1, seção 1.6.

Dessa maneira, para que excluamos a possibilidade de que a oração encaixada, que contém a expressão indexical, esteja sendo mencionada, basta que tenhamos na sentença analisada o complementizador ‘que’, pois “Em português, o complementizador ‘que’ não pode aparecer antes de uma citação direta [...], mas é obrigatório em citações indiretas [...]” (CUNHA, 2006, p. 74).

Assim sendo, considere as sentenças em (a) e (b), que são os

nossos objetos de análise.

(a) O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, *que* devolverá meu dinheiro...

(i) em dois dias.

(ii) no dia depois de amanhã.

(b) O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, *que* estava doente...

(i) dois dias atrás.

(ii) no dia antes de ontem.

Como pode ser observado em (a) e (b), as sentenças apresentam em suas estruturas o complementizador ‘que’ e, de acordo com Cunha (2006), esse item só está presente quando vem seguido por uma citação indireta. Desse modo, pode-se afirmar que as orações encaixadas estão sendo usadas e não estão sendo citadas.

Portanto, as sentenças-objeto e as expressões indexicais ‘em dois dias’, ‘dois dias atrás’, ‘o dia depois de amanhã’ e ‘o dia antes de ontem’ se adequam ao terceiro critério que estabelece a necessidade das orações encaixadas não estarem sendo citadas e sim usadas após o verbo de atitude ou *dicendi*.

2.4.4 Interpretação *de se* após um operador de atitude

Os indexicais bem-comportados não possuem a habilidade de terem seu contexto de avaliação modificado quando estão sob o escopo de um operador de atitude; esses indexicais sempre têm seu valor fixado no contexto de proferimento, c^* . Os indexicais monstruosos, por sua vez, podem ter seu contexto de avaliação controlado pelo operador de atitude. Segundo Schlenker (1999, 2003, 2010), os indexicais monstruosos podem se referir ao contexto de proferimento (c^*), assim como os bem-comportados, ou se referir ao contexto reportado (c'), o comportamento que os torna monstruosos. Para encontrarmos os indexicais monstruosos, neste último critério, procuraremos qual das expressões investigadas será interpretada *de se* em relação ao tempo do contexto reportado. Encontrando esse comportamento, teremos os primeiros indexicais monstruosos identificados no PB.

Vamos separar as expressões indexicais por orientação temporal para analisá-las aos pares. Desse modo, ‘em dois dias’ e ‘no dia depois

de amanhã' formam um par, pois representam um momento posterior ao tempo do contexto de proferimento c_t^* ; 'dois dias atrás' e 'o dia antes de ontem' formam outro par, pois representam um momento anterior ao tempo do contexto de proferimento c_t^* .

Considere a situação em (91) e as expressões temporais analisadas em (i) e (ii).

- (91) *Situação*: O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos: "Eu devolverei teu dinheiro..."
 (i) em dois dias.
 (ii) no dia depois de amanhã.

Considere a sentença em (92) com a expressão indexical 'em dois dias'.

- (92) O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, que devolverá meu dinheiro *em dois dias*.

Em (92) a expressão indexical temporal deve ser avaliada em relação ao contexto reportado, ou c' , ou seja, em relação aos vários proferimentos ou promessas do João, o agente de c' . Isso pode ser demonstrado, pois o que o João vem me falando todos os anos é:

- 2008: "Eu devolverei teu dinheiro em dois dias."
 2009: "Eu devolverei teu dinheiro em dois dias."
 2010: "Eu devolverei teu dinheiro em dois dias."

Assim, a expressão indexical 'em dois dias' que é usada no meu proferimento não toma a coordenada de tempo do contexto do meu proferimento, c_t^* ²⁵. Na verdade, ela toma a coordenada de tempo do contexto reportado por mim, c'_t , ou seja, se liga ao tempo dos contextos em que João promete me pagar em dois dias.

Em suma, 'em dois dias' é considerado um indexical monstruoso, porque quando está sob o escopo do operador de atitude esse item pode sofrer uma modificação no contexto considerado para o valor semântico, *input* da função caráter. Em vez de se fixar em c_t^* , única possibilidade aceita por Kaplan (1989), se fixa em c'_t , o contexto que está sendo reportado. Esse tipo de modificação permite que 'em dois dias' seja interpretada *de se*, ou seja, o tempo é avaliado a partir do tempo do contexto de proferimento do João, c'_t .

²⁵Assumimos que o tempo do contexto de proferimento *hic et nunc* = t^* = c_t^* , do mesmo modo que o tempo do contexto reportado = t' = c'_t .

Agora, vamos analisar o comportamento da expressão indexical ‘o dia depois de amanhã’. Para isso, considere a sentença em (93).

- (93) O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, que devolverá meu dinheiro *no dia depois de amanhã*.

Na sentença em (93), a expressão indexical só pode ser avaliada em relação ao proferimento *hic et nunc*, ou c^* . Dessa maneira, o tempo só pode ser avaliado em relação ao tempo do proferimento da sentença em (93), c_t^* . Nesse caso, o contexto que serve para que o indexical seja avaliado é o c^* ; isso mostra que ‘no dia depois de amanhã’ é uma expressão indexical kaplaniana que respeita a estipulação do autor, na qual a avaliação de um indexical sempre se dá em relação ao contexto *hic et nunc*, e por consequência, se liga sempre à coordenada c_t^* .

Podemos tornar as coisas mais claras, quando utilizamos datas. Por exemplo, se eu profiro a sentença em (93) no dia 25 de dezembro de 2011, o ouvinte preencherá o conteúdo do indexical ‘no dia depois de amanhã’ com o dia 27 de dezembro de 2011, porque ele toma como ponto de partida o tempo c_t^* , dia 25 de dezembro de 2011, dia do meu proferimento. Desse modo, o que João vem me dizendo todos os anos é:

- 2008: “Eu devolverei o teu dinheiro em 27 de dezembro de 2011.”
 2009: “Eu devolverei o teu dinheiro em 27 de dezembro de 2011.”
 2010: “Eu devolverei o teu dinheiro em 27 de dezembro de 2011.”

Por conta disso, a expressão indexical ‘no dia depois de amanhã’ não é um indexical monstruoso, já que a avaliação da expressão está ligada ao tempo do contexto de proferimento *hic et nunc* (c_t^*) como Kaplan (1989) havia estipulado para os indexicais em sua teoria.

Passamos agora para a análise do par ‘dois dias atrás’ e ‘o dia antes de ontem’, para isso considere a situação em (94) e as expressões temporais a serem analisadas em (i) e (ii).

- (94) *Situação*: João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos:
 “Eu estava doente...”
 (i) dois dias atrás.
 (ii) no dia antes de ontem.

Considere a sentença em (95) com a expressão indexical ‘dois dias atrás’.

- (95) O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, que ele estava doente *dois dias atrás*.

Em (95), a expressão indexical temporal ‘dois dias atrás’ deve ser avaliada em relação aos vários contextos reportados e em relação ao tempo desses contextos, c'_t . Assim, ‘dois dias atrás’ recebe seu valor semântico em relação aos vários proferimentos do João, que é o agente do contexto reportado c' , pois o que o João vem me falando todos os anos é algo como:

2008: “Eu estava doente dois dias atrás.”

2009: “Eu estava doente dois dias atrás.”

2010: “Eu estava doente dois dias atrás.”

Desse modo, a expressão indexical ‘dois dias atrás’ que é usada no meu proferimento não toma a coordenada c_t^* para determinar sua referência. Na verdade, ela toma a coordenada c'_t , dos contextos em que João se queixa de ter estado doente dois dias atrás.

Em suma, quando ‘dois dias atrás’ está sob o escopo do operador de atitude ele pode ser avaliado no contexto reportado. Ao receber o valor semântico a partir do contexto reportado o indexical passa a ser um indexical monstruoso. Assim, o tempo é avaliado a partir do tempo do contexto reportado c'_t , do tempo do proferimento do João, e por isso, o tempo é interpretado *de se*.

Finalmente, vamos analisar o comportamento da expressão indexical ‘no dia antes de ontem’. Para isso, considere a sentença em (96).

(96) ?O João tem me dito repetidamente, ao longo dos anos, que estava doente *no dia antes de ontem*.

A sentença em (96) é estranha porque a expressão indexical ‘no dia antes de ontem’ só pode ser avaliada em relação ao proferimento *hic et nunc*, em relação à c_t^* . Nesses termos, (96) causa estranhamento pois a situação, e o uso da palavra ‘repetidamente’, forçam uma interpretação de proferimentos iterativos, ou seja, forçam uma interpretação relacionada a proferimentos que se deram em contextos diferentes de c^* .

Isso comprova que essa expressão indexical só pode ser avaliada adequadamente quando toma a coordenada de tempo do contexto *hic et nunc*, c_t^* . Isso nos permite afirmar que o contexto de avaliação de ‘no dia antes de ontem’ não pode ser controlado por operadores de atitudes, o que demonstra que essa expressão é um indexical bem-comportado, conforme propunha Kaplan (1989).

Na Figura 14 apresentamos um resumo dos achados no PB, ou

seja, todas as expressões que estavam em nossa listagem inicial ('dois dias antes', 'dois dias depois', 'no dia depois de amanhã', 'no dia antes de ontem', 'em dois dias' e 'dois dias atrás') estão classificadas no quadro em relação aos critérios para indexicais monstruosos.

Portanto, aplicando os critérios que Schlenker (2003, 2010, 2011) oferece para encontrar operadores-monstros e indexicais monstruosos chegamos à seguinte conclusão: o verbo *dicendi*²⁶, que foi objeto de nossas análises, é um operador-monstro no PB, pois é um quantificador sobre contextos. Quando 'em dois dias' e 'dois dias atrás' estão sob o escopo do operador-monstro (verbo de dizer) podem ter seus contextos de avaliação controlados e, assim, o indexical pode ser avaliado a partir do contexto de proferimento ou do contexto reportado.

Na Figura 14 podemos observar que 'em dois dias' e 'dois dias atrás' são indexicais monstruosos do domínio temporal do PB, e por serem monstruosos receberam 'OK' para todos os critérios estabelecidos por Schlenker. Os indexicais kaplanianos ou bem-comportados, que se encontram na coluna central, receberam 'OK' para os critérios (a), (b) e (c), só não foram considerados adequados ao critério (d), já que não podem ser lidos *de se* em relação ao tempo. E os anafóricos só receberam 'OK' nos critérios (a) e (c) pois, algumas vezes possuem um comportamento indexical (por acidente), evidenciado quando o momento saliente ao qual se referem é o momento do proferimento.

²⁶Certamente são necessárias amplas investigações quanto aos verbos de atitude também, como 'achar que', 'pensar que', 'acreditar que'. No entanto, esta dissertação tem em si um caráter introdutório e provocador e, por isso, nos ocupamos somente do verbo de dizer.

Crítérios indexicais modificados	dois dias atrás em dois dias	o dia antes de ontem o dia depois de amanhã	dois dias antes dois dias depois
a) Dependente do contexto	OK	OK	OK
b) Indexical estrito ou puro	OK	OK	Não
c) Não ser citado	OK	OK	OK
d) De se quando mudado	OK	Não	Não



Indexical Monstruoso



Indexical bem-comportado



Anafórico

Figura 14: Critérios para indexicais modificados no PB.

2.5 PB E AS SUSPEITAS SOBRE A EXISTÊNCIA DE INDEXICAIS MONSTRUOSOS DE LUGAR

Nesta seção faremos algumas especulações que envolvem os indexicais de lugar, *i.e.*, indexicais que representam, na ênupla contextual, a localização do contexto (c_l). Como um dos objetivos desta dissertação é a busca por operadores-monstros e indexicais monstruosos nos vários domínios, não podemos deixar de tratar do domínio de localização.

No domínio de localização, procuramos por expressões indexicais que após um operador de atitude, mais especificamente um verbo *dicendi*, possam ter seu contexto de avaliação modificado e, assim, recebam o seu valor semântico a partir do contexto reportado e não do contexto de proferimento. Este tipo de indexical, contudo, é diferente dos indexicais do domínio temporal analisados anteriormente, pois acreditamos que em algumas sentenças o indexical de localização não esteja explícito, apesar de ser determinante para a interpretação.

Segundo Chierchia e McConnel-Ginet (1990), quando uma sentença como (a) é proferida, a sentença é “[...] understood as localized to a region centered on the place in which the sentence is produced. That is, [(a)] is generally interpreted as synonymous with [(a’)], which contains an overt occurrence of the indexical *here*” (CHIERCHIA; MCCONNELL-GINET, 1990, p. 266), ao invés de ser avaliada em relação à qualquer local do globo terrestre. Em vista disso, considere (a) e (a’).

(a) Está chovendo.

(a') Está chovendo *aqui*.

Trazemos essa pequena discussão pois os fatos apontados por Chierchia e McConnel-Ginet (1990) mostram que é possível considerar que uma sentença proferida (como (a)) sempre traz informações sobre a localização do contexto em que ocorre o proferimento, embora o indexical de localização possa estar implícito.

Segundo os autores, embora o indexical de localização esteja oculto na sentença em (a), (a) pode ser considerada sinônima de uma sentença em que o indexical de localização do contexto está explícito como (a'). Partindo desse raciocínio, ou seja, de que é possível que encontremos indexicais de localização tanto implícitos, quanto explícitos nos proferimentos, não é impossível que também encontremos indexicais monstruosos de localização nessas mesmas condições.

Considere a sentença em (b), que segue os moldes das sentenças com indexicais temporais monstruosos encontradas no PB, ou seja, uma sentença em que há um verbo de dizer, que verificamos que pode ser um operador-monstro em algumas situações.

(b) O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que está chovendo [~~aqui~~].

Uma sentença como (b) gera uma interpretação que pode ser parafraseada adequadamente por (b'), e não por (b''), nem por (b''').

(b') O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que está chovendo *em Porto Alegre*.

(b'') O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que está chovendo *em Florianópolis*.

(b''') O João tem me dito, toda vez que me liga de Porto Alegre, que está chovendo *em qualquer parte do planeta*.

Além disso, podemos afirmar que o discurso direto que está sendo reportado na sentença em (b) é como:

Segunda-feira: “Está chovendo aqui.”

Terça-feira: “Está chovendo aqui.”

Quarta-feira: “Está chovendo aqui.”

Se de fato é possível que se tenha um indexical de localização, como ‘aqui’, oculto em uma sentença, como (b), e que deve ser avaliado em relação ao contexto reportado, ou seja, em relação aos proferimentos feitos pelo João ao telefone, o que temos é um indexical monstruoso de localização. Assim sendo, o indexical ‘aqui’ implícito no relato está sob o escopo do operador de atitude e por isso deve ser avaliado em relação ao local do contexto reportado (c'_i = Porto Alegre), e não em relação ao contexto de proferimento (c_i^* = Florianópolis).

Se isso estiver correto podemos analisar o comportamento do indexical ‘aqui’ à luz dos critérios estabelecidos por Schlenker (2003, 2010), o que gera as seguintes considerações:

- (1) o indexical ‘aqui’ é um termo que depende do contexto para receber o valor semântico, pois seu valor semântico varia de acordo com o contexto relevante;
- (2) o indexical ‘aqui’ é um indexical estrito, ou seja, não apresenta usos em que se refere à um antecedente saliente no discurso;
- (3) a sentença encaixada em que o indexical deveria aparecer, se estivesse explícito, não está sendo citada e sim usada, já que temos o complementizador ‘que’;
- (4) a interpretação do indexical oculto se dá a partir da localização do agente do contexto reportado, ou seja, há leitura *de se* da expressão.

As considerações feitas nesta seção nos levam a afirmar a possibilidade do indexical ‘aqui’ ser um elemento linguístico que pode nem sempre estar expresso nas sentenças. No entanto, o seu papel semântico é importante, já que ele é responsável pela fixação do local relevante do contexto, e por isso, determinante para a avaliação semântica da sentença. Além disso, a partir da rápida análise feita e da aplicação dos quatro critérios de Schlenker para encontrar indexicais monstruosos podemos dizer que o indexical ‘aqui’, pode, quando está sob o escopo de um operador de atitude, ter seu contexto de avaliação mudado de c^* para c' e, por isso, ser um indexical monstruoso.

2.6 OS ELEMENTOS DA TEORIA DE SCHLENKER

Nesta seção caracterizaremos alguns dos elementos básicos da reformulação teórica proposta por Schlenker (1999, 2003, 2010) para a abordagem kaplaniana das expressões indexicais. Será feita uma breve retomada da reelaboração proposta pelo autor quanto aos verbos de atitude e *dicendi*, aos contextos e aos indexicais. Mais especificamente, explicitaremos aspectos da ideia de Schlenker de que os indexicais são lexicalmente marcados com traços que os capacitam, ou não, a serem indexicais monstruosos.

Primeiro, os verbos de atitudes e os verbos *dicendi* na teoria de Schlenker, como vimos na seção 2.3, são quantificadores sobre contextos. Essa análise é similar à análise proposta pela lógica modal padrão, exceto pelo fato de que na lógica modal padrão os verbos de atitude são quantificadores sobre mundos possíveis. De acordo com o linguista “[...] attitude verbs [devem] be treated as quantifiers over contexts rather than as context-shifting modal operators.” (SCHLENKER, 2003, p. 64); se os verbos de atitude fossem “mudadores” de contexto todos os indexicais após essas expressões seriam indexicais monstruosos, o que não é o caso, pois podemos encontrar indexicais bem-comportados (indexicais que respeitam os pressupostos kaplanianos) após verbos de atitude.

Por sua vez, os contextos, que são responsáveis pelo valor semântico dos indexicais, segundo Schlenker, são formados, no mínimo, por dois indivíduos (agente e ouvinte do contexto), um local, um tempo e um mundo do contexto. A partir desses elementos, é construída a ênupla de coordenadas do contexto, $\langle c_a, c_h, c_t, c_l, c_w \rangle$. Os elementos formadores de um contexto são os mesmos tanto para Schlenker (1999, 2003, 2010) quanto para Kaplan (1989), como visto no Capítulo 1, seção 1.2.

Quanto aos indexicais, foi demonstrado por Schlenker que indexicais monstruosos, que têm seu contexto de avaliação modificado por operadores de atitude, existem em línguas naturais. No entanto, não foi discutido o fato de alguns indexicais não poderem ser modificados (serem *unshiftable*), ou seja, só serem avaliados a partir do contexto de proferimento *hic et nunc*, enquanto outros podem ser modificados (são *shiftable*) sob o escopo do operador de atitude, ou seja, podem ser avaliados em outro contexto (c') que não o contexto de proferimento. Esse ponto é importante, e para ele Schlenker (1999, 2003) utiliza uma explicação baseada no léxico, pois em um olhar superficial “[...] in principle every indexical should have the ability to be shifted under an

attitude verb”(SCHLENKER, 2003, p. 74).

Essas questões estão ligadas à classificação dos indexicais feita pelo autor, para ele os *indexicais estritos* são itens que são lexicalmente marcados como dependentes do contexto e são esses termos, somente, que podem ser indexicais modificados/monstruosos; ao contrário dos termos que têm *usos indexicais*, como as expressões anafóricas. Assim, segundo Schlenker (2003, 2010), o traço de dependência do contexto das expressões indexicais vem do léxico e, em consequência, a capacidade dos indexicais serem ou não monstruosos também.

Uma importante questão colocada para a teoria de Schlenker trata do fato de alguns indexicais, como ‘no dia depois de amanhã’, não poderem ser monstruosos enquanto que outros, como ‘em dois dias’, terem essa capacidade, no que se diferenciam essas expressões? Ainda, como dar conta da habilidade dos pronomes logofóricos de somente serem avaliados no contexto de relato e não no contexto de proferimento?

Schlenker (1999) oferece uma solução baseada em estipulações lexicais, que chama de ‘mecanismo de filtragem’. Esse mecanismo é feito morfossintaticamente: a distinção é feita entre variáveis do contexto matriz (de proferimento) e do contexto encaixado (do relato), *e.g.*, ‘amanhã(*c*)’ onde *c* é uma variável de contexto encaixado. Essa solução produz duas classes de indexicais:

- (i) os elementos que só podem ser avaliados em relação ao contexto do proferimento (c^*);
- (ii) os elementos que podem ser avaliados em relação a algum contexto qualquer.

É postulado um traço binário para essa duas classes ‘ $\pm c^*$ ’ ou ‘ \pm contexto do proferimento’; as expressões que são indexicais possuem naturalmente o traço ‘+indexical’, já que dependem de um contexto para receberem um valor semântico.

Na concepção fundada no léxico de Schlenker (1999, 2003), a variável de contexto c^* refere-se, exclusivamente, ao contexto de proferimento, assim como é feito nesta dissertação. A partir disso, é estipulado que algumas expressões indexicais podem somente ter como argumento c^* , enquanto outras expressões indexicais podem ter como argumento uma variável de algum contexto e ainda outros itens, como os logofóricos, podem tomar como argumento não- c^* .

Assim sendo, por exemplo, o indexical ‘I’ do inglês possui o traço +indexical e $+c^*$, segundo Schlenker (2003, 2010), já que é

um termo que é dependente do contexto e não pode ser avaliado em outro contexto, mesmo quando está sob o escopo do operador de atitude, a não ser no contexto de proferimento; a expressão indexical ‘em dois dias’, por seu turno, possui os traços +indexical e contexto não-especificado; os pronomes logofóricos, finalmente, são marcados pelos traços +indexical e $-c^*$, porque eles são “[...] elements that may only appear in the scope of an attitude operator, and must thus be semantically dependent on the context variable introduced by such operators.” (SCHLENKER, 2003, p. 75).

As entradas lexicais para os indexicais kaplanianos (bem-comportados), monstruosos (modificados) e para os pronomes logofóricos estão representadas na Figura 15.

Traços	Indexicais
+ indexical [não-especificado]	<i>que podem ser monstruosos.</i>
+ indexical +C*	<i>que só podem ser bem-comportados.</i>
+ indexical -C*	<i>Pronomes logofóricos</i>

Figura 15: Tipologia dos indexicais de Schlenker (1999).

Com base nessas entradas lexicais algumas representações são bloqueadas, por exemplo, o indexical ‘I’ do inglês é caracterizado na teoria de Schlenker como +indexical e $+c^*$. Assim sendo, não é permitido que ele seja um indexical monstruoso quando está sob o escopo do operador de atitude, pois esse item possui como referente o agente do contexto de proferimento (c_a^*). Com base na ideia do inglês e no comportamento do indexical ‘I’, podemos representar a sentença em (d), como (d’), em que o indexical bem-comportado do inglês, nesse caso, toma como argumento o contexto de proferimento c^* .

A formalização apresentada em (d’), por sua vez, representa um indexical que pode ser monstruoso e não tem restrição quanto ao contexto que toma como argumento, pois possui esse traço não-especificado, e por isso, ilustra um indexical como o de primeira pessoa do amárico que tem como referente o agente do contexto relatado (c'_a)²⁷.

²⁷ As representações em (d’) e em (d’’) são baseadas nas apresentadas por Schlenker (2003, p. 78).

(d) John says that *I* am a hero.

(d') SAY $\langle a, h, l, t, w \rangle c^*$ hero(I(c^*), tempo(c^*), local(c^*), mundo(c^*))

(d'') SAY $\langle a, h, l, t, w \rangle c$ hero(I(c), tempo(c), local(c), mundo(c))

O sistema desenvolvido por Schlenker é adequado mas, como o próprio autor declara, é estipulativo, já que o mecanismo de filtragem possui estipulações lexicais que não são motivadas independentemente. E, “[...] one would like to couch these stipulations in a theoretical vocabulary which is independently needed for other parts of the grammar” (SCHLENKER, 2003, p. 81).

2.7 COMENTÁRIOS IMPORTANTES SOBRE AS CONCEPÇÕES DE SCHLENKER E DE KAPLAN

Como foi apresentado ao longo deste capítulo, Schlenker reelabora vários pontos da teoria kaplaniana para os indexicais. Alguns aspectos são explicitamente apontados pelo autor em seus textos: os operadores de atitude pensados como quantificadores sobre contextos, a diferença na classificação dos indexicais, a estipulação de traços lexicais responsáveis pela habilidade dos indexicais de serem monstruosos, ou não, e finalmente, a negação da previsão para o discurso indireto utilizando como argumentos os pronomes logofóricos e as estruturas PRO. No entanto, existe um aspecto que não é mencionado por Schlenker e que é observado a partir da comparação entre as ideias desse autor e de Kaplan para os indexicais, que é a diferença na concepção de operador-monstro. A diferença, especificamente, diz respeito às mudanças de contextos que esse operador é capaz de realizar.

Segundo Kaplan (1989), operadores-monstros são operadores que permitem que os indexicais sob seu escopo sejam avaliados em um contexto diferente do contexto de proferimento. Note que o autor inclui na categoria de operador-monstro toda expressão que permite que um indexical seja avaliado em outro contexto que não seja o contexto de proferimento *hic et nunc*.

Schlenker (1999, 2003, 2010), por seu turno, restringe a concepção de operador-monstro e de indexicais monstruosos a contextos de produção de sentenças. O autor se utiliza de dados linguísticos e afirma ao longo de seus textos que um operador-monstro muda o contexto de

avaliação dos indexicais do contexto de proferimento para contextos de relato. Sendo assim, na concepção do linguista um indexical só possui duas classes de contextos para se fixar - c^* ou c' - e nenhum outro:

[...] the context of the reported speech act is represented in the logical form as a context variable (c_i), bound by the attitude operator (analyzed here extensionally, as a universal quantifier). This will allow an indexical to depend either on the context of the actual speech act, as is generally the case in English, or on the context of the reported speech act, as can happen in Amharic (hence agent (c_i), which picks out the agent of the context c_i). (SCHLENKER, 2003, p. 32)

Note que é uma definição bastante estreita e que explica, em partes, a necessidade de indexicais monstruosos serem lidos *de se* quando têm seu contexto modificado. Vamos desenvolver o possível raciocínio que fez Schlenker estabelecer o critério, que é mais uma estipulação de sua teoria, que exige a interpretação *de se* dos indexicais monstruosos:

- para refutar a previsão para o discurso indireto de Kaplan (1989) Schlenker utiliza uma argumentação baseada nos pronomes logofóricos e nas estruturas PRO;
- os pronomes logofóricos e as sentenças com PRO só aparecem em discurso indireto e mostram que sob o escopo do operador de atitude pode ser encontrado o caráter dos indexicais do discurso direto;
- essas duas estruturas falsificam a previsão de Kaplan para o discurso indireto, pois não há perda da natureza indexical como afirmava Kaplan (1989);
- esses elementos, nas sentenças em que ocorrem, sempre são interpretados *de se*, em relação ao contexto que está sendo reportado;
- já que os pronomes logofóricos e os PROs falsificam a previsão de Kaplan e restringem para *de se* as interpretações obtidas, então os indexicais monstruosos devem ser lidos *de se* também, já que esses itens também permitem que o caráter dos indexicais do discurso direto seja encontrado no escopo do operador de atitude no relato;

- logo, a interpretação *de se*, como critério para os indexicais monstruosos, parece ser uma estipulação da teoria de Schlenker com base em uma analogia feita com relação ao comportamento dos logofóricos e das sentenças com PRO.

O raciocínio que desenvolvemos anteriormente é só um conjunto de especulações feitas a partir das observações dos dados e dos argumentos propostos por Schlenker. Fizemos isso porque o autor não explicita qual é a origem e a base do critério *de se* para indexicais monstruosos.

Apesar desse raciocínio ser um conjunto de especulações, é fato que o conceito de operador-monstro é muito mais estreito na reforma teórica feita por Schlenker do que a concepção que aparece na teoria de Kaplan. No entanto, é correto afirmar que a concepção de Schlenker é adequada para os dados que apresentamos aqui, apesar de sua estreiteza. Nos exemplos que ele apresentou e nos dados que encontramos no PB, o conceito de operador-monstro e de indexical monstruoso se adequou totalmente com o que o autor propunha. Alertamos, contudo, que no Capítulo seguinte o critério *de se* e o conceito de operador-monstro de Schlenker terão que ser abandonados para que outros casos de indexicais monstruosos sejam explicados.

2.8 SUMÁRIO

No Capítulo 2 foram expostas as críticas de Schlenker em relação à teoria de indexicais apresentada por Kaplan. As principais críticas estão relacionadas à previsão de Kaplan para o discurso indireto, em que ele afirma que proferimentos com o mesmo conteúdo e caracteres diferentes perdem sua natureza indexical quando são reportados. Schlenker refuta essa previsão com os pronomes logofóricos, que são encontrados em línguas como o *ewe*, e as estruturas PRO, encontradas no inglês, que só podem ser usadas em relatos de proferimentos quando o discurso direto ou o pensamento de origem foi *de se*. A outra grande refutação da teoria de Kaplan é embasada por dados do amárico, do inglês e do francês, que ao contrário do que Kaplan afirmara, são línguas naturais que possuem operadores-monstros capazes de modificar o contexto em que são avaliadas as expressões indexicais. O operador-monstro, encontrado por Schlenker, é o operador de atitude que é um quantificador sobre contextos e pode modificar o contexto em que os indexicais são avaliados, quando esses estão sob seu escopo. Além disso, a maior contribuição desse capítulo está centrada no fato de que o operador de atitude, mas especificamente os verbos

dicendi, são operadores-monstros também no PB, e que eles podem modificar o contexto de avaliação de algumas expressões indexicais temporais e de lugar (se for aceito que ‘aqui’ é fundamental para a interpretação, mesmo quando está implícito na sentença) que estão sob seu escopo. Assim, encontramos expressões indexicais monstruosas no PB no domínio temporal, ou seja, expressões indexicais que se ligam à coordenada de tempo do contexto reportado (c'_t) e no domínio de localização, ou seja, expressões ligadas à coordenada de lugar do contexto reportado (c'_l).

3 MONSTRO: OPERADOR MODAL

Neste capítulo¹ será apresentado uma espécie de operador-monstro diferente do operador de atitude apresentado no Capítulo 2; o operador-monstro-modal é capaz de mudar o mundo possível relevante do contexto, e por consequência, o contexto de avaliação de um indexical em seu escopo. Esse tipo de operador atua em uma forma específica de discurso, qual seja, o discurso metaficcional. Desse modo, ele não é peculiar a uma ou outra língua, e sim a um tipo de sentença ligada à ficção. O operador-monstro-modal foi primeiro abordado por Predelli (2008), que demonstrou que é possível dar conta de indexicais que se ligam à coordenada de mundo do contexto dentro do discurso metaficcional.

Mostramos também, neste capítulo, que o operador-monstro pode agir no domínio modal, *i.e.*, em relação aos indexicais que se ligam à coordenada de mundo do contexto, e no domínio pronominal, *i.e.*, em relação aos indexicais que se ligam à coordenada de pessoa do contexto (agente, ouvinte e indivíduo apontado no contexto) no PB. Assim, é correto afirmar que há uma ampliação da proposta de Predelli (2008) para além do domínio modal, que é a apresentado pelo autor, ou seja, propomos uma alargamento da teoria para que seja incluído aí o domínio pronominal e os indexicais que se ligam às coordenadas de pessoa. A partir desse alargamento de domínios, propomos que o operador-monstro-modal passe a se chamar *operador-monstro-metaficcional*, já que ele se restringe ao discurso metaficcional e se estende às outras coordenadas do contexto, não somente à coordenada de mundo possível. Para o caso de mudanças de contextos dos indexicais pronominais será apresentada uma proposta que une Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) e o operador de atitude proposicional e Predelli (2008) e o operador-monstro-modal, o que resulta, como já mencionamos, no operador-monstro-metaficcional.

Além de apresentar a Abordagem Monstro, como é chamada a proposta de Predelli (2008), este capítulo serve também à missão secundária de introduzir o complexo tema que é a relação entre sentenças ligadas à ficção e indexicais. Tratamos este capítulo como uma introdução ao assunto, porque o tema é bem mais profundo e deve incluir, para que seja contemplado adequadamente, uma ampliação para todos os tipos de indexicais que podem estar ligados às coordenadas de um contexto, ou seja, abarcar os indexicais temporais e de local, além dos

¹Este capítulo está baseado no artigo Basso e Teixeira (2011).

indexicais pronominais e modais que serão tratados aqui.

Ainda, neste capítulo, discutiremos as diferenças entre as concepções de operadores-monstros e indexicais monstruosos vistas até aqui, especialmente as encontradas em Kaplan (1989) e em Schlenker (1999, 2003, 2010), e como elas se relacionam aos dados do PB que apresentaremos. Faremos isso para que os novos dados sejam analisadas adequadamente e para que a concepção possa dar conta tanto dos dados apresentados no Capítulo 2, quanto neste capítulo.

Iniciaremos o Capítulo 3 caracterizando os diferentes tipos de sentenças que se ligam à ficção para que possamos identificar as sentenças metaficcionalis que são, efetivamente, as sentenças que nos interessam.

3.1 SENTENÇAS LIGADAS À FICÇÃO

A determinação das condições de verdade de sentenças ligadas à ficção é tema de um longo debate em filosofia, mas é uma questão bem mais timidamente tratada em linguística. Para propor a resolução desse aspecto na linguística, principalmente na semântica, em primeiro lugar, é necessário separar as sentenças ligadas à ficção em grupos para que a abordagem semântica consiga dar conta de seus significados e dos aspectos que se ligam às condições de verdade dessas sentenças. Assim, são obtidos os seguintes grupos, que serão caracterizados na sequência:

- (i) sentenças ficcionalis;
- (ii) sentenças metaficcionalis;
- (iii) sentenças transficcionalis.

(i) *Sentenças Ficcionalis*

As sentenças ficcionalis são as sentenças usadas dentro de uma ficção, por exemplo, nos diálogos entre personagens ficcionalis em peças de teatro, filmes, desenhos animados, etc; pode-se afirmar que as sentenças ficcionalis “are made within the fiction and we are not meant to believe them, nor are we meant to take them as reports of fact; we are meant to imagine them.”(FRIGG, 2010, p. 19). Considere a sentença em (97), proferida pela personagem Tiradentes ao seu escravo em uma cena do

filme “Os Inconfidentes”², como exemplo de sentença ficcional.

(97) Pegue meu cavalo e venda.

(ii) *Sentenças Metaficcionais*

As sentenças metaficcionais são sentenças proferidas sobre uma ficção qualquer, ou seja, são sentenças proferidas por indivíduos não-ficcionais como comentários acerca de filmes, teatro, literatura, etc. A sentença em (98), como um comentário feito por Lula após assistir ao filme “Os Inconfidentes”, é uma sentença metaficcional.

(98) Tiradentes sofreu muito antes de ser enforcado.

(iii) *Sentenças Transficcionais*³

As sentenças transficcionais, por sua vez, são sentenças que relacionam duas ou mais ficções. A sentença em (99) é uma sentença transficcional se considerada como um proferimento feito por João após assistir ao filme de Tiradentes, comparando o herói inconfidente ao herói norte-americano, o Super-Homem.

(99) Tiradentes, para os brasileiros, é como o Super-Homem para os americanos.

Uma vez que há três grupos de sentenças ligadas à ficção, cada grupo deve receber uma abordagem que seja peculiar às suas características e às diferentes condições de verdade que são por elas exigidas. No entanto, como afirmado na introdução deste Capítulo, nosso foco são as sentenças metaficcionais, já que é a partir delas que será apresentado o operador-monstro-modal, proposto em Predelli (2008). Por conta disso, nos deteremos somente aos proferimentos metaficcionais, ou seja, proferimentos que são comentários sobre ficção e passaremos a chamar esses proferimentos/sentenças de *Fic*. E os proferimentos/sentenças que estão relacionados ao não-ficcional ou a fatural, chamaremos de *Fat*.

²O filme “Os Inconfidentes” retrata o movimento da Inconfidência Mineira e ilustra Tiradentes como um herói nacional. O filme foi produzido por Joaquim Pedro de Andrade e foi lançado em 1972.

³Alguns preferem traduzir ‘transfictional sentences’ por ‘sentenças interficcionais’.

Para que se conheça, de modo breve, a problemática que gira em torno da relação entre sentenças metaficcionalis e indexicais vamos apresentar as principais abordagens sobre o tema: a Abordagem Tradicional (LEWIS, 1978), a Abordagem de Mudança de Contexto (REIMER, 2005; PREDELLI, 1997) e, finalmente, a Abordagem Monstro (PREDELLI, 2008). E, como uma das contribuições desta dissertação, exporemos um caso específico encontrado no PB, e não tratado pelas abordagens clássicas, e proporemos uma ampliação da teoria de Predelli (2008) para dar conta dele.

3.2 SENTENÇAS FIC E FAT: ALGUNS COMENTÁRIOS

Brevemente, nossa problemática pode ser descrita do seguinte modo: sentenças metaficcionalis, doravante Fic, e sentenças não-ficcionalis ou fatuais, doravante Fat, podem ter a mesma estrutura superficial, e mesmo assim terem valores de verdade distintos, por conta de relacionarem-se com diferentes situações. Por exemplo, uma sentença como em (100),

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono,

pode ser proferida como um comentário acerca do filme “Os Inconfidentes”, de 1972, que acabamos de assistir. A partir dessa contextualização ficcional, (100) será considerada falsa, pois na ficção (ou seja, no filme “Os Inconfidentes”) Tiradentes foi enforcado em um dia nublado e ventoso de outono. No entanto, se considerarmos os fatos históricos, essa sentença (Fat) pode adquirir um valor de verdade diferente, pois se tivermos informações históricas de que no dia em que Tiradentes foi enforcado o tempo estava ensolarado, a sentença Fat em (100) será considerada verdadeira, diferentemente de Fic. Como então podemos explicar que uma mesma sentença ((100)) pode apresentar valores de verdade diferentes quando relacionada a fatos históricos (Fat), *i.e.*, não-ficcionalis, ou a acontecimentos ficcionalis (Fic); no aspecto semântico, em que as sentenças se diferenciam?

Neste capítulo, a representação de proferimentos será feita como pares da forma sentença-contexto (cf. Predelli, 2008). Por conta disso, todas as abordagens apresentadas serão baseadas em conjecturas sobre pares da forma $\langle s, c \rangle$. A metalinguagem⁴ que utilizaremos para

⁴A metalinguagem utilizada neste capítulo se afasta um pouco da que vinha sendo apresentada até aqui: o diacrítico ‘*’ marcará o contexto e o mundo não-ficcionalis (todas as coordenadas que se ligam ao contexto não-ficcional), e o

representar as sentenças a serem analisadas, nos casos Fic e Fat, terá diacríticos diferenciados que fornecerão as informações quanto ao contexto que está sendo considerado (ficcional ou não-ficcional). Por exemplo, para referência ao ficcional será utilizado (') e para o não-ficcional será utilizado (*); uma variável sem qualquer diacrítico, se refere a um contexto ou mundo possível não-especificado. Desse modo, se tivermos x' , x faz referência ao ficcional, já se tivermos x^* , x refere-se ao não-ficcional, e x , sem qualquer diacrítico, se refere, por sua vez, a um contexto ou mundo qualquer, *i.e.*, não-especificado.

Além disso, é importante notar que fazemos também uma asunção simplificadora, qual seja, de que o mundo do contexto de proferimento c_w é o mundo em que o falante está; dito de outra forma, se não houver necessidade do contrário, assumiremos que o mundo em que a sentença é avaliada (*i.e.*, o mundo possível usado no conteúdo) é o mundo do contexto (*i.e.*, c_w). Desse modo, avaliamos as condições de verdade de uma sentença, em princípio, em relação a um contexto e em relação ao mundo desse contexto.

E, por fim, é necessário ter em mente que na Abordagem Clássica para os indexicais (KAPLAN, 1989) há apenas operadores modais, aqueles que têm escopo apenas sobre as circunstâncias de avaliação, ou mundos possíveis. De modo semelhante, também a maioria das análises de sentenças que dizem respeito ao discurso metaficcional e não-ficcional está baseada em operações sobre mundos possíveis. Mas, como veremos ao longo deste capítulo, Predelli (2008) fornece argumentos a favor de operadores-monstros, que mudam o contexto de avaliação dos indexicais, sejam encontrados em Fic e, sobretudo, sejam necessários para fornecer os instrumentos para uma análise semântica adequada das sentenças metafissionais com indexicais.

3.3 SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM TRADICIONAL (AT)

Como afirmado anteriormente, é possível tratarmos proferimentos como pares sentença-contexto, $\langle s, c \rangle$. Desse modo, dado que se um par $\langle s, c \rangle$ recebe valores de verdade diferentes com relação a sentenças Fic e Fat, devemos forçosamente concluir que se trata apenas superficialmente do mesmo par, pois de outro modo não podemos explicar a

diacrítico '' marcará todas as coordenadas do contexto que se relacionam ao ficcional. Nos Capítulos 1 e 2, '*' era utilizado para marcar o contexto e as coordenadas do proferimento (*hic et nunc*), já '' sinalizava que o contexto e as coordenadas relevantes eram do contexto que estava sendo reportado.

diferença no valor de verdade. Assim, se Fic e Fat estão relacionados a pares $\langle s, c \rangle$ diferentes, a diferença pode estar em s ou em c , ou seja, ou as sentenças analisadas em Fic e Fat são diferentes, ou os contextos de avaliação são diferentes. A AT atribui as diferenças de valor de verdade entre Fic e Fat ao fato de que as sentenças mobilizadas são diferentes, e não o contexto de avaliação (que será o contexto do proferimento). O defensor mais importante e pioneiro dessa abordagem é David Lewis (1970, 1978).

Para a AT, a sentença Fic possui um operador em sua representação que podemos expressar, informalmente, como ‘de acordo com a ficção x ’. Segundo David Lewis:

Let us not take our descriptions of fictional characters at face value, but instead let us regard them as abbreviations for longer sentences beginning with an operator: “In such-and-such fiction...”. Such a phrase is an intensional operator that may be prefixed to a sentence φ to form a new sentence. But then the prefixed operator may be dropped by way of abbreviation, leaving us with what sounds like the original sentence φ but differs from it in sense (LEWIS, 1978, p. 37-38).

Assim, a representação do proferimento Fic da sentença em (100) segundo a AT consiste num operador descrito de maneira informal como ‘de acordo com o filme “Os Inconfidentes”’, que atua sobre (100), juntamente com o contexto c^* .

Por conta disso, o par sentença-contexto de Fic é $\langle FT(s), c^* \rangle$, ao passo que o de Fat é simplesmente $\langle s, c^* \rangle$. Esse operador, reproduzido na fórmula abaixo por FT , pode ser caracterizado por ter dois argumentos, o primeiro deles é preenchido por uma expressão que indica a ficção relevante; o segundo argumento é preenchido por uma fórmula que representa a sentença em tela. Dessa maneira, a sentença que faz parte do par sentença-contexto de Fic para a AT pode ser representada como em (101), tomando a sentença-base em (100).

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono.

(101) $\underbrace{FT}_{1} \underbrace{(Os\ Inconfidentes, enforcado\ sob\ o\ sol\ de\ outono)}_{2} \underbrace{)}_{3}$
 $\underbrace{(Tiradentes))}_{3}$

Em (101) o elemento indicado pelo número (1) é o operador sentencial, pelo número (2) é a ficção relevante, e pelo número (3) é a fórmula da sentença analisada. Na AT, o operador FT (indicado em (1)), como um operador intensional, tem como característica fundamental a mudança do mundo possível de avaliação das sentenças sobre as quais ele opera: FT determina a avaliação de uma sentença sob seu escopo a um mundo possível em particular⁵, em outras palavras, esse operador fixa o mundo determinado pela narrativa ficcional, que é seu primeiro argumento, como o mundo de avaliação da sentença representacional, que é seu segundo argumento. Formalmente, o operador FT pode ser representado como abaixo:

$\llbracket FT(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c,w'} = V$, onde w' é o mundo determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c,w}$.

Em prosa: φ , no escopo de FT , é verdadeiro sse φ é verdadeiro no mundo w' de α , a narrativa ficcional relevante.

Tal proposta traz a correta atribuição de valor semântico a Fic para (101), ou seja, o proferimento de (101) é V, sse a sentença ‘Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono’ é avaliada como V com respeito ao mundo possível w' , determinado pela narrativa ficcional ‘Os Inconfidentes’. E, uma vez que no filme ‘Os Inconfidentes’ o enforcamento de Tiradentes ocorreu sob tempo nublado, o resultado intuitivamente desejado é obtido, ou seja, (101) é considerada F em relação a w' ; levando em conta, por fim, que o proferimento se deu no contexto c^* , o que temos é que a sentença (100) é verdadeira em c^* sse (100) é verdadeira no mundo determinado pela ficção; como (100) é falsa no mundo determinado pela ficção, ela também é falsa com relação a c^* . Vejamos isso em passos:

⁵Fazemos uma assunção que não interfere diretamente em nosso propósito, que é considerar que FT determina um único mundo possível; na verdade, o ideal é dizer que FT determina um conjunto de mundos possíveis acessíveis a partir da ficção relevante e compatíveis com ela. No entanto, simplificaremos a discussão dizendo que há apenas um mundo ficcional relevante.

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono.

(AT'⁶) $\langle FT(\text{Os Inconfidentes, enforcado sob o sol de outono}(\text{Tiradentes}), c^*) \rangle = \langle FT(\alpha, s), c^* \rangle$

(AT'') $FT(\alpha, s)^7 = V$ sse $\llbracket s \rrbracket_{c^*, w'} = V$, onde w' é o mundo determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c^*, w^*}$

$FT(\text{Os Inconfidentes, enforcado sob o sol de outono}(\text{Tiradentes})) = F$

(AT''') $\langle FT(\alpha, s), c^* \rangle = F$

No entanto, a situação torna-se mais complexa quando há expressões indexicais envolvidas nos proferimentos Fic, principalmente, as que lidam com as coordenadas de mundo do contexto, *e.g.*, ‘na realidade’, que pode ser entendido como (PREDELLI, 2008, p. 283):

$\llbracket \text{na realidade } \varphi \rrbracket_{c, w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c, c_w} = V$, onde c_w é o mundo de c .

Em prosa: ‘na realidade φ ’ é verdadeiro em um mundo qualquer e em um contexto qualquer sse φ é verdadeiro no mundo possível do contexto $c(c_w)$, *i.e.*, $w = c_w$.

Considere o proferimento em (102), feito por alguém ao sair do cinema e assistir ao filme “Os Inconfidentes”. Considere também que esse proferimento é falso de acordo com o mundo possível do filme (em c'_w), e verdadeiro no mundo não-ficcional (em c_w^*), de acordo com a historiografia recente⁸.

(102) Embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos, *na realidade* era muito rico e atuava como agiota.

⁶Ao longo deste capítulo, apresentaremos várias abordagens nas quais serão analisadas as mesmas sentenças. Assim, para que seja observado um padrão, as sentenças representacionais peculiares a cada abordagem terão em suas análises as iniciais da abordagem em questão. Como por exemplo, para (AT') a sentença está no passo 1 da análise proposta pela Abordagem Tradicional.

⁷Estamos levando em conta o contexto de proferimento c^* e o mundo w^* .

⁸No filme “Os Inconfidentes”, Tiradentes é retratado como um mártir em busca da igualdade social e da redução de impostos que a coroa portuguesa impunha sobre o Brasil. No entanto, de acordo com documentos encontrados recentemente, Tiradentes era um homem muito rico e usava seu dinheiro na atividade de agiotagem; cf. < http://www.istoe.com.br/reportagens/65363_CORRUPCAO+NA+INCONFIDENCIA+MINEIRA >.

Não-ficção: Tiradentes era um homem rico.

Ficção: Tiradentes era um homem pobre.

Imagine que o filme deixa algumas pistas de que Tiradentes pudesse ser rico, ou seja, imagine que mesmo que Tiradentes não fosse mostrado como alguém que tivesse bens e que lutava pela igualdade de direitos, há indícios no filme de que Tiradentes pudesse ser rico. Numa situação como essa, é possível que duas pessoas discutam sobre se Tiradentes no filme era, de fato, rico ou pobre. A sentença (103) ilustra justamente uma situação como essa.

(103) [embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos] Fic, [*na realidade* era muito rico e atuava como agiota] Fic.

$\llbracket(103)\rrbracket = F$

Consideramos (103) falsa, porque, mesmo com algumas pistas ou indícios do contrário, no filme “Os Inconfidentes”, Tiradentes deve ser considerado pobre, pelo menos para salvar a coerência argumentativa do roteiro. Por sua vez, a sentença (104) representa uma comparação entre o que é visto no filme e o não-ficcional.

(104) [embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos] Fic, [*na realidade* era muito rico e atuava como agiota] Fat.

$\llbracket(104)\rrbracket = V$

O problema é capturar a interpretação dada em (103) na AT, que faz com que ‘na realidade’ não considere o mundo do proferimento e sim o mundo ficcional. Dadas as definições de *FT* e de ‘na realidade’, teremos o seguinte: ‘na realidade (Tiradentes era muito rico e atuava como agiota)’ é verdadeiro no mundo da ficção (segundo o operador *FT*), sse ‘Tiradentes era muito rico e atuava como agiota’ é verdadeiro no mundo do contexto (segundo o indexical ‘na realidade’); portanto a sentença (102) só tem a interpretação em (104) de acordo com a AT.

As condições de verdade que a AT é capaz de fornecer para a sentença em (102) são as seguintes: o proferimento, no contexto c^* , de (102) é verdadeiro sse $\llbracket\text{Os Inconfidentes, na realidade (ser muito rico (Tiradentes))}\rrbracket_{c^*, w'} = V$, onde w' é o mundo possível determinado pela ficção “Os Inconfidentes”, e ainda de acordo com a leitura da expressão indexical ‘na realidade’, sse $\llbracket\text{ser muito rico (Tiradentes)}\rrbracket_{c^*, w''} = V$,

onde $w'' = c_w$ (que assumimos que é $w^* = c_w^*$, o mundo em que o falante faz o proferimento da sentença).

Tendo em vista essas duas leituras possíveis, observamos que a AT não possui os recursos necessários para que o proferimento em (102) receba uma análise adequada⁹. O problema com a AT se mostra quando as sentenças Fic vêm acompanhadas de indexicais como, por exemplo, ‘na realidade’, que afetam a coordenada de mundo do contexto¹⁰.

3.4 SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM DE MUDANÇA DE CONTEXTO (AMC)

Na AT observamos que a diferença entre as sentenças Fic e Fat está justamente na sentença representacional do par $\langle s, c \rangle$. Vimos também que quando combinada com certos indexicais, como ‘na realidade’, a AT gera resultados incorretos. Diante disso, talvez seja o caso de abandonarmos a sentença s como foco das diferenças entre Fic e Fat e partir para a ideia de que devemos mudar o contexto no par $\langle s, c \rangle$. E assim nasce a Abordagem de Mudança de Contexto que sugere que a representação de uma sentença Fic deva incluir um contexto c' e um mundo possível w' , que é o mundo do contexto determinado, por exemplo, pelo filme “Os Inconfidentes” (PREDELLI, 1997; REIMER, 2005).

É importante notar que, de acordo com a AMC, uma vez que o contexto semanticamente relevante é alcançado no nível representacional, não é necessário que se apele a operadores não-expressos, tais como aparecem nas sentenças representacionais da AT (*i.e.*, *FT*). Por tudo isso, o elemento responsável por reproduzir as diferenças entre sentenças Fic e Fat será o contexto relevante, c' ou c^* , e a sentença em (105) será a mesma para representar tanto uma sentença Fat quanto

⁹Lewis tenta salvar a AT dos resultados inadequados advindos de sua interação com ‘na realidade’ e sugere que nem sempre ‘na realidade’ possui essa leitura de indexicalidade (LEWIS, 1970, p. 22). O autor afirma que a expressão ‘real’ e seus derivados têm dois sentidos diferentes (e é estipuladamente ambígua)-o *sentido primário* e o *sentido secundário*. O sentido primário seria o que temos em (104), *i.e.* ‘na realidade’ refere ao mundo do proferimento (w^*). O sentido secundário atuaria sobre um contexto qualquer e não necessariamente sobre o de proferimento. No entanto, a sugestão de Lewis é problemática, pois é nada mais do que uma estipulação *ad hoc*.

¹⁰A AT esbarra em problemas semelhantes ao considerar o item indexical ‘agora’, pois equivocadamente apele ao contexto de proferimento c^* para a fixação de todos os indexicais, e pode ser o caso que certos indexicais sejam fixados nos contextos ficcionais.

uma sentença Fic.

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono.

(105) enforcado sob o sol de outono (Tiradentes)

A partir disso, teremos para Fat um par como $\langle (105), c^* \rangle$ e para Fic um par da forma $\langle (105), c' \rangle$. Com essa modificação em relação à AT, a AMC produz a avaliação esperada para Fic, pois as condições de verdade para Fic são: (105) é verdadeiro no contexto c' , $\llbracket (105) \rrbracket_{c', w'} = V$, em que w' é o mundo possível do contexto c' , determinado pelo filme “Os Inconfidentes” sse é o caso que Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono no filme. Em outras palavras, o proferimento Fic ‘Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono’ é verdadeiro sse Tiradentes foi enforcado em um dia ensolarado no mundo e no contexto determinados pelo filme “Os Inconfidentes”. Portanto, a sentença em (105) recebe o valor semântico adequado, ou seja, é falsa, pois de acordo com o filme, Tiradentes foi enforcado em um dia nublado.

A AMC explora a ideia, similar a que é defendida nesta dissertação e discutida na literatura (SCHLENKER, 1999, 2003, 2010; PREDELLI, 1998, 2008), de que o contexto envolvido na representação de um proferimento pode não incluir algumas das coordenadas (agente, tempo, mundo, local) do proferimento (c^*), e sim de outro contexto qualquer. Considere o exemplo em (106) (semelhante ao discutido no Capítulo 1, seção 1.2.1), reproduzido por uma secretária eletrônica.

(106) *Eu* não estou no momento. Por favor, deixe seu recado após o bip.

O ouvinte, ao escutar esse proferimento, não o avaliará levando em consideração as coordenadas do contexto c^* , pois teríamos uma paráfrase inadequada como em (107); e sim, levando em consideração o contexto c'' em que Maria, por exemplo, fez a gravação, e cuja paráfrase é dada em (108).

(107) *A secretária eletrônica* não está no momento. Por favor, deixe seu recado após o bip.

(108) *Maria* não está no momento. Por favor, deixe seu recado após o bip.

Essa situação mostra que nem sempre o contexto de proferimento (c^*) determina as coordenadas relevantes para a avaliação de um proferimento. Como vimos no Capítulo 1, tais contextos são chamados

“contextos impróprios” na abordagem tradicional dos indexicais (KAPLAN, 1989).

A partir desse tipo de concepção, a AMC obtêm resultados adequados para sentenças Fic, e também é capaz de produzir resultados adequados para sentenças Fic que envolvem expressões indexicais, como em (102), na interpretação dada em (103), o que não era o caso para a AT. Assim sendo, vamos analisar (103) (repetida abaixo) de acordo com a AMC:

(103) [embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos] Fic, [*na realidade* era muito rico e atuava como agiota] Fic.

$$\llbracket (103) \rrbracket = F$$

A representação do proferimento em (103) envolve o contexto de “Os Inconfidentes”, ou seja, o contexto c' , e a sentença representacional em (109). Considere a demonstração em etapas:

(109) na realidade (ser muito rico (Tiradentes))

(AMC') \langle na realidade (ser muito rico (Tiradentes)), c' $\rangle =$
 \langle na realidade(s), c' \rangle

\llbracket na realidade $\varphi \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c,w} = V$, onde $w = c_w$

(AMC'') na realidade (ser muito rico (Tiradentes)) $_{c',w''} = V$, onde w'' é o mundo de c'

(AMC''') $\langle s, c' \rangle = F$

Condições de verdade: $\langle (109), c' \rangle$ é verdadeiro sse ‘na realidade(ser muito rico (Tiradentes))’ $_{c',w''} = V$, onde w'' é o mundo de c' . Como na ficção (c') Tiradentes é pobre, a sentença (109) é falsa e chegamos à interpretação dada em (103)¹¹.

Vimos que no caso do proferimento Fic de (102) a AMC obteve

¹¹Pode parecer que o indexical ‘na realidade’ na AMC tem um comportamento monstruoso por levar em conta um contexto (c') que não é o de proferimento (c^*). Contudo, neste caso, ‘na realidade’ não é um indexical monstruoso, pois tem seu mundo determinado pelo contexto do par $\langle s, c' \rangle$. Para um indexical ser monstruoso, nesse caso, ele deve ser avaliado em um contexto diferente do especificado pelo par $\langle s, c \rangle$.

resultados adequados à nossa intuição. No entanto, há algumas objeções à abordagem, como a dificuldade da AMC dar conta de proferimentos em que há uma espécie de operador explícito que identifica a narrativa ficcional relevante. Assim, o proferimento Fic de (100)

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono

tem uma estrutura superficial igual na AT e na AMC. No entanto, esse aspecto se relaciona com a sentença representacional de Fic, pois na AMC não há menção à narrativa ficcional relevante, ou seja, não há um operador da forma de *FT* (como na AT) que sinaliza a ficção relevante para a análise da sentença. Assim, a sentença representacional que forma o par com o contexto c' na AMC é simplesmente:

(105) enforcado sob o sol de outono (Tiradentes).

Por isso, a mudança de contexto de c^* para c' (e também de c_{w*} para $c_{w'}$) acontece, então, sem nenhuma marcação linguística, em nenhum nível de representação. Se é assim, expressões como ‘de acordo com “Os Inconfidentes”’ seriam estritamente redundantes: seu papel é mudar o contexto (e o mundo) de avaliação, mas na AMC tal mudança ocorre sem a intervenção de expressões desse tipo. Qual é então o papel de tais expressões na AMC? Uma sentença como (110) de acordo com a AMC, pela presença da locução ‘De acordo com “Os Inconfidentes”’, é redundante, mas esse certamente não é o caso, pois a locução desempenha um papel importante para a determinação da ficção relevante.

(110) *De acordo com “Os Inconfidentes”*, Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono.

Outro possível problema com a AMC relaciona-se também com a sentença (102) e com a interpretação em (104); nesse caso, a primeira sentença seria representada por $\langle s, c' \rangle$ e a segunda por $\langle s, c^* \rangle$, ou seja, numa mesma sequência haveria dois contextos envolvidos e nenhum tipo de marcação ou indicação sobre quais contextos estão sendo utilizados. À AMC cabe, então, uma explicação de como dar conta de várias mudanças consecutivas de contexto sem o apelo a qualquer tipo de operador ou operação. Tais problemas motivam a busca por outras explicações para as sentenças metaficcionais com indexicais.

3.5 SENTENÇAS METAFICCIONAIS E A ABORDAGEM MONSTRO (AM)

Há diversas ordens de problemas (e méritos) com a AT e com a AMC, mas a busca por uma abordagem mais satisfatória para sentenças metaficcionalis nos leva a considerarmos outra alternativa que é apresentada em Predelli (2008).

Predelli (2008) propõe um tratamento diferente dos anteriores aos indexicais presentes nas sentenças Fic, mas com isso desafia a abordagem de Kaplan (1989). Como foi visto no Capítulo 1, Kaplan (1989) nega que existam itens que operem sobre o contexto de avaliação de um indexical em línguas naturais - esse contexto deveria ser sempre o contexto de proferimento *hic et nunc*, que representamos como c^* nos Capítulos 1 e 2. No entanto, no Capítulo 2, apresentamos os dados de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) que contemplam tais operadores-monstros. Vimos que os verbos de atitude e os *dicendi* são os operadores-monstros, *i.e.*, atuam no domínio pronominal (em línguas como o amárico) e no domínio temporal (no inglês e no francês) mudando o contexto de avaliação das expressões indexicais de c^* (contexto de proferimento) para c' (contexto reportado), transformando os indexicais em indexicais monstruosos. Além dos dados de Schlenker, também agregamos achados que comprovam que operadores-monstros são encontrados no PB e que eles operam sobre indexicais do domínio temporal no PB também. E, assim como Schlenker, no domínio pronominal e temporal, Predelli, no domínio modal, argumenta que há monstros que atuam sobre o contexto de avaliação dos indexicais em sentenças Fic, e que uma abordagem para sentenças metaficcionalis baseada em operadores-monstros pode dar conta dos problemas que vimos nas seções 3.3 e 3.4.

Em vista disso, nesta seção apresentaremos a Abordagem Monstro (AM), uma análise semântica proposta por Predelli (2008) para as sentenças Fic ou discurso metaficcional. Essa abordagem, pode-se dizer, faz uma mescla da ideia de operadores-monstros para o tratamento das expressões indexicais de um lado e da AT e AMC para o tratamento do discurso sobre Fic, de outro. Nela Fic e Fat se diferenciam através da sentença s do par sentença-contexto, pois para Fat o par é da forma $\langle s, c^* \rangle$ e para Fic é como $\langle FM(s), c^* \rangle$; e FM é o operador-monstro-modal que atua sobre as sentenças metaficcionalis, e que explicitaremos abaixo.

Predelli (2008) utiliza operadores-monstros para dar conta das sentenças Fic, pois eles são duplamente indexados e tal característica

permite que eles se comportem de duas maneiras:

(i) diferentemente dos operadores intensionais, o operador M (monstro) não afeta, necessariamente, o ponto de avaliação ou mundo possível (tempo, mundo), e sim o contexto. Um operador M , desse tipo, é definido como:

$\llbracket M\varphi \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w} = V$ para $K(c')$, onde K é alguma coordenada do contexto relevante;

(ii) operador M pode afetar o ponto de avaliação, assim “[...] the shifted context results in the abandonment of the possible world selected by the original context c , and in its replacement with the possible world determined by the appropriate fiction.” (PREDELLI, 2008, p. 292). Esse é definido como:

$\llbracket M^*\varphi \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w'} = V$ para $K(c')$ e $J(w')$, onde K é uma coordenada do contexto relevante e J é o mundo possível apropriado.

A partir desses dois tipos de comportamento do operador M , temos a seguinte definição do operador FM , que é o operador-monstro-modal de Predelli (2008) para sentenças Fic.

$\llbracket FM(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w'} = V$, onde c' é como c , exceto que $c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c,w}$

Desse modo, c^* seria algo como $\langle c_{a^*}, c_{h^*}, c_{t^*}, c_{l^*}, c_{w^*} \rangle$ e c' algo como $\langle c_{a^*}, c_{h^*}, c_{t^*}, c_{l^*}, c_{w'} \rangle$; o importante a notar é que c^* é diferente de c' justamente porque $c_w^* \neq c_{w'}$; ou seja, c^* e c' são iguais em tudo, menos na coordenada de mundo do contexto, que em c^* é o mundo do proferimento e em c' é o mundo ficcional.

A solução de Predelli produz uma análise adequada do proferimento Fic em (100), feito na saída do cinema, pois na solução-monstro esse proferimento é avaliado como um par da forma $\langle FM(s), c^* \rangle$, no qual a sentença representacional é dada em (AM').

(100) Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono

(AM') FM (Os Inconfidentes, enforcado sob o sol de outono (Tiradentes))

(AM'') $\llbracket FM(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w'} = V$, onde c' é como c , exceto que $c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c,w}$

(AM''') $\llbracket FM(\text{Os Inconfidentes, enforcado sob o sol de outono (Tiradentes)}) \rrbracket_{c^*,w^*} = V$ sse $\llbracket \text{enforcado sob o sol de outono (Tiradentes)} \rrbracket_{c',w'} = V$, onde c' é como c^* , exceto que $c_{w^*} = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \text{Os Inconfidentes} \rrbracket_{c^*,w^*}$

(AM''''') $\langle FM(s), c^* \rangle = F$

Como no filme “Os Inconfidentes” Tiradentes foi enforcado num dia nublado, a sentença (100) em Fic é avaliada na AM corretamente como falsa.

Além disso, observamos que a sentença representacional de Fic em (AM') apresenta um operador sentencial, parafraseável como ‘de acordo com “Os Inconfidentes”’. E assim, a solução-monstro não possui a restrição que a AMC tem, ou seja, ela é capaz de atuar de maneira satisfatória em proferimentos nos quais há locuções que indicam a narrativa ficcional relevante, como pode ser visto em (110). Isso ocorre, uma vez que na solução-monstro, a locução ‘de acordo com “Os Inconfidentes”’ tem o papel de determinar o mundo possível ficcional relevante, já que o contexto do par é o contexto do proferimento, *i.e.*, c^* .

(110) *De acordo com “Os Inconfidentes”*, Tiradentes foi enforcado sob o sol de outono.

Além da solução-monstro proposta por Predelli (2008) ser adequada para a análise de casos simples de Fic, ela também se mostra capaz de produzir bons resultados nos casos em que as abordagens anteriores falharam. Por exemplo, quando no proferimento Fic há uma expressão indexical como ‘na realidade’ que pretende focar a falsidade do proferimento em (102), de acordo com a interpretação em (103), que afirma que de acordo com “Os Inconfidentes” Tiradentes, personagem ficcional, era rico e atuava como agiota, teremos o proferimento Fic na solução-monstro representado por um par que contém o contexto de proferimento c^* e uma sentença, contendo o operador FM , como em (111).

(102) Embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos, na realidade era muito rico e atuava como

agiota.

(103) [embora Tiradentes fosse um homem sem posses e que buscava a igualdade de direitos] Fic, [na realidade era muito rico e atuava como agiota] Fic.

$$\llbracket (103) \rrbracket = F$$

(111) FM (Os Inconfidentes, na realidade (ser muito rico (Tiradentes)))

E para o proferimento metaficcional em (102), interpretação (103), obtivemos as seguintes condições de verdade: (111) é verdadeiro no contexto não-ficcional sse $\llbracket \text{na realidade (ser muito rico (Tiradentes))} \rrbracket_{c^*, w^*} = V$, ou seja, sse $\llbracket \text{(ser muito rico (Tiradentes))} \rrbracket_{c', w'} = V$.

(111) FM (Os Inconfidentes, na realidade (ser muito rico (Tiradentes)))

(AM') $\llbracket FM(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c, w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c', w'} = V$, onde c' é como c , exceto que $c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c, w}$

(AM'') $\llbracket FM(\text{Os Inconfidentes, na realidade (ser muito rico (Tiradentes))}) \rrbracket_{c^*, w^*} = V$ sse $\llbracket \text{na realidade (ser muito rico (Tiradentes))} \rrbracket_{c', w'} = V$, onde c' é como c^* , exceto que $c_{w^*} = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \text{Os Inconfidentes} \rrbracket_{c^*, w^*}$

(AM''') $\llbracket \text{na realidade (ser muito rico (Tiradentes))} \rrbracket_{c', w'} = V$ sse $\llbracket \text{ser muito rico (Tiradentes)} \rrbracket_{c', w'} = V$, onde w' é o mundo de c'

(AM''''') $\langle FM(s), c^* \rangle = F$

Dado o que sabemos do filme, a sentença em (111) será interpretada como falsa, pois no filme Tiradentes é um homem pobre.

Apresentamos, na Figura 16, um quadro sinótico que ilustra o que as diferentes abordagens dizem com relação à sentença (102).

Comparação	AT	AMC	AM
a) Ficção X Ficção	$\langle FT(s), c^* \rangle; \langle FT(s), c^* \rangle$	$\langle s, c \rangle; \langle s, c \rangle$	$\langle FM(s), c^* \rangle; \langle FM(s), c^* \rangle$
b) Ficção X Não-ficção	$\langle FT(s), c^* \rangle; \langle s, c^* \rangle$	$\langle s, c \rangle; \langle s, c^* \rangle$	$\langle FM(s), c^* \rangle; \langle s, c^* \rangle$

Figura 16: Quadro sinótico das propostas apresentadas para a sentença (102).

Conforme vimos, a abordagem AT gera sem problemas a interpretação em (104), mas, devido à presença do indexical ‘na realidade’, a configuração (103) resulta numa interpretação como a de (104); já a abordagem AMC gera, sem problemas, a interpretação (103), mas carece de uma explicação independente (com várias mudanças de contexto) para dar conta da interpretação em (104). Por sua vez, a abordagem AM dá conta, corretamente, das duas interpretações.

3.6 ENCONTRANDO MAIS INDEXICAIS MONSTRUOSOS EM SENTENÇAS METAFICCIONAIS

Tendo em vista os casos analisados na seção 3.5, e a obtenção de resultados intuitivamente desejados para os proferimentos Fic, com e sem indexicais, pela AM de Predelli (2008), nesta seção vamos defender a AM por meio de argumentos que não foram levantados até o momento e para um caso não previsto, e não tratado pelas abordagens anteriores.

Acima de tudo, esse caso é importante e desperta nosso interesse porque comprova que no discurso metaficcional, ou seja, no PB, no inglês, e em outras línguas, há indexicais monstruosos no domínio pronominal, diferentemente do que vinha sendo afirmado por Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011). O linguista levantou dados e afirmou que no inglês os indexicais monstruosos estavam presentes somente no domínio temporal, ou seja, estavam ligados somente à coordenada tempo do contexto. No domínio pronominal, o indexical ‘I’, segundo o autor, “[...] is specified for $+c^*$ ” (SCHLENKER, 2010, p. 29), *i.e.*, o indexical ‘I’ é lexicalmente marcado pelo traço $+c^*$, que não permite que esse item se refira a algum contexto que não seja o contexto de proferimento *hic et nunc*. No entanto, nesta seção veremos que isso não é de todo correto, ao menos quando se tratam de sentenças metafissionais, já que no PB, assim como no inglês, é possível encontrar no domínio pronominal indexicais com comportamento monstruoso.

O caso que queremos trazer à tona pode ser ilustrado pela seguinte situação: imagine que, ao fim de uma peça de teatro, uma repórter entrevista duas atrizes, a Ana e a Joana, que interpretam, respectivamente, a Maria e a Mariana na peça, e pergunta à Ana:

- (112) O que você acha que poderia ser feito para que a peça melhorasse?

Ao que Ana responde com a sentença em (113).

- (113) *Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela* (apontando para Joana).

A sentença (113), como veremos, coloca uma série de problemas bastante complexos e uma análise completa da sentença foge ao escopo desta dissertação, mas um olhar um pouco mais detalhado sobre os indexicais envolvidos, nos revela que há mais de um contexto sendo modificado, o que leva a crer que há um operador-monstro atuando. Vejamos isso em passos.

Em primeiro lugar, vamos considerar o contexto c^* , no qual temos Ana e Joana, e o contexto ficcional (da peça em questão) c' , no qual temos Maria e Mariana. Assim sendo, uma análise correta da sentença em (113) seria como em (114), com os contextos mobilizados explicitados em (115).

- (114) *Ana* acha que *Maria* poderia morar mais perto de *Mariana*.

- (115) Eu_{c^*} acho que $eu_{c'}$ poderia morar mais perto $dela_{c'}$ (apontando para Joana).

É importante salientar que a interpretação dada em (115) é nossa interpretação preferencial para uma situação como essa, no entanto, não podemos descartar uma interpretação como a dada em (a) e em (117), que é menos saliente ou relevante; tal interpretação é gerada pela abordagem de Kaplan (1989) para os indexicais (aliás, a única que sua teoria pode gerar.). As únicas interpretações que não são possíveis, para essa situação, estão dadas em (b) e (c)¹².

- (a) Eu_{c^*} acho que eu_{c^*} poderia morar mais perto $dela_{c^*}$.

- (b) * $Eu_{c'}$ acho que $eu_{c'}$ poderia morar mais perto $dela_{c'}$.

¹²Agradecemos ao parecerista anônimo da Revista Letras (UFPR) que chamou atenção a esses aspectos, quando da emissão do parecer favorável à publicação do artigo *Monstros no discurso (meta)ficcional*, nessa revista.

(c) * $Eu_{c'}$ acho que eu_{c^*} poderia morar mais perto $dela_{c'}$.

Essas restrições de interpretação podem ser explicadas seguindo a argumentação apresentada em Schlenker (1999, 2003, 2010), que afirma que a mudança do contexto de avaliação de um indexical só ocorre após um verbo de atitude ou *dicendi*, o que impossibilitaria qualquer configuração que começasse com ‘ $Eu_{c'}$ acho que...’. Partindo dessa ideia já eliminamos a interpretações (b) e (c). No entanto, ainda é importante mencionar a proposta de Anand e Nevins (2004), de que há uma regra que se aplica aos indexicais modificados, qual seja, a de que se um indexical torna-se monstruoso sob o escopo de um operador de atitude, os demais indexicais que estão no escopo desse mesmo operador devem se tornar monstruosos também. Essa é uma “[...] central empirical generalization for languages that allow indexical shift in embedded contexts: all indexicals within a speech-context domain must shift together” (ANAND; NEVINS, 2004, p. 2). Assim sendo, a partir dessa generalização eliminaríamos a interpretação (c).

Voltando ao nosso exemplo e à interpretação que nos interessa, dada em (115), a sentença em (113) é proferida, como resposta à questão, por uma atriz (Ana) direcionada à outra atriz (Joana); em (113) percebemos que a primeira ocorrência de ‘eu’ se refere à Ana, como falante do contexto c^* , já o segundo ‘eu’ faz referência ao contexto ficcional e à personagem interpretada por Ana na peça (Maria), assim, como o indexical ‘dela’ se refere à personagem que Joana interpreta (Mariana) e não à Joana como interlocutora de c^* . Por conta disso, temos a seguinte situação: o indexical ‘eu’ com índice c^* faz referência ao não-ficcional, ou seja, a Fat, já ‘eu’ e ‘dela’ com índice c' fazem referência ao ficcional, a Fic¹³. Desse modo, uma paráfrase adequada para (113) seria como a dada em (116) e certamente não como a dada em (117)¹⁴, que é resultado da avaliação de todos os indexicais de (113)

¹³Como se trata de uma peça de teatro, podemos imaginar que no futuro quaisquer outras atrizes, a Sandra e a Vanessa, interpretem Maria e Mariana. Suponha então uma situação similar à de (113), na qual uma repórter pergunta à Sandra “O que você acha que poderia ser feito para que a peça melhorasse?”, suponha também que a resposta de Sandra seja como a de Ana, “Eu acho que eu poderia morar mais perto dela (apontando para Vanessa)”. Nessa situação, a paráfrase mais adequada para a resposta de Sandra é “Sandra acha que Maria poderia morar mais perto de Mariana” e não “Sandra acha que Sandra poderia morar mais perto de Vanessa”, o que mostra que o contexto mobilizado após ‘acho que’ é o contexto ficcional (c'), no qual o agente do exemplo ilustrado será Maria.

¹⁴Note, contudo, que (117) não é impossível, mas é menos saliente/relevante na

com relação ao contexto de proferimento.

(113) *Eu acho que eu poderia morar mais perto dela.*

(116) *Ana acha que Maria poderia morar mais perto de Mariana.*

(117) *Ana acha que Ana poderia morar mais perto de Joana.*

Em relação à sentença em (113) é importante ainda notar a presença do verbo de atitude ‘achar que’ e também que a mudança de Fat para Fic dentro do proferimento não se relaciona exclusivamente à coordenada de mundo ou tempo do contexto, aspectos que vinham sendo analisados nas abordagens para Fic, e sim à coordenada agente do contexto e também ao objeto demonstrado (para o caso do apontamento à Joana). De fundamental importância é, também, a presença do verbo modal (‘poderia’) e sua interação com outros elementos da sentença (notadamente com o operador-monstro que estamos prestes a propor).

Nosso objetivo é apresentar uma solução para (113) nas linhas da proposta de Predelli (2008), ou seja, lançando mão de operadores-monstros. Antes, contudo, de partirmos para tal proposta, é interessante avaliarmos alternativas para a análise do proferimento em (113), não apenas como reforço da AM, mas para exaurir as alternativas. Nossa busca começa na proposta de ambiguidade, e também, consideramos os usos atributivos dos indexicais.

3.6.1 Exaurindo alternativas de análise

Uma alternativa de análise dos indexicais utilizados no proferimento de (113) é a explicação por ambiguidade lexical; a palavra ‘eu’ teria dois significados diferentes: “falante ou agente do contexto” e, por exemplo, “a personagem que o falante do contexto interpreta”. No entanto, apelar para ambiguidades é sempre uma manobra arriscada, ainda mais quando se trata de um item como um pronome. Além disso, novamente, a ambiguidade proposta resultaria exatamente no que um operador-monstro faria: mudar o contexto de fixação de ‘eu’; haveria um ‘eu*’ e um ‘eu’. Contudo, como há línguas nas quais tal marcação é feita formalmente, o apelo à ambiguidade de ‘eu’ fica enfraquecido e fere, também, a assunção de praticamente todos os semanticistas e

situação descrita.

filósofos; “O significado de ‘eu’ é sempre perfeitamente determinado: trata-se do falante.” (CHIERCHIA, 2003, p. 65). Portanto, se considerarmos que o indexical ‘eu’ sempre se refere ao falante do contexto, e o que muda é justamente o contexto (através de um operador-monstro), podemos dar conta do caso em questão sem recorrer à ambiguidade. Assim sendo, cremos que devemos postular ambiguidade apenas se não houver alternativa possível para a análise de ‘eu’ em casos como o da sentença em (113)¹⁵.

Há, também, a alternativa de que pelo menos um dos ‘eu’ em (113) seja usado atributivamente. Nesse caso, como o indexical que parece problemático é o segundo, poderíamos considerar que o primeiro indexical ‘eu’ tem uma leitura referencial, pois se refere ao falante do contexto de proferimento da sentença, um indivíduo particular determinado, já o segundo ‘eu’ está sendo usado atributivamente, ou seja, mostra “[...] the ability of pronominal indexicals to function quite similarly to definite descriptions” (ABBOTT, 2010, p. 206). Conforme a literatura sobre o uso descritivo de indexicais (RECANATI, 2005; NUNBERG, 1993; ELBOURNE, 2008), propõe-se que a descrição que substitui o indexical está pelo “papel” (*role*) desempenhado pelo “alvo” do indexical, como os exemplos de (118) a (121) mostram.

- (118) *Ele* costumava ser italiano. (dito por alguém apontando para o Papa Bento XVI)
- (119) *O Papa* costumava ser italiano.
- (120) A constituição *me* dá a palavra final. (dito por Dilma Rouseff numa reunião de cúpula)
- (121) A constituição dá *ao presidente* a palavra final.

Nas paráfrases em (119) e (121) fica claro que a contribuição do indexical é de fato o papel desempenhado pelo seu “alvo” ou “índice” (cf. NUNBERG, 1993; ELBOURNE, 2008). Se aplicarmos os mesmos princípios para o exemplo em (113), o resultado seria algo como em (122).

- (122) Ana acha que *a atriz que interpreta Maria* poderia morar mais perto *da atriz que interpreta Mariana*.

¹⁵Note que numa saída como essa ecoa a proposta de Lewis para ‘real’ e derivados; e, obviamente, padece dos mesmos problemas, pois qualquer abordagem que não envolva ambiguidade é mais interessante do que uma que envolve, até mesmo porque é muito provável que em outras línguas a mesma sentença apresente a mesma leitura.

Através da paráfrase em (122), em que usamos descrições definidas no lugar dos indexicais, em primeiro lugar, não chegamos à interpretação obtida do proferimento em (113), em segundo lugar, a descrição definida, resultado do uso atributivo, dá a ideia de que ‘eu’ se refere a alguém, qualquer que seja, e, por isso, não tem um indivíduo específico como referente. No entanto, isso não é adequado, pois ao avaliar o indexical ‘eu’ com índice c' temos em mente um referente particular determinado, *i.e.*, Maria. Logo, o uso atributivo como explicação alternativa para as duas ocorrências do indexical ‘eu’ na sentença em (113) também não se conforma à nossa intuição.

Depois dessa confessadamente superficial consideração das alternativas, podemos voltar nossa atenção para a solução das questões impostas pelos indexicais em (113), que leva em conta a ideia de operadores-monstros.

3.6.2 Operador-monstro-metaficcional: ampliação do operador-monstro-modal

O operador que precisamos para dar conta da sentença em (113) em muito se assemelha ao FM proposto em Predelli (2008), porém, ao invés de mudar apenas a fixação dos indexicais ligados à coordenada de mundo do contexto, deve mudar também a fixação de outras coordenadas, como a de agente do contexto (c_a). Por conta desse novo operador ter sua abrangência alargada, em relação ao operador proposto pela AM, *i.e.*, não atuar somente sobre os indexicais que se relacionam à coordenada de mundo do contexto, e sim, sobre os indexicais que se relacionam às coordenadas de pessoa, passamos a denominar a nova versão do operador-monstro-modal de *operador-monstro-metaficcional*. Considere a seguinte definição desse novo operador.

$\llbracket FM^\#(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w'} = V$, onde c' é como c , exceto que (i) $c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c,w}$ e (ii) $K(c')$, onde K é alguma coordenada do contexto ficcional relevante (como c_a, c_h, c_l , etc.)

Ou seja, com o operador $FM^\#$ o mundo do contexto é o mundo estabelecido pela ficção. Contudo, outras coordenadas contextuais podem ser também modificadas, as quais chamamos de coordenadas relevantes, e nesses casos são as coordenadas do contexto ficcional que

são utilizadas para a fixação do valor de termos indexicais. Obviamente, seria necessário definir, e talvez prever minimamente, quais seriam as coordenadas contextuais relevantes a serem alteradas nos proferimentos. No entanto, no presente texto nos concentraremos apenas nos indexicais ‘eu’ e ‘ela’ e deixaremos a definição de “coordenadas relevantes” para um próximo estudo. A ideia é que, na estrutura em questão, é possível mudar quaisquer coordenadas do contexto (quando isso se fizer necessário).

Com o operador que propomos, é possível mobilizar o contexto ficcional c' para fixar o valor do segundo ‘eu’ e de ‘dela’ em (113), alcançando o resultado correto, que é, respectivamente, Maria e Mariana.

É necessário, contudo, resolver ainda uma questão: em (113) levamos em conta o contexto c^* para a primeira ocorrência de ‘eu’ e o contexto ficcional c' para a segunda ocorrência de ‘eu’, como delimitar, então, o uso de um ou outro contexto? Seguindo a proposta de Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011), a solução para tanto está justamente no verbo de atitude ‘achar que’. De acordo com o autor, todo verbo desse tipo é uma espécie de fronteira entre contextos, eles podem indicar que o contexto de proferimento deve ser considerado, ou então que outros contextos devem ser levados em conta; em suma, verbos de atitude são potencialmente operadores-monstros, como vimos no Capítulo 2, e os operadores de atitude modificam o contexto de avaliação das expressões indexicais temporais ‘em dois dias’ e ‘dois dias atrás’. Partindo desse pressuposto, o que temos para a análise da sentença em (115), *grosso modo*, é o que é dado em (123).

(115) Eu_{c^*} acho que $eu_{c'}$ poderia morar mais perto $dela_{c'}$.

(123) $\lambda w [\lambda c [eu(c) \text{ acho-que}]]c^* [\lambda c FM^\#(\alpha, [eu(c) \dots ela(c)])(c')];$
em que c' é o contexto da ficção dado por $\llbracket \alpha \rrbracket$.

Em (123) temos o contexto de proferimento c^* para fixar os indexicais fora do escopo de $FM^\#$, o verbo de atitude ‘achar que’ como delimitador de fronteira contextual e o operador-monstro $FM^\#$ como o responsável por efetuar uma mudança contextual que fornecerá o contexto ficcional (c') no qual os indexicais sob seu escopo encontram seus valores, conforme explicitado em (124).

(124) $FM^\#(\alpha, eu \text{ poderia morar mais perto dela})$

(AM $\#'$) $\llbracket FM^\#(\alpha, \varphi) \rrbracket_{c,w} = V$ sse $\llbracket \varphi \rrbracket_{c',w'} = V$, onde c' é como c , exceto que (i) $c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c,w}$, e

(ii) $K(c')$, onde K é alguma coordenada do contexto ficcional relevante (como c_a, c_h, c_l , etc.)

(AM#ⁿ) $\llbracket FM^\#(\alpha, \text{eu poderia morar mais perto dela}) \rrbracket_{c^*, w^*} = V$ sse $\llbracket \text{eu poderia morar mais perto dela} \rrbracket_{c', w'} = V$, onde c' é como c^* , exceto que (i) $c_{w^*} = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c^*, w^*}$, e (ii) $K(c')$, onde K é alguma coordenada do contexto ficcional relevante (como c_a, c_h, c_l , etc.)

Se substituirmos as coordenadas de agente do contexto c' e também os objetos/indivíduos apontados em c' , no trecho relevante, chegaremos à paráfrase em (116) (repetida abaixo), que é nossa interpretação da sentença (113), no que tange os indexicais envolvidos depois do verbo de atitude ‘achar que’.

(116) *Ana* acha que *Maria* poderia morar mais perto de *Mariana*.

A história é bastante complexa até aqui, mas falta ainda computar o verbo modal ‘poderia’ e o predicado verbal ‘morar’.

Com relação à ‘morar’ é preciso notar que o item, da mesma forma que os indexicais ‘eu’ e ‘dela’, deve ser avaliado em relação ao mundo ficcional, pois a mudança de localização das personagens se dá no mundo da ficção; portanto, a proposição (Maria, morar-mais-perto-de, Mariana) é avaliada nos mundos ficcionais. Note que isso já é feito pelo operador-monstro-metaficcional, $FM^\#$, ao garantir que o mundo a ser considerado é w' ($c_w = w'$, e w' é o mundo possível determinado por $\llbracket \alpha \rrbracket_{c, w}$).

A contribuição do verbo modal na sentença em (113) é bem mais complexa; uma paráfrase razoável para o papel desse verbo seria: nos mundos possíveis que estão de acordo com o que acredita o **falante**, a peça seria melhor se a personagem Maria se mudasse para mais perto da personagem Mariana. O termo em negrito, “o falante”, se refere a qual falante? Obviamente se refere à atriz que foi indagada, se refere à Ana. Podemos pensar que o modal tem uma fonte de ordenação teleológica, segundo a qual os mundos próximos do ideal (ou seja, mundos em que a peça é melhor) para o falante, são mundos ficcionais acessíveis, a partir da ficção relevante, nos quais Maria mora mais perto de Mariana.

Esse foi só um esboço do papel que o modal ‘poderia’ desempenha na sentença em (113), visto que uma análise completa desse item foge ao escopo desta dissertação. O nosso principal objetivo é mostrar que um operador-monstro-metaficcional, ampliação do operador-monstro-

modal (PREDELLI, 2008), é requerido pela sentença em (113), e também buscamos com a nossa proposta reforçar os argumentos de que os operadores-monstros são necessários para a descrição das línguas naturais. Além disso, se nossa análise estiver correta, o indexical ‘eu’ pode ser fixado em um contexto diferente do contexto de proferimento *hic et nunc*, contrariando o que foi proposto por Kaplan (1989) para todas as expressões indexicais em língua natural (abordagem apresentada no Capítulo 1) e por Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) para o indexical ‘I’ (eu) no caso do inglês (abordagem discutida no Capítulo 2). E também, que os contextos ficcionais podem ser mobilizados para fixar diferentes tipos de indexicais, além dos indexicais ligados à coordenada de mundo do contexto.

E, finalmente, a partir do caso que discutimos, também é possível notar que para o indexical ‘eu’ nem sempre o agente do contexto e o referente coincidem¹⁶. Assim sendo, apesar da paráfrase em (116) capturar nossa intuição sobre a interpretação da sentença em (113), temos também uma forte intuição de que a Ana é a agente de ambos os ‘eu’ presentes na sentença (113). Assim, é necessário aqui separar com cuidado a noção kaplaniana de ‘agente do contexto’ (que faz o proferimento) de ‘referente’ (indivíduo) do termo ‘eu’. Como mostram Corazza et al. (2002), em casos simples é possível igualar o agente do proferimento com o referente de ‘eu’; contudo, em diversos outros casos, tal equivalência não é possível. Considere o seguinte exemplo: imagine o professor A em sua sala conversando com um aluno; a sala do professor A é de frente à sala do professor B. O professor B não está e vários alunos batem à sua porta para depois irem embora. Irritado, o professor A escreve um bilhete com os dizeres ‘*Eu* não estou aqui agora’ e o cola na porta da sala do professor B. Para todos os efeitos práticos, o referente ‘eu’ do bilhete é o professor B; pense agora no ponto de vista do aluno, que viu o professor A escrevendo o bilhete; mesmo do seu ponto de vista, o referente do ‘eu’ será o professor B (pelo menos para manter a coerência e relevância da mensagem), contudo, o agente do ‘eu’ é certamente o professor A. Estamos, portanto, diante de um caso em que o agente e o referente de ‘eu’ não se equivalem, e algo semelhante vale para o exemplo em (113), em que, para o segundo ‘eu’, o agente do contexto é a Ana (atriz) enquanto que o referente que temos em mente é a Maria (personagem).

¹⁶Agradecemos ao parecerista anônimo da Revista Letras (UFPR) que também chamou atenção a esse aspecto, quando da emissão do parecer favorável à publicação do artigo *Monstros no discurso (meta)ficcional*, nessa revista.

3.7 OPERADORES-MONSTROS E INDEXICAIS MONSTRUOSOS: DIFERENÇAS NOS CONCEITOS APRESENTADOS

No Capítulo 2 já elaboramos as diferenças entre as concepções de operador-monstro e indexicais monstruosos de Schlenker (1999, 2003, 2010) e de Kaplan (1989). Segundo o que discutimos naquele momento, o conceito de operador-monstro de Schlenker é mais estreito do que o de Kaplan. Acima de tudo porque Schlenker evidencia em seus dados linguísticos e análises que um operador-monstro é capaz de mudar o contexto de avaliação de um indexical em seu escopo do contexto de proferimento (c^*) para o contexto reportado (c'). Isso se dá, por que ele baseia suas investigações em contextos que englobam situações de discurso direto e de discurso indireto.

Para Kaplan (1989), por sua vez, apesar do autor não admitir a existência de operadores-monstros e indexicais monstruosos em língua natural, o conceito de operador-monstro é bem mais amplo. O filósofo afirma que um operador como o de atitude, por exemplo, é um monstro se permite que o indexical sob seu escopo seja avaliado em um contexto diferente do contexto de proferimento (c^*). Dessa maneira, Kaplan (1989) não restringe aos contextos de relato os contextos em que um indexical monstruoso pode ser avaliado, assim como faz Schlenker.

Tendo retomado as duas visões sobre operadores-monstros e indexicais monstruosos apresentadas nos Capítulo 1 e 2, lançamos as seguintes questões que surgem após a apresentação e análise de uma sentença como ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’ do PB em que há indexicais monstruosos. As questões serão respondidas na seção seguinte.

- (1) Os indexicais monstruosos da sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’, especificamente, os indexicais após o operador de atitude, são avaliados no contexto reportado (o contexto de fixação previsto por Schlenker para os indexicais monstruosos)?
- (2) Há leitura *de se* dos indexicais monstruosos dessa sentença, como os critérios de Schlenker prevêem para indexicais monstruosos?
- (3) O contexto ficcional é um tipo de contexto reportado?
- (4) À qual concepção de operador-monstro e de indexical monstruoso (Kaplan (1989) ou Schlenker (1999, 2003, 2010)) se encaixam os inde-

xicais monstruosos dessa sentença?

3.7.1 A concepção de operador-monstro e indexical monstruoso mais adequada para as línguas naturais

Nesta seção tentaremos fornecer respostas às questões propostas na seção anterior. Os problemas levantados por essas questões são importantes para que se escolha e se defina a abordagem de operador-monstro e de indexicais monstruosos mais adequada para análise de dados das línguas naturais.

Embora os indexicais analisados no Capítulo 2 tenham se adequando à concepção de operador-monstro e de indexicais monstruosos de Schlenker (1999, 2003, 2010) e tenham satisfeito todos os critérios que o autor estabeleceu para que indexicais sejam considerados monstruosos, inclusive serem interpretados *de se*. O exemplo que é o foco de análise neste capítulo e que traz as sentenças metaficcional para o cenário de análises desta dissertação não se acomoda às reformulações (da teoria kaplaniana para os indexicais) propostas por Schlenker.

Podemos afirmar isso, pois em ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’, os indexicais monstruosos ‘eu’ e ‘dela’ não recebem seus valores semânticos de nenhum contexto reportado, e sim de um contexto ficcional, da peça de teatro em que as atrizes atuam.

Por conta desse primeiro aspecto, os indexicais citados não são, e não podem ser interpretados *de se*. Segundo Schlenker (1999, 2003, 2010), para que fossem interpretados *de se* eles deveriam ter sido proferidos em discurso direto (provavelmente pelas personagens, Maria e Mariana) para receberem os valores semânticos do contexto reportado na sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’. Em outras palavras, para que a nossa intuição de que o referente do indexical ‘eu’ é Maria e do indexical ‘dela’ é Mariana fosse satisfeita, de acordo com a concepção de Schlenker, é necessário que tivesse ocorrido um proferimento da personagem Maria como (a) (que não é caso nessa situação).

(a) Eu poderia morar mais perto dela.

Desse modo, o exemplo encontrado no PB não é satisfatoriamente modelado e analisado se tomarmos os conceitos de operadores-monstros e indexicais monstruosos de Schlenker, já que eles fornecem uma análise incorreta da sentença metaficcional e da situação em que

ela ocorreu. Isso tudo nos leva a afirmar que o critério que exige que o indexical monstruoso tenha interpretação *de se* quando mudado, é uma estipulação da teoria de Schlenker e não uma exigência das línguas naturais. A sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’ é uma prova de que não é necessário que o indexical monstruoso seja interpretado *de se*. Além disso, também não é adequado afirmar que indexicais monstruosos são avaliados em contextos reportados, pois nesta sentença os indexicais monstruosos são avaliados em um contexto ficcional, que não está sendo reportado, visto que não houve um discurso direto anterior à sentença em questão.

Portanto, a concepção de monstros que se ajusta às exigências das línguas naturais, pelo menos no que tange os dados encontrados no PB, é a de Kaplan (1989) (apesar do autor não aceitar que existam monstros em línguas naturais) que é mais ampla. Essa concepção afirma que os termos monstruosos são aqueles avaliados em um contexto diferente do contexto de proferimento (c^*) e, portanto, serve para os indexicais da sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’ que recebam seu valor semântico a partir do contexto ficcional e não de um contexto reportado, como exige Schlenker e a sua concepção estreita de monstros.

3.8 SUMÁRIO

Neste Capítulo introduzimos outra espécie de operador-monstro capaz de modificar o contexto de avaliação do indexicais em seu escopo, se trata do operador-monstro-modal encontrado no discurso metafictional. Esse operador, abordado em Predelli (2008), diferentemente do operador de atitude (abordado por Schlenker) não é marcado linguisticamente em todas as sentenças metafictionais, em alguns casos só pode ser visualizado na forma lógica. Os casos em que o operador-monstro-modal é encontrado linguisticamente marcado é quando temos uma locução da forma ‘de acordo com a ficção x ’. Dessa maneira, pode-se dizer que a locução ‘de acordo com a ficção x ’ é a materialização do operador-monstro-modal nas sentenças metafictionais.

O operador que Predelli (2008) propõe, o operador-monstro-modal, atua mudando o mundo em que os indexicais são avaliados e, por consequência, muda o contexto de c^* para c' , e também o contrário, pode mudar o contexto de c^* para c' e, por consequência, mudar o mundo. Viu-se que esse operador-monstro dá conta de casos de sentenças metafictionais que possuem indexicais, como ‘na realidade’,

que se ligam à coordenada de mundo do contexto relevante. Assim, a AM conseguiu fornecer as condições de verdade adequadas à nossa intuição para as sentenças metaficcionalis com indexicais, ao contrário das abordagens semânticas clássicas, como a Abordagem Tradicional e a Abordagem de Mudança de Contexto.

Na seção 3.6.2, postulamos uma análise nas mesmas linhas da AM para dar conta de sentenças como ‘*Eu acho que eu poderia morar mais perto dela*’ dita por atores como comentários sobre uma dada ficção. Nessa proposta, estendemos a abrangência do operador-monstro-modal para além da mudança no contexto de avaliação dos indexicais ligados às coordenadas de mundo, ou seja, alargamos a atuação do operador-monstro para os indexicais do domínio pronominal. Por conta disso, o operador-monstro-modal de Predelli, passou a chamar-se *operador-monstro-metaficcional*, já que não se restringe ao domínio modal.

Nossa proposta ainda deve ser trabalhada, mas cremos tratar-se de um avanço interessante tanto na defesa de operadores-monstros, quanto na investigação semântica de sentenças metaficcionalis com indexicais, e, se estiver correta, mostra que os contextos mobilizados para a fixação do valor de indexicais podem ser contextos ficcionais e não somente contextos *hic et nunc*. Além disso, mostra que um indexical como ‘eu’ pode ser fixado em contextos diferentes do contexto de proferimento no PB e também no inglês, no mínimo, se ocorrer no discurso metaficcional.

E para finalizar, mostramos que a abordagem de Kaplan (1989), apesar de negar a existência de operadores-monstros em línguas naturais, fornece a concepção mais adequada dessas estruturas, já que ela não restringe a contextos de relato (assim como fez Schlenker) os contextos em que os indexicais monstruosos podem receber o seu valor semântico. Afirmamos que a concepção de Kaplan (1989) é a mais adequada, pela impossibilidade de analisar a sentença do PB, ‘*Eu acho que eu poderia morar mais perto dela*’, que possui indexicais monstruosos, de maneira adequada a nossa intuição e, ao mesmo tempo, utilizando as considerações de Schlenker para operadores-monstros e os critérios para indexicais monstruosos propostos pelo autor.

CONCLUSÃO

Os objetivos desta dissertação foram abordar e esclarecer os principais elementos e concepções para análise semântica dos indexicais e as questões que ainda são motivo de desacordo em relação a essas expressões. Para fazer isso, tratamos dos aspectos considerados necessários para a análise semântica desses itens e que podem ser encontrados em estudos como Kaplan (1989), Schlenker (1999, 2003, 2010, 2011) e Predelli (2008), entre outros. Além disso, procuramos identificar quais aspectos e pontos de vistas conceptuais são mais adequados para a análise dos dados encontrados no PB.

No Capítulo 1 abordamos a principal teoria semântica dos indexicais, proposta por Kaplan (1989). Esse autor propôs funções para a determinação do significado das expressões linguísticas: o caráter e o conteúdo. Com base nessas funções e em dados do inglês, Kaplan faz uma afirmação, que é um dos pontos mais criticados na abordagem dele, de que só o conteúdo dos indexicais pode ser controlado por operadores, enquanto que o caráter desses elementos não pode ser controlado por operador nenhum em língua natural. Operadores capazes de atuar sobre o caráter dos indexicais, ou seja, mudar o contexto de fixação dessas expressões são chamados de monstros pelo filósofo.

No Capítulo 2, foram analisados dados do PB com base nas concepções e reelaborações da teoria de Kaplan (1989) propostas por Schlenker. Verificamos que os verbos *dicendi*, no PB, são os operadores-monstros capazes de modificar o contexto de avaliação do indexicais sob seu escopo, e que os indexicais monstruosos que se adequaram aos critérios propostos por Schlenker para a determinação do comportamento monstruoso foram ‘em dois dias’ e ‘dois dias atrás’, do domínio temporal. Lançamos, também, especulações sobre a existência de um indexical monstruoso no domínio de localização, o indexical ‘aqui’, que na sentença analisada está linguisticamente oculto; ao assumir que o indexical ‘aqui’ é monstruoso, assumimos que esse indexical nem sempre está expresso na sentença analisada, mas mesmo assim é determinante para a interpretação.

Constatamos, no Capítulo 3, que também há indexicais monstruosos no discurso metaficcional no PB, e que esses casos são explicados de maneira adequada e econômica através de uma teoria baseada em operadores-monstros. Além disso, para dar conta da sentença ‘*Eu acho que eu poderia morar mais perto dela*’, para qual o operador-monstro-

modal de Predelli (2008) é insuficiente, propomos o operador metaficcional (BASSO; TEIXEIRA, 2011), ampliação do operador de Predelli. Esse operador tem por incumbência modelar o fato de que o agente do contexto do segundo ‘eu’ e o indivíduo apontado, representado pelo indexical ‘dela’, devem ser fixados no contexto ficcional, diferente do primeiro item ‘eu’ que tem seu valor fixado no contexto de proferimento *hic et nunc* e não-ficcional.

A partir da comparação das propostas teóricas de Kaplan, Schlenker e Predelli chegamos aos elementos de análise semântica usados por cada um deles, que são caracterizados a seguir:

(i) Kaplan (1989) que construiu a principal teoria semântica para os indexicais inaugurou os elementos básicos para a análise dessas expressões: o *contexto* é construto formal e do qual os indexicais recebem seu valor semântico; os *mundos possíveis* são os elementos responsáveis pelo conteúdo dos indexicais e pelo seu valor de verdade; o *caráter* é uma parte do significado e não pode ser controlado por operadores em língua natural; o *conteúdo* também faz parte do significado dos indexicais e pode sofrer influência de operadores em língua natural; os *operadores de atitude* são quantificadores sobre mundos possíveis; os *operadores-monstros* só existem em linguagem formal, são operadores capazes de atuar sobre o caráter dos indexicais sob seu escopo; os *indexicais monstruosos* são elementos avaliados em um contexto diferente do contexto de proferimento e estruturas não encontradas em língua natural, exceto em citações diretas.

(ii) Schlenker (1999, 2003, 2010), que reformulou alguns aspectos da teoria semântica proposta por Kaplan (1989), apresenta os elementos de análise para os indexicais assim caracterizados: os *contextos* foram mantidos como na abordagem kaplaniana, ou seja, são construtos formais compostos por um agente, um tempo, um local, um ouvinte e um mundo possível do contexto que formam a ênupla contextual; os *mundos possíveis* são os responsáveis pelo valor de verdade dos indexicais; o *caráter* pode ser controlado por operadores em línguas naturais; o *conteúdo* também pode sofrer influência de operadores em língua natural; os *operadores de atitude* são quantificadores sobre contextos; os *operadores-monstros* são os verbos de atitude ou verbos *dicendi*, que podem mudar o contexto de avaliação dos indexicais em seu escopo; os *indexicais monstruosos* são avaliados no contexto reportado e não no contexto de proferimento.

(iii) Predelli (2008), por sua vez, para tratar do discurso metafictional com indexicais e apresentar sua Abordagem Monstro, utiliza concepções que se assemelham, em partes, às concepções de Kaplan (1989) e, em partes, às concepções de Schlenker (1999, 2003, 2010). O autor utiliza as mesmas ideias de Kaplan (1989) para os *contextos*, os *mundos possíveis*, já as concepções de *caráter* e de *conteúdo* são aspectos que se assemelham aos propostos por Schlenker (1999, 2003, 2010), visto que Predelli (2008) aceita que, tanto o conteúdo, quanto o caráter dos indexicais pode ser controlado por operadores em língua natural. É preciso notar que as concepções de *operadores-monstros* e de *indexicais monstruosos* que se encaixam à Abordagem Monstro de Predelli (2008) estão mais próximas das de Kaplan (1989), já que nas sentenças com indexicais monstruosos, analisadas em Predelli (2008), o valor semântico dos indexicais é fixado a partir dos contextos ficcionais e não dos contextos reportados, como afirma Schlenker. Se a abordagem de operadores-monstros e de indexicais monstruosos de Schlenker fosse assumida pelo autor, não seriam explicadas adequadamente as intuições sobre os indexicais monstruosos presentes nas sentenças metafictionais, já que Schlenker afirma que indexicais monstruosos são avaliados no contexto reportado, que não é um contexto válido para a maioria das sentenças metafictionais. Além da diferença em relação aos conceitos apresentados por Schlenker, o operador-monstro definido em Predelli (2008) é um operador ficcional, que pode ser representado por locuções como: ‘de acordo com a ficção x’, ‘na peça x’, entre outras, que se diferenciam muito do operador-monstro apontado por Schlenker, o operador de atitude.

A partir da comparação entre os elementos de análise semântica utilizados por cada autor e tendo analisado dados do PB em que os indexicais monstruosos podem ser avaliados em contextos ficcionais e não-ficcionais, chegamos à conclusão de que a concepção de operador-monstro e de indexical monstruoso de Schlenker é muito estreita para dar conta de todos dados com que nos deparamos nesta dissertação. Schlenker afirma que um indexical monstruoso será avaliado no contexto reportado, ideia que funcionou bem para os dados do Capítulo 2, no entanto, o contexto reportado não está disponível para que os indexicais monstruosos da sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’ (segundo ‘eu’ e ‘dela’) sejam fixados; esses indexicais se fixam no contexto ficcional relevante, da peça de teatro. E por conta da limitação desses conceitos de Schlenker, também o critério,

estabelecido pelo autor, que exige que indexicais monstruosos sejam interpretados *de se*, não é adequado para o caso dos indexicais monstruosos metaficcionalis.

É preciso ressaltar nesta conclusão que através dos dados encontrados nesta dissertação mostramos que o PB reúne argumentos, aos já existentes e encontrados no inglês e no amárico, para comprovar que as línguas naturais têm operadores-monstros e indexicais monstruosos e que a proibição contra monstros de Kaplan (1989) está equivocada. Além disso, verificamos que para os dados do PB que analisamos é necessário uma abordagem de operadores-monstros e indexicais monstruosos mais ampla do que a que Schlenker oferece. Assim sendo, somos levados a afirmar que a concepção de operador-monstro a ser levada em conta tanto para os monstros que encontramos no Capítulo 2 quanto dos monstros do Capítulo 3 é a de Kaplan (1989). Em relação a isso, ainda podemos afirmar mais: que a necessidade de uma leitura *de se* dos indexicais monstruosos, proposta pelos critérios de Schlenker (2003, 2010), é uma estipulação da teoria do autor e não uma exigência das línguas naturais.

Apesar das descobertas em relação aos indexicais e aos dados do PB feitas nesta dissertação, ainda ficam, muitas tarefas a serem realizadas, entre elas, buscar indexicais monstruosos sob o escopo do operador de atitude em outros domínios, além do domínio temporal; ampliar a lista de indexicais monstruosos do domínio temporal; e ainda, caracterizar de maneira mais pontual o ambiente propício para o desenvolvimento de indexicais monstruosos. Em relação ao discurso metaficcional e ao operador metaficcional esboçado, é necessário especificar, minimamente, quais são as coordenadas relevantes do contexto sobre as quais o operador metaficcional atua. Além disso, é necessário analisar integralmente a sentença ‘*Eu* acho que *eu* poderia morar mais perto *dela*’, ou seja, modelar totalmente a contribuição do modal e dos demais elementos da sentença e, principalmente, como se dá a interação entre o operador de atitude ‘*acho que*’ e o operador metaficcional. Tarefas que, feliz ou infelizmente, ficarão para um outro momento.

REFERÊNCIAS

- ABBOTT, B. *Reference*. New York: Oxford University Press, 2010.
- ANAND, P. *De De Se*. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, USA, 2006.
- ANAND, P.; NEVINS, A. *Shifty operators in changing contexts*. 2004. Disponível em: <<http://www.fas.harvard.edu/lingdept/IndexicalityWorkshop/anandnevins04.pdf>>. Acesso em: Julho 2011.
- BAR-HILLEL, Y. Indexical expressions. *Mind*, n. 63, p. 359–379, 1954.
- BASSO, R. M.; TEIXEIRA, L. R. Monstros no discurso (meta)ficcional. *Revista Letras (UFPR)*, v. 83, p. 133–162, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/view/21714/17329>>.
- BRANQUINHO, J. et al. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CASTANEDA, H. N. Indicators and quasi-indicators. *American Philosophical Quarterly*, n. 4, p. 85–100, 1967.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003. 688 p. Tradução: Luiz A. Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari.
- CHIERCHIA, G.; MCCONNELL-GINET, S. *Meaning and Grammar: an introduction to semantics*. USA: MIT Press, 1990. 492 p. (5ª ed. 1996).
- CLEMENTS, G. N. The logophoric pronoun in ewe: its role in discourse. *Journal of West African Languages*, n. 10, p. 141–177, 1975.
- CORAZZA, E. *Reflecting the Mind: Indexicality and Quasi-Indexicality*. New York: Oxford University Press, 2004.
- CORAZZA, E.; FISH, W.; GORVETT, J. Who is i? *Philosophical Studies.*, v. 107, p. 1–21, 2002.
- CUNHA, M. A. F. O complemento dos verbos de enunciação. *Linguística*, v. 2, n. 1, p. 69–84, 2006. UFRJ.

ELBOURNE, P. D. Demonstratives as individual concepts. *Linguistics and Philosophy*, n. 31, p. 409–466, 2008.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: ALCOFORADO, P. (Ed.). *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1892. p. 129–158.

FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978. Org. e trad.: Paulo Alcoforado.

FRIGG, R. Fiction in science. In: WOODS, J. (Ed.). *Fictions and Models: New Essays*. Munich: Philosophia Verlag, 2010. p. 247–287.

HYMAN, L. M.; COMRIE, B. Logophoric reference in gokana. *Journal of African Languages and Linguistics*, v. 3, p. 19–37, 1981.

KAPLAN, D. Demonstratives: An essay on the semantics, logic, metaphysics, and epistemology of demonstratives and other indexicals. In: ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (Ed.). *Themes from Kaplan*. New York: Oxford University Press, 1989. p. 481–563.

KRIPKE, S. *Naming and Necessity*. USA: Harvard University Press, 1980. (1^a ed. 1972).

KUSOMOTO, K. Tenses as logophoric pronouns. 1998. Hand-out of talk given at the MIT/UConn/UMass Semantics Workshop.

LEEZENBERG, M. *Contexts of Metaphor*. Oxford: Elsevier Science Ltd, 2001.

LEWIS, D. Anselm and actuality. *Nous*, n. 4, p. 175–188, 1970. (Reprinted in: LEWIS, D. *Philosophical Papers I*. Oxford: Oxford University Press, p. 10–25, 1983).

LEWIS, D. Truth in fiction. *American Philosophical Quarterly*, n. 15, p. 37–46, 1978.

LEWIS, D. *Attitudes de dicto e de se*. Oxford: Oxford University Press, 1983. In: SCHLENKER, P. *Indexicality and De Se Reports*, 2010.

MOUNT, A. The impurity of ‘pure’ indexicals. *Philosophical Studies*, v. 138, n. 2, p. 193–209, 2008.

NUNBERG, G. Indexicality and deixis. *Linguistics and Philosophy*, n. 16, p. 01–43, 1993.

- PERRY, J. *The Problem of the Essential Indexical and Other Essays*. New York: Oxford University Press, 1993. In: SCHLENKER, P. *Indexicality and De Se Reports*, 2010.
- PERRY, J. Indexicals and demonstratives. In: HALE, B.; WRIGHT, C. (Ed.). *A Companion to the Philosophy of Language*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 1997. p. 586–612.
- PIERCE, C. S. Logic as semiotic: the theory of signs. 1902. (Reprinted in: BUCHLER, J. (Ed.) *Philosophical Writings of Pierce*. New York: Dover, 1955, p.98-119.).
- PREDELLI, S. Talk about fiction. *Erkenntnis*, n. 46, p. 69–77, 1997.
- PREDELLI, S. Utterance, interpretation and the logic of indexicals. *Mind and Language*, n. 13, p. 400–414, 1998.
- PREDELLI, S. Modal monsters and talk about fiction. *Journal of Philosophical Logic*, n. 37, p. 277–297, 2008.
- QUINE, W. *Word and object*. USA: MIT Press, 1960. (MIT Press Paperback Series).
- RECANATI, F. Deixis and anaphora. In: SZABÓ, Z. G. (Ed.). *Semantics vs. Pragmatics*. Oxford: Clarendon Press., 2005. p. 286–316.
- REIMER, M. The ellipsis account of fiction-talk. *Studies in Linguistics and Philosophy*, n. 81, p. 203–215, 2005.
- RUSSELL, B. On denoting. *Mind*, v. 14, p. 479–493, 1905.
- SCHLENKER, P. *Propositional Attitudes and Indexicality: A Cross-Categorical Approach*. Tese (Doutorado) — Massachusetts Institute of Technology, USA, 1999.
- SCHLENKER, P. A plea for monsters. *Linguistics and Philosophy*, v. 26, p. 29–120, 2003.
- SCHLENKER, P. *Indexicality and De Se Reports*. 2010. Disponível em: <https://files.nyu.edu/pds4/public/Schlenker-Indexicality_and_De_Se.pdf>. Acesso em: Outubro 2010.
- SCHLENKER, P. *Indexicals*. 2011. Disponível em: <<https://files.nyu.edu/pds4/public/Indexicals.pdf>>. Acesso em: Maio 2011.